



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**  
**Curso de Mestrado em Letras**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



***A INSCRIÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR EM NARRATIVAS DO  
CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS***

**por**

**VANUSA MASCARENHAS SANTOS**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Doralice Fernandes Xavier Alcoforado**

**Salvador  
2007**



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**  
**Curso de Mestrado em Letras**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



***A INSCRIÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR EM NARRATIVAS DO  
CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS***

**por**

**VANUSA MASCARENHAS SANTOS**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Doralice Fernandes Xavier Alcoforado**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.**

**Salvador  
2007**

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

S237 Santos, Vanusa Mascarenhas.  
A inscrição da religiosidade popular em narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus / por  
Vanusa Mascarenhas Santos - 2007.  
182 f.

Inclui anexos.

Orientadora : Profª. Drª. Doralice Fernandes Xavier Alcoforado.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Literatura folclórica. 2. Religiosidade. 3. Criação (Literária, artística, etc.). I. Alcoforado, Doralice Fernandes Xavier. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 398.2

CDU - 398.5

## BANCA EXAMINADORA

Orientadora: \_\_\_\_\_

Examinador 1: \_\_\_\_\_

Examinador 2: \_\_\_\_\_

Aos meus pais, meus irmãos e minha irmã, pelo carinho e compreensão sempre.

Aos meus tios Georgio e Idalina, pelo apoio e pelo carinho.

As minhas primas Tainá, Gabriela e Letícia, pelo amor e paciência comigo.

A Doralice F. Xavier Alcoforado, pela amizade e confiança.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, meus irmãos e minha irmã, pelo apoio e incentivo sempre.

A Luciano, pelo carinho e pela compreensão.

A Doralice F. Xavier Alcoforado, pela orientação e pela confiança no meu trabalho.

À professora Edil Silva Costa, pelas contribuições e pelo diálogo, sempre profícuo.

Às amigas Admari Cajado, Roselana Trindade e Fernanda Mota, pelo apoio e pelas críticas bem-vindas.

A Antonio Eduardo Laranjeira, pela amizade e colaboração.

A toda equipe do PEPLP em especial a Breno Ramos e Daniela Lima e Priscila Almeida.

Aos contadores que forneceram o material para esse trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

Ao PPGLL, que forneceu a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

*Falando, Jesus mostrou  
Com ricos ensinamentos  
A nós, pobres pecadores,  
Porque são os sofrimentos  
Que, fracos, não aceitamos  
Nos nossos entendimentos.*

**Manoel D'Almeida Filho**

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise descritiva de um conjunto de textos coletados na oralidade baiana em pesquisa de campo pelo Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular. No entendimento de serem as narrativas orais mecanismos produtores de identidade cultural de grupos que as utilizam como estratégia para a invenção e manutenção de crenças e práticas culturais, este trabalho analisa um *corpus* constituído de narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus, a partir dos preceitos religiosos e das normas de comportamento que elas veiculam e também como estes aspectos repercutem na construção narrativa.

Palavras-chave: Literatura oral; religiosidade; criação literária.

## ABSTRACT

This study presents a descriptive analysis of a set of texts collected in the Baiana orality on a field research by the Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular (Program of Study and Research of the Popular Literature). Considering that the oral narratives are mechanisms producer of cultural identity of groups that use them as a strategy of invention and maintenance of beliefs and cultural practices, this study analyzes a *corpus* constituted by narratives of the São Pedro and Jesus cycle, from the religious principles and the norms of behavior which are conveyed by them as well as how these aspects reflect upon the narrative construction.

Keywords: Oral Literature; Religiosity; Literary Creation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. SUBJETIVIDADE E TRADIÇÃO NA TESSITURA DO TEXTO ORAL.....</b>	<b>15</b>
1.1 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE A ORALIDADE.....	15
1.2 O ENCANTAMENTO DO CONTAR.....	23
1.3 DIFERENTES INSCRIÇÕES DA RELIGIOSIDADE EM TEXTOS ORAIS .....	28
1.4 A DITA RELIGIOSIDADE POPULAR NORDESTINA .....	31
<b>2 HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE SÃO PEDRO E JESUS.....</b>	<b>37</b>
2.1 AS MÚLTIPLAS FACES DE SÃO PEDRO.....	39
2.1.1 AS ESTRIPULIAS E LOGROS DO SANTO PORTEIRO DO CÉU .....	42
2.1.2 SÃO PEDRO E JESUS EM ANDANÇAS NA TERRA .....	50
2.1.2.1 A HOSPITALIDADE .....	52
2.1.2.2 A RECUPERAÇÃO DO MALFEITOR .....	57
2.1.2.3 A RECUPERAÇÃO DO PREGUIÇOSO .....	59
2.1.2.4 SÓ JESUS FAZ MILAGRES.....	62
2.1.2.5 FAZER O BEM SEM OLHAR A QUEM .....	64
2.1.2.6 MALANDRAGENS DE SÃO PEDRO .....	67
2.1.2.6.1 SÃO PEDRO OU PEDRO MALASARTES?.....	70
<b>3 O CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS: MATRIZES ESCRITAS E ORAIS.....</b>	<b>74</b>
3.1 OS EVANGELHOS CANÔNICOS E ALGUNS ESCRITOS APÓCRIFOS .....	74
3.1.1 SÃO PEDRO NA PERSPECTIVA CANÔNICA E EM ESCRITOS APÓCRIFOS ..	84
3.2 HUMOR E EXEMPLO NO CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS .....	86
<b>(IN)CONCLUSÕES .....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

Quando me propus a estudar as narrativas orais coletadas pelo PEPLP<sup>1</sup> fui instigada pelo desejo de compreender como a religiosidade popular nordestina se configurava nesses textos. E, embora afirmasse que não pressupunha a existência de uma verdade sobre os nordestinos inscrita em suas produções, mas uma apresentação elaborada e autorizada por esses indivíduos, não tardei a perceber que em minhas primeiras tentativas de escrita continuava a buscar uma forma única de experiência religiosa, dando um peso excessivo ao momento da *performance* e às circunstâncias de (re)criação das narrativas.

Visualizei como objetivos primeiros: analisar as narrativas orais enquanto mecanismos discursivos que alimentam e sugerem práticas religiosas nas comunidades em que são produzidas; avaliar como a religiosidade popular nordestina estava sendo representada em narrativas coletadas na Bahia e estabelecer possíveis relações entre a estrutura narrativa e as formas de tratamento dispensadas à instância religiosa. No início da pesquisa não houve limitação quanto ao gênero textual; assim pretendia englobar lendas, contos e causos. Percebi, no entanto, que em cada um desses gêneros o elemento religioso estava inscrito de maneira particular, regido por mecanismos distintos e, além disso, o trabalho pareceu-me extensivo demais para uma dissertação de mestrado.

Diante do impasse, tornou-se urgente fazer um recorte que, na verdade, aconteceu um tanto por acaso, enquanto selecionava um possível *corpus* que trazia o elemento religioso. Deparei-me com São Pedro, um personagem não só muito instigante como também muito apreciado entre os contadores. Comecei então a pesquisar com afinco as narrativas em que ele aparecia. E, através das fichas de informantes e de fita<sup>2</sup>, comecei a localizar tais narrativas nas fitas cassete do acervo do PEPLP. Encontrei textos de datas e lugares diversos, contados e ouvidos por pessoas de idade e sexo diferentes, optei por uma ausência de limite tempo/espço, na tentativa de perceber possíveis mudanças e semelhanças entre os textos.

Na pesquisa realizada por mim no referido acervo, cataloguei 115 textos do ciclo de São Pedro e Jesus pelo mundo, sendo 01 bendito, 02 cantigas e 112 narrativas. Dessas, 64

---

<sup>1</sup> PEPLP: Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, coordenado pelas professoras Doralice Fernandes Xavier Alcoforado e Maria del Rosário Suarez Albán, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Há mais de 20 anos tem se ocupado do trabalho de recolha, transcrição, estudo e divulgação da tradição oral baiana.

<sup>2</sup> O Programa dispõe de fichas de informante, contendo o registro de dados fornecidos pelos contadores durante a pesquisa de campo, e de fichas de fita, nas quais são registrados os dados referentes ao texto fornecido.

foram contadas por homens e 48 por mulheres que também forneceram o bendito e as cantigas. Os textos foram ouvidos e resumidos atentando para a representação de São Pedro e Jesus, as temáticas recorrentes e a estrutura narrativa. Na impossibilidade de trabalhar com todo o material, selecionei um *corpus* de 27 textos desse ciclo, coletados no interior da Bahia entre os anos de 1998 e 2006. Obedecendo aos objetivos da pesquisa, optei pelas narrativas em que a atuação de São Pedro era mais significativa.

Findada essa etapa, comecei a localizar os textos transcritos no acervo informatizado do PEPLP e a transcrever, em parceria com outros pesquisadores do Programa, os textos que ainda não haviam sido transcritos. Esse trabalho, assim como o de revisão dos textos, foi feito de acordo com normas pré-estabelecidas pelo PEPLP. É importante pontuar que, embora se trate de um registro em escrito, buscou-se, na medida do possível, conservar as marcas da oralidade tanto no que concerne aos aspectos lingüísticos quanto ao modo de composição do texto, mantendo-se inclusive a variedade dialetal do falante.

Sabemos ser a oralidade inapreensível pela escrita, por se tratarem de dois códigos distintos que fazem usos de mecanismos específicos e possuem leis próprias de funcionamento. Assim, embora a transcrição seja uma operação necessária para o estudo de tais textos, ela não dá conta de toda gama significativa do complexo ato da *performance*. Por conta disso, quando tratamos de textos orais, devemos atentar para as perdas sofridas nesse processo de passagem de uma modalidade para outra, por mais cuidadoso que ele seja. Trabalhamos, pois, com textos que não expressam todas as nuances percebidas durante as transcrições, pois nelas escapam os gestos, as entonações da voz do contador, a participação do público, enfim, a *performance*: instância da poética oral impossível de ser transcrita em sua plenitude.

Não participei da coleta de todos os textos do *corpus* selecionado para este trabalho. Todavia, o trabalho como bolsista de iniciação científica, de 2002 a 2004, no PEPLP, permitiu-me participar de algumas incursões de campo com a equipe. Em fevereiro de 2006, a convite da equipe pepleana, fiz parte de uma incursão de campo em comunidades remanescentes de quilombos nos municípios de Seabra, Boninal e Piatã. Realizei ainda algumas incursões individuais em Ipirá-Bahia. Estas pesquisas foram de grande importância para a realização desse trabalho, pois me permitiram conversar com os produtores desses saberes sobre religiosidade, crenças e o próprio processo de construção das narrativas, suas hipóteses sobre ser São Pedro o personagem dessas histórias e não outros santos. Experiência que não apenas contribuiu para a realização deste trabalho, como abriu caminhos para outras

questões que circundam a literatura oral e a denominada cultura popular como, por exemplo, a dinamicidade dessa cultura sempre reinventada por seus agentes.

Um outro ponto interessante foi o envolvimento da equipe na busca dessas narrativas: durante a pesquisa todos perguntavam aos contadores sobre essas histórias e era muito raro sairmos sem ouvir um conto envolvendo São Pedro. Quanto a mim, lembro o quanto fiquei encantada ao ouvir cada história e, quando no decorrer da escrita desse trabalho retomo-as, é a voz do contador que continuo a escutar, com suas pausas, entonações e risos. Assim, retornar a essas narrativas tecidas na *performance*, com material sedimentado no grande rio que é a tradição, é escutar não só as experiências de vida dos informantes, comum à criação literária oral, como as minhas próprias, nessa aventura que é o encontro com o outro. Minhas reflexões, portanto, são marcadas pelas lembranças dos caminhos que trilhei durante as incursões de campo, pelos rostos e pelas explicações e questionamentos encontrados nesse percurso.

Além desse *corpus* oral, selecionei os cordéis *Jesus Cristo, São Pedro e o Destino da Humanidade e Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão*, ambos de Manoel D’Almeida Filho, e *Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição*, de Francisco Sales Arêda, que trazem como temática as andanças de São Pedro e Jesus pelo mundo.

As narrativas orais do ciclo de São Pedro e Jesus, anexadas ao presente trabalho, encontram-se identificadas pela sigla EBR (Em Busca do Romanceiro) e CCO (Cadinho de Culturas Oraís), projetos realizados em diferentes etapas do PEPLP, acompanhadas por um número, seguido de um ponto e de outro número, exemplo EBR 78.6, que correspondem respectivamente ao número do informante no acervo do Programa e à ordem em que forneceu o texto.

Norteou este trabalho a análise descritiva do *corpus*, um conjunto de 27 textos orais do ciclo de São Pedro e Jesus coletados na oralidade baiana, buscando compreender os preceitos religiosos e as normas de comportamento que elas veiculam, e como esses aspectos repercutem na construção narrativa. No entendimento de ser a literatura oral atravessada por diferentes modos discursivos, dinamizados pelos contadores de histórias nas suas construções fabulares, o trabalho traz à cena também a literatura de cordel e o texto bíblico. Além dessas questões, guiou o trabalho a observância da representação de São Pedro e de Jesus em narrativas centradas nesses personagens, focalizando alguns motivos recorrentes.

O primeiro capítulo traz como discussão a literatura oral, enquanto construto da tradição e do talento individual. É traçado também um breve panorama dos estudos sobre a oralidade e, adotando como referencial os estudos de Néstor García Canclini, Jesús Martín-

Barbero e Stuart Hall, empreende-se uma problematização do termo “popular”. Em seguida a questão gira em torno da narrativa oral, propriamente dita, tentando contemplar a memória, a voz e os gestos, mecanismos acionados na produção dos textos orais. O aparato teórico fundamenta-se nas idéias de Walter Ong e Paul Zumthor. Os outros dois pontos tratados foram as diferentes formas de inscrição da religiosidade nas narrativas orais e o questionamento sobre a existência de uma religiosidade popular nordestina, tomando como pressuposto a perspectiva da desconstrução adotada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*.

O segundo capítulo corresponde à análise do *corpus* propriamente dito, descrevendo as histórias contadas sobre São Pedro e Jesus, tentando compreender as múltiplas faces de São Pedro quando apresentado como porteiro do céu, em suas andanças com Jesus na terra ou sozinho, fazendo estripulias. Detive-me na apreciação dos motivos mais recorrentes no acervo do PEPLP: a hospitalidade, as malandragens de São Pedro, a recuperação do malfeitor, fazer o bem sem olhar a quem, a recuperação do preguiçoso e só Jesus faz milagres. Discutem-se ainda questões presentes nas narrativas, tais como malandragem e a exemplaridade.

Por fim, apresento no último capítulo uma discussão acerca das possíveis matrizes para os textos do ciclo São Pedro e Jesus, adotando a perspectiva do trânsito entre oralidade e escrita, ao invés de influência. Rastreou-se a representação de São Pedro na perspectiva canônica e em alguns escritos apócrifos, confrontando-a com a representação do Santo nos textos orais. Ainda nesse capítulo, retoma-se a questão do humor e do exemplo nos textos deste ciclo. Pensando-se a figura de São Pedro em relação à de Jesus, tenta-se, à guisa de conclusão, responder a questão: São Pedro é protagonista ou coadjuvante?

# 1 SUBJETIVIDADE E TRADIÇÃO NA TESSITURA DO TEXTO ORAL

## 1.1 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE A ORALIDADE

O perigo surge porque tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do “popular”. (HALL, 2003, p. 256-257).

Os estudos acerca da literatura oral têm caminhado em uma perspectiva cada vez mais intertextual, o que tem fomentado mudanças na forma de pensar tal modalidade textual. O interesse na matéria popular tem sido mobilizado, sobretudo, pelo desejo de compreender como os produtores dessa literatura colocam em diálogo a tradição com o momento, sempre situado no presente, em que o texto é recriado. A reflexão, nesses moldes, tem demonstrado estar essa produção literária em um movimento contínuo e irrestrito, não se limitando, portanto, a recriação da matéria considerada popular; mas expandindo-se por terrenos outros, mesclando-se com outras linguagens e outras camadas sociais.

Com as transformações culturais provenientes do aperfeiçoamento da imprensa, do surgimento da indústria cultural, do aumento de um público leitor e da globalização, os textos orais deixaram de ser atravessados somente por textos pertencentes à tradição oral ou matrizes escritas oriundas de uma cultura erudita. Transitam nesse rio, que é a tradição, linguagens de diversas ordens propagadas, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa, rádio, televisão, cinema, dentre outros. Assim, o contador habitual de histórias, receptor dessas múltiplas linguagens e, ao mesmo tempo, conhecedor da realidade de seu público, elabora suas construções discursivas não só a partir de um lugar diferenciado, em relação a contadores de outras épocas, mas também a partir de novos referenciais que passam a fazer parte da tradição oral.

Conseqüentemente, essas mudanças alteraram o percurso dos estudos sobre oralidade. Assim, a discussão em torno da literatura oral apenas, ou da apropriação desta pela literatura escrita ou ainda da influência de textos provenientes dessa matriz sobre aqueles produzidos em contextos de oralidade, tornou-se obsoleta. É premente pensar as relações dessa literatura com outras manifestações da cultura de modo a repensar hierarquias. Nessa perspectiva, a idéia de influência, que guiava os estudos anteriormente, é contraposta à idéia de trânsito que

considera não apenas o construto oral em si, mas como este se processa em contato com outras instâncias culturais.

Todavia, não devemos ser ingênuos e pensar ser este processo desprovido de conflitos. Ao contrário, ele é carregado de tensões e implica sempre acomodações, perdas e ganhos, mas é dessa desordem do espaço de recepção e recriação da matéria tradicional que emerge o texto oral que encontramos hoje em nossas pesquisas. Assim, estamos diante de manifestações poéticas que trazem uma voz do passado, apropriada pela memória e ressignificada pela subjetividade daquele que a detém no momento presente, ou seja, no ato da *performance*.

É possível perceber, na proposta pautada na idéia de influência, resquícios de uma forma hierárquica de pensar a literatura, que, operando por meio de oposições binárias e dicotômicas, situa de um lado a literatura oral, vista como criação do povo dirigida a um público de gosto não refinado e, do outro, a literatura escrita, produzida pelos intelectuais e dirigida a um público letrado. Nesse entendimento, às categorias oral/escrito foi vinculada a idéia de popular e erudito, atribuindo à oralidade traços que legitimavam a supremacia da escrita. Nessa perspectiva, à criação oral foram atribuídas designações como naturalidade, espontaneidade, pureza e anonimato, como se essas produções fossem constituídas de matéria inerte e amorfa, nascidas nas classes populares, principalmente do meio rural. Em contrapartida, o texto escrito era concebido como resultante de um processo de laboração e refinamento.

Uma proposta para a reversão desse tipo de entendimento seria interrogar o próprio termo “popular” e, retirando-lhe a função apriorística, pensá-lo enquanto conceito construído a partir de relações de poder e de saber. Nesse sentido, é importante mapear como historicamente vem sendo produzida uma dizibilidade sobre o popular e os dispositivos acionados nesse processo. Não se trata, todavia, de solicitar que as pessoas revejam a forma como se referem às manifestações artísticas produzidas pelas classes populares, mas de apontar que o popular só pode ser pensado em oposição a uma outra instância – o não-popular, e que essas distinções não são naturais, nem estanques e sim intercambiáveis e estão em constante processo de redefinição.

Como sabemos, é recente a incorporação do povo como referente no debate moderno, datando de fins do século XVIII e início do XIX, com a formação dos estados nacionais na Europa, cuja ação buscava abranger todos os estratos da população (CANCLINI, 1997, p. 208). É importante ponderar, contudo, que a criação de mecanismos para distinguir as pessoas do povo das pertencentes ao bloco do poder antecede muito esse período. Do mesmo modo, as produções culturais que mediarão e separarão concomitantemente essas duas instâncias

sociais, variaram a depender do momento histórico, dos valores em voga e dos meios de produção e circulação. Permanece, entretanto, em todas essas situações a dinâmica do jogo, do qual essas duas instâncias sociais participavam usando estratégias diversas. Como pontua Martín-Barbero:

O processo de enculturação não foi em nenhum momento um processo de pura repressão. Já desde o século XVII vemos pôr-se em marcha uma produção de cultura cujos destinatários são as classes populares. Através de uma “indústria” de narrativas e imagens, vai se configurando uma produção cultural que de uma vez medeia entre e separa as classes. Pois a construção da hegemonia implicava que o povo fosse tendo acesso às linguagens em que ela se articula. Mas nomeando ao mesmo tempo a diferença entre o nobre e o vulgar, primeiro, entre o culto e o popular, mais tarde. Não há hegemonia nem contra-hegemonia – sem circulação cultural. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 154).

Não podemos perder de vista que essa invocação do povo para legitimar o poder da burguesia tratou-se, como percebemos nas palavras de Martín-Barbero, de uma conjuntura que, usando como estratégia organizacional uma falsa inclusão, operava um processo velado de exclusão. Era uma incorporação aparente e incômoda, pois, se de um lado as classes populares importavam por validar um governo democrático, por outro, incomodavam por representar a parte da sociedade considerada inculta.

Essa conjuntura político-social, mais do que nunca, tornava imprescindível uma categorização do que deveria ser considerado popular, a fim de legitimar o culto e firmar a diferença e a distância entre o povo e o bloco do poder. Nesse propósito, a cultura entra em cena como espaço de luta, no qual os bens simbólicos são negociados, a fim de serem estabelecidas e justificadas as diferenças de classe. No entendimento da aristocracia liberal e esclarecida da época, as manifestações da cultura popular eram permeadas de superstições e ignorâncias que, por estarem fora do âmbito do conhecimento da ilustração, traziam consigo o princípio da desordem.

Na tentativa de reverter esse entendimento do popular, os românticos, entusiasmados com as questões nacionais, exaltaram as manifestações populares, concebendo-as como repositório dos valores “autênticos” da nação. A cultura popular passa então a ser vislumbrada como mantenedora de símbolos culturais existentes em um tempo anterior à modernização. Essa suposta valorização das formas artísticas populares reconhecia como tais as produções rurais, tidas como anônimas e localizadas na “origem” da nação. Eram o natural e o local opostos ao artificialismo e universalismo da ilustração.

Com a emergência e a expansão de novos mercados culturais e a inserção nos meios de comunicação de modalidades discursivas que não se deixavam encaixar tão facilmente nas categorias pré-estabelecidas pelos ilustrados e românticos, intensificaram-se os conflitos no campo da cultura. No campo literário, a cisão é feita, segundo Martín-Barbero (1997, p. 182), pelo folhetim, primeiro tipo de texto escrito no formato popular de massa, que surge no século XIX, em resposta à demanda popular e como um desdobramento das tecnologias de impressão, dispositivos que fizeram das narrativas o espaço de decolagem da produção massiva. Essa nova circunstância traz para as classes hegemônicas a necessidade de novos símbolos culturais distintivos, tendo em vista ter se tornado a palavra impressa, teoricamente, um bem de todos.

A escrita literária, até então reservada ao livro, é estendida ao jornal. Considerando o alcance desse meio, podemos falar em uma “democratização” da palavra impressa, que passa a ser vista também como um mecanismo de difusão de ideologias. Os produtores dessa literatura, atentos ao novo público em formação, estruturam-na de modo a torná-la mais acessível aos leitores. Nessa nova dinâmica cultural, mesmo as pessoas sem escolaridade não desconheciam as histórias folheteiras, pois, nesses casos, cultivou-se o hábito da leitura em voz alta que operava o trânsito escrito-oral. Captados pelos ouvidos, esses textos passavam a circular de boca em boca em outros espaços, situação que acarretou mudanças significativas na configuração do imaginário coletivo desses grupos.

Não podemos, no entanto, negligenciar que entre as pessoas das classes populares já circulava uma outra literatura impressa, o cordel. Considerado o primeiro jornal das classes desfavorecidas, era fonte de informação e distração. Comercializado nas feiras pelos vendedores, que eram às vezes os próprios cordelistas, o cordel era anunciado em voz alta e aguçava a curiosidade dos transeuntes letrados e não-letrados. E, sendo o público dessa literatura constituído em grande parte por pessoas iletradas, a leitura coletiva também era um mecanismo utilizado na circulação desses textos.

Imerso nessa realidade de múltiplas linguagens, o contador de histórias tem ocupado uma posição de mediador cultural, visto ser ele quem seleciona, com base em seus valores e nos do seu grupo, as informações recebidas, incorporando-as em suas narrativas e adequando-as ao tipo de texto que será produzido, à modalidade lingüística a ser utilizada e ao público receptor. Todavia, esse dinamismo da cultura popular nem sempre tem sido focalizado na tradição dos estudos sobre literatura oral. Figuro a crença em alguns momentos entre os estudiosos que a inserção de novos elementos nos textos dessa natureza o descaracterizava, ao invés de atualizá-lo.

O surgimento do termo folclore em 1846 marca o início de uma fase nos estudos do popular nesses moldes. Empenhados em “[...] situar o conhecimento do popular dentro do ‘espírito científico’ que anima o conhecimento moderno.” (CANCLINI, 1997, p. 208), os estudos folclóricos desse período, feitos por intelectuais nostálgicos da transmissão oral, que a viam diminuída com a leitura dos jornais e dos livros, compreenderam o registro por escrito de textos produzidos pelo povo principalmente em áreas rurais, buscando o que nomeavam como genuíno, os costumes e os textos populares que ainda não haviam sido tocados pela cultura massiva. Era uma corrida para compilar e ordenar o saber popular em suas diversas manifestações consideradas tradicionais. Em se tratando de literatura, esses trabalhos ratificaram a existência de duas instâncias literárias: a popular, formada, sobretudo, por textos orais, de caráter ingênuo, que surgiam espontaneamente, e a erudita, de caráter rebuscado, que era elaborada por escritores letrados e cultos.

A palavra de ordem era resgate e o interesse eram os bens culturais das classes populares, em especial os localizados no meio rural, celeiro de tradições seculares em possíveis vias de extinção. Aqui no Brasil é perceptível esse entendimento da cultura popular em autores como Câmara Cascudo, que, no prefácio do livro *Vaqueiros e Cantadores*, ao relatar as mudanças operadas no sertão a partir de 1911, profetizava o fim da cultura “autêntica” do povo sertanejo que, segundo ele, seria esmagada pelo progresso. Assumindo uma postura salvacionista e imbuído de grande benevolência, por ter vivido no sertão de outrora, cuja cultura, considerada “autêntica” estava prestes a desaparecer, coloca-se como o detentor e guardião desse saber tradicional ameaçado.

Assim, reúne no livro citado “[...] o que foi possível salvar da memória e das leituras para o estudo sereno do Folclore brasileiro.” (CASCUDO, 1946, p. 11). Esse saudosismo latente na obra de Cascudo leva-o a desconsiderar o processo de reformulação empreendido pelos agentes dessa cultura, quando interagem com as forças da modernidade. O receio da descaracterização faz com que, a essa cultura, só sejam permitidas modificações sem interferências externas, principalmente da cultura massiva e as trocas só são bem vistas, sem perigo de descaracterização, quando começam e terminam no círculo fechado da tradição.

As constantes transformações operadas na esfera cultural tornaram a proposta dos folcloristas insustentável na contemporaneidade, não só por se preocupar exclusivamente com a catalogação, mas por desconsiderar os intercâmbios culturais e não problematizar as forças que mobilizam a constante redefinição do popular, inscrevendo-o na história. Além disso, tal posicionamento acaba por congelar a cultura agenciada pelas classes populares e retira das mesmas a autonomia de modificar seus saberes e produções, sem contar que atrela a

existência dessa cultura ao atraso, colocando-a como frágil, incapaz de participar ativamente de um mundo globalizado e de ser reformulada com os contatos interculturais.

Um estudo da cultura popular hoje não pode se furtar de analisá-la como uma construção discursiva que, dentre outros fatores, depende da forma de organização de cada sociedade e do modo como sujeitos de diversas instâncias sociais têm reconhecido ou invalidado seus discursos. Depende, ainda, da maneira como sujeitos pertencentes às classes populares se integram às imbricadas redes de poder, estejam elas vinculadas ao aparelho de Estado ou não, minando suas estruturas repressoras e tornando audíveis sua voz e a dos outros. Dito de outra maneira, os estudos devem atentar para o nível de centralização de poder por parte dos dirigentes de uma sociedade, para os mecanismos que eles utilizam para vedar a pluralidade discursiva bem como as estratégias empregadas para arregimentar idéias, de modo a torná-las compatíveis com seus interesses e evitar o dissenso. Por essas razões, é viável pontuar que a cultura popular é ressignificada a cada período histórico, a depender dos interesses dos agentes produtores das classes populares e das instâncias políticas, culturais e intelectuais de uma sociedade, assim como das negociações que são feitas por essas várias instâncias.

Diante de tantas questões, talvez devêssemos começar a pensar sobre o que queremos dizer hoje quando invocamos o termo “popular”. Ao tratar o assunto, Stuart Hall (2003, p. 247-263) alerta para as várias significações do mesmo, considerando a mais corriqueira a que aponta como popular os bens consumidos e apreciados pelas massas. Além dessa acepção mercadológica, considera-se popular tudo o que é feito por pessoas pertencentes às classes populares, incluindo nesse rol os costumes, o artesanato, as danças, as comidas, a literatura, entre outros itens. Teríamos, pois, uma lista interminável e indistinta. Para o autor, todas essas definições são problemáticas e dizem pouco sobre o assunto, pois tendem a pensar o popular de modo generalizado e fora das relações de força que o instituem.

Não é difícil reconhecermos essas definições do termo “popular”. Certamente já as ouvimos ou lemos e aparentemente não parecem apresentar problema algum. Poderíamos, então, usar o termo indistintamente quando nos referimos ao que as classes populares produzem e ao que elas apenas consomem? Hall, considerando a precariedade de tais definições, opta por uma terceira que considera a cultura popular em suas relações com a cultura dominante. Segundo ele, “[...] a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência.” (HALL, 2003, p. 263).

A cultura popular, assim entendida, se processa em um espaço de luta, em que várias forças são mobilizadas e os símbolos que a distinguem da cultura hegemônica não possuem uma posição fixa e determinada, mas mutável, estando sempre a serviço de um poder e funcionando como meio de distinção de classes. É nessa tensão contínua que as classes populares e o bloco do poder negociam seus bens simbólicos, afirmam seus valores e demarcam territórios. Nesse entendimento do popular, mais que o resultado obtido nesse confronto, importa entender o processo pelo qual os símbolos de uma e de outra instância são apresentados e negociados, assim como porque alguns bens culturais são preferidos em detrimento de outros que são descartados e substituídos.

Uma vez que entendemos a cultura popular como um campo de tensão onde perduram as negociações e admitimos ser esse processo movido por resistências e incorporações, não é acertado considerar esse movimento como de mão-única, no qual se reservaria ao povo o papel de consumidor e espectador. As classes populares também se apropriam de bens e saberes de outros segmentos, ao passo que rejeitam práticas que não lhes interessam e imprimem suas marcas na cultura hegemônica. Podemos dizer que, resguardadas as proporções, ocorre um movimento de dupla inscrição. Assim, ao falarmos em culturas populares, é necessário, como afirma Jerusa Pires Ferreira, que se tenha presente “[...] a noção de produção material e simbólica, que resulta de condições próprias, práticas cotidianas, de modos de viver, de condições sócio-econômicas que vão propiciando a conservação ou a renovação dos repertórios.” (FERREIRA, 1985, p. 7-8).

Outro ponto que deve ser salientado é a impossibilidade de unificar as práticas populares e estudá-las usando os mesmos operadores. Tal problemática é agravada pela necessidade contemporânea de se pensar tais práticas pelo viés da comercialização, pois nesse caso faz-se necessário localizá-las na dinâmica do mercado, o que implica concebê-las como produtos passíveis de comercialização. Ao tratar do assunto nesses termos, devemos atentar para o fato de que a dinâmica na qual as narrativas orais se processam é diferente, por exemplo, daquela das festas populares, que, por sua vez, diferem do artesanato e assim por diante. Do mesmo modo, a forma como cada uma dessas práticas é organizada depende dos lugares e dos sujeitos que as produzem. Daí a riqueza das manifestações dessa natureza. A narrativa que escuto de um contador na Bahia certamente será diferente de qualquer outra contada em outra parte do mundo, mesmo que se trate do mesmo tipo e apresente a mesma estrutura.

Assim, o modo de fabricação e circulação de produções artísticas criadas pelas pessoas das classes populares as diferencia da produção da indústria cultural que são consumidas pelas

mesmas, mas pensadas por agentes que lhe são exteriores, de modo que igualá-las seria incorrer nos riscos das generalizações. Acredito que o termo “popular”, assim como outros utilizados para definir as produções das classes populares, parece estar desgastado e a tendência, portanto, tem sido evitá-lo, utilizando-se de novos termos e conceitos que certamente também envelhecerão e serão substituídos daqui a algum tempo.

Quanto a mim, continuo a usá-lo, por acreditar que cunhar novos termos não resolve o problema. Devemos sim, assumindo uma perspectiva genealógica, rastrear sua emergência e tratá-lo como conceito datado que é, e pensá-lo sempre como passível de mudanças. Assim, considero o *corpus* utilizado nesse trabalho como pertencente à cultura popular, entendendo as narrativas orais e os cordéis como manifestações literárias gestadas no interior das classes populares, por pessoas dessas classes, seja em sua modalidade oral ou impressa.

Pensando especificamente na literatura oral, suas condições de produção, a forma como circula entre os ouvintes, seja em espaços rurais ou urbanos, a que compará-las? Aos livros produzidos para crianças? Às encenações nos teatros? Aos espetáculos dos contadores profissionais que adquiriram a técnica de contar histórias? Tais comparações só fazem sentido se considerarmos que se trata de linguagens diferenciadas, com propósitos e configurações distintos.

Todavia, considerar essas manifestações diferentes não significa afirmar que elas não se encontrem no fogo cruzado que é a cultura. Ao contrário, as práticas culturais, independente do segmento social que as elaboram, só são possíveis de serem pensadas a partir da perspectiva do trânsito. Dessa forma, a inserção dos meios de comunicação de massa, da indústria cultural, ou seja, de novas tecnologias em espaços ditos populares promove mudanças nas construções simbólicas desses grupos, assim como a circulação destas construções em outros espaços certamente os modifica. O diferencial, acredito, está na análise dessa transitividade que pode ser feita a partir de duas perspectivas: a primeira é considerando-a negativa por provocar uma degradação das práticas laboradas nesses contatos; a segunda é entender esse fenômeno por um viés antropofágico, possível pela plasticidade da cultura, que se fortalece e se reinventa nesses contatos.

Opto pela segunda perspectiva e considero importante nos estudos acerca da oralidade pensarmos a que oralidade estamos nos reportando, tendo em vista ser o espaço, no qual o contador se encontra, modificado sempre e a inserção de novos elementos nesses espaços, inevitável. Diante de todas as mudanças operadas nas sociedades, do alcance dos meios de comunicação e da indústria cultural, é quase impossível encontrar comunidades em um estágio de oralidade primária, definida por Ong como “[...] a oralidade de uma cultura

totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão.” (ONG, 1998, p. 19). Em medidas diferentes, elas têm sido tocadas por essas formas de expressão e têm sido atravessadas por uma oralidade mediatizada. Considerando essa situação de oralidade secundária e o entendimento de que a oralidade não se trata apenas de uma modalidade que se opõe à escrita, mas de uma maneira própria de estruturar o pensamento e de expressá-lo, (ONG, 1998, p. 14-18) cabe-nos estar atentos às mudanças ocorridas na forma de organização do pensamento desses grupos, quando passam a ter contato com a escrita, seja de forma direta ou indireta.

## 1.2 O ENCANTAMENTO DO CONTAR

As constatações feitas durante as incursões de campo de que tenho participado revelam que o ato de contar histórias continua a fazer parte do cotidiano de velhos, jovens e crianças, adequando-se ao tempo e espaços disponíveis nas sociedades contemporâneas. Pondo fim às profecias dos folcloristas, as pessoas continuam a se render ao poder encantatório do contador e de suas histórias, mesmo em meio a tantos entretenimentos proporcionados pelas novas tecnologias.

A literatura oral apresenta uma diversidade ilimitada de narrativas. Um fator que favorece esse interminável tecer de textos é a liberdade do contador de dinamizar os motivos<sup>3</sup> herdados da tradição, reagrupá-los ou mesmo modificá-los conforme as suas habilidades e a realidade cultural da platéia, para quem o contado precisa fazer sentido. Nesse entendimento, contar uma história está longe de ser a repetição de algo ouvido ou a transmissão de um saber memorizado. Contar é misturar o ouvido às experiências diárias, captar uma voz precedente e torná-la sua, mesmo porque “[...] uma tradição poética só existe durável e fecunda, se mantida pela reminiscência, pelo costume e pelo esquecimento.” (ZUMTHOR, 1997, p. 17)

Assim, a memória que traz o texto, embora partilhada, é individual, razão pela qual o texto não passa simplesmente pelo corpo de quem conta – entranha-se nele, sendo por ele marcado. Tal afirmativa, contudo, não questiona a existência de uma memória narrativa ilocável no tempo e no espaço, um patrimônio comum; pontua apenas que o texto oral só existe na tradição enquanto potencial a ser narrado. Sua materialização pressupõe sempre uma

---

<sup>3</sup> Motivo: Menor parcela temática do texto, susceptível de migrar de narrativa em narrativa, guardando sempre uma configuração temática. (REIS; LOPES, 1988, p.180).

presença corporal e, conseqüentemente, o investimento de alguém que se dispõe a reestruturá-lo em uma situação precisa.

Nessa perspectiva, o texto oral é produto não apenas da memória coletiva, herdada da tradição, mas do encontro desta com a subjetividade de quem a revive no momento da *performance*, evento único e irre recuperável, no qual o texto é simultaneamente produzido e recebido. Nesse sentido, a forma presente do texto depende não apenas do modo como foi apreendido, mas da seleção dos elementos lingüísticos e temáticos feita pelo intérprete, da maneira como irá articulá-lo e apresentá-lo. Um outro elemento importante é o público, que reconhece a realidade criada no momento da *performance* como diferenciada e lança sobre aquele que detém a palavra um outro olhar. É essa cumplicidade contador/ouvinte que instaura o espaço ficcional e o encantamento com o narrado.

Considerada a forma mais utilizada pelos povos para comunicar seus anseios, suas angústias, alegrias e desejos, a literatura tem atravessado épocas e circulado por meios diversificados. Independente da modalidade utilizada – oral ou escrita – é tecendo textos, em versos ou em prosa, que nos constituímos enquanto sujeitos. Da mesma forma, é o contato com as produções alheias que nos enche do outro, nos coloca em sintonia com ele, pois descobrimos quase sempre as mesmas dores, amores e sonhos e nos damos conta da nossa condição humana. E se isto não nos irmana, sem dúvida, em alguma medida, abranda as distâncias.

Sendo por natureza uma necessidade humana, creio não ser o termo “literatura” limitado apenas ao código escrito. Mesmo tendo conhecimento da etimologia da palavra “literatura” e, portanto, sabendo que se a historicizarmos, iremos nos deparar com um referencial escrito, penso que, embora os conceitos sejam marcados, é possível alargá-los, sem necessariamente renomeá-los. Por conta disso, uso os termos “literatura oral” e “literatura escrita”, por pensar a literatura como uma forma de expressão que, antes de referenciar o modo como se materializa, remete à forma diferenciada de trabalhar com a linguagem, anterior a essas categorizações. Um outro aspecto que aproxima essas duas modalidades literárias é que, independente do registro, o significado de suas tessituras não se esgota na temporalidade, de modo que contos milenares continuam a ser recriados por contadores e escritores e apreciados por seus respectivos públicos.

Nessa perspectiva, considero imprescindível pensar essas modalidades literárias enquanto criações fomentadas nos intercruzamentos das dinâmicas culturais, por sujeitos que negociam saberes e intercambiam experiências. Seja qual for o estilo adotado, a forma dada às suas produções, o escritor e o contador, utilizando mecanismos diversos, almejam tocar o

leitor ou ouvinte. Ambos reconhecem estar utilizando a palavra numa outra dimensão que não a cotidiana, como compreendem também que a significação de suas obras completa-se numa outra instância, a da recepção, quando indivíduos outros, munidos de suas vivências se colocam em sintonia com o texto, permitindo que este os envolva.

Essas considerações, no entanto, não negam as especificidades dessas modalidades literárias. A proposta é pensá-las a partir de suas diferenças sem, contudo, hierarquizá-las. Na escuta que fiz das 27 narrativas orais, registradas em fitas cassete e transcritas para essa dissertação, pude atentar para o quanto essas narrativas são distintas das produções literárias escritas, enquanto modo de composição e de transmissão, mas também o quanto se assemelham nas abordagens temáticas. Acredito que essas afinidades se devam ao fato de que ambas estão relacionadas à forma como o sujeito compreende e expressa o mundo que o cerca, questões que não dizem respeito apenas aos indivíduos pertencentes às culturas orais. Poderíamos dizer que “[...] a narrativa oral se distingue, profundamente, aliás, da narrativa escrita quanto a sua forma, porém, culturalmente falando, sua diferença não é significativa.” (SCHOLLES; KELLOG, 1977, p. 11).

Interessa, pois, nesse trabalho, estudar a literatura oral enquanto criação artística de sujeitos que, movidos pelo desejo e necessidade de comunicar suas emoções e saberes, prestam-se a contar histórias. Tal exercício engloba passado e presente; lembrança e esquecimento; tradição e individualidade; e possibilita a essas pessoas participarem, com suas vivências, da elaboração e manutenção das narrativas que os inserem na história. Como afirma Edil Silva Costa sobre o processo dinâmico e vivo das narrativas:

Os textos tradicionais fazem, assim, a ponte que liga o passado aos dias atuais. Os contínuos ajustes que sofrem na cadeia de transmissão, em nome da clareza e facilidade comunicativa, fazem com que a literatura tradicional seja sempre renovada e possa estar em consonância com o momento contemporâneo. Ao contrário do que se poderia pensar a primeira vista, tradição é antes de tudo movimento, lento e contínuo movimento. (COSTA, 2005, p. 15).

Cabe salientar que o texto oral, revivido pela memória, é recriado no momento da *performance*, momento em que o contador, acionando a memória, dá existência à narrativa. Assim, uma frase dita, mesmo deslocada ou repetida, não pode mais ser apagada, como no caso da seguinte narrativa, quando a contadora troca o nome dos personagens: “Aí São Pedro, *pam!* matou o carneiro, quando matou o carneiro, aí Nosso Senhor pegou, São Pedro pegou, comeu o figo.” (EBR 480.1) O equívoco é desfeito e o contador retoma o fio narrativo, mas o dado novo não apaga o anterior. É importante considerar ser esse tempo de produção diferente

do tempo da escrita, no qual o autor elabora e reelabora uma frase para dar-lhe existência. Sendo assim, os titubeios, próprios do pensamento articulado de improviso, são suprimidos e, quando por ventura aparecem na narrativa, é como recurso estilístico.

Um outro aspecto interessante a ser observado são as pausas que, na literatura oral, podem ter muitos significados. As pausas podem ser intencionais, para gerar uma expectativa maior no ouvinte, podem representar também uma falha de memória, sendo este o espaço de tempo necessário para que o texto seja recuperado ou, ainda, a busca de uma palavra precisa, como parece ser o caso da seguinte fala do narrador: “Nosso Senhor saiu caçando no [...] pau, sentou e ficou esperando o figo.” (EBR 480.1). Onde Jesus procuraria o fígado? No “pau”, pois é costume nas casas da zona rural estender a carne em varas para secar. Todavia, esta outra fala de Pedro, na mesma narrativa, parece ilustrar uma falha de memória “– Ô Senhor, eu matei o carneiro quando eu... Não tinha mais figo não.” (EBR 480.1).

No entanto, não é simples diferenciar essas pausas, mesmo ouvindo a gravação do texto, pois se perde a figura do contador e, com ele, seus gestos, sua expressão e o tom de sua voz no exato momento da pausa, elementos que esclareceriam seu uso. Tais dúvidas inexistem no texto escrito, pois quando nos deparamos com uma reticência sabemos de imediato ser ela intencional. E basta uma leitura atenta da frase para que se compreenda o sentido que o autor lhe atribui. Esses exemplos, insuficientes para demarcar as diferenças entre uma modalidade literária e outra, ilustram, no entanto, serem as diferenças formais perceptíveis em qualquer texto. Por outro lado, a temática abordada nesse texto, a negação de São Pedro, encerra um princípio moral: a verdade sempre vem à tona, o que certamente não é exclusividade das narrativas orais. Encontramos referências à negação do discípulo, embora com outra configuração, nos Evangelhos sinóticos<sup>4</sup>, por exemplo. Quanto ao princípio moral, o encontramos desdobrado em narrativas escritas, novelas e filmes.

As marcas contextuais tão comuns na literatura oral corresponderiam a um momento de intimidade entre o contador e a tradição ou, para nos aproximarmos do pensamento de Walter Benjamin (1994, p. 205), entre aquele que narra e a narrativa, possível porque “[e]la [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” Observar a literatura oral por esse prisma não significa tomar o caráter etnográfico como marca maior dessa literatura, o que simplificaria o processo de criação e restringiria o poder de ficcionalizar dos contadores, mas é individualizar cada narrativa e demonstrar a complexidade

---

<sup>4</sup> Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas por apresentarem muitas semelhanças entre si são denominados de sinóticos.

do processo de criação na oralidade, pois, como percebido nos textos em questão, a criatividade individual na confecção dos mesmos repousa em uma estrutura virtual que oferece ao contador as constantes básicas para a construção fabular.

Vários dispositivos são acionados na construção de um texto, seja ele escrito ou oral. Muitos deles dizem respeito à dimensão histórica e contextual, mesmo porque o indivíduo que formula o texto é histórico, não existindo um lugar discursivo fora da cultura. Na análise dos textos, as referências a situações e espaços locais é uma constante. Assim, as narrativas coletadas na Bahia, especialmente em meio rural, apresentam elementos que nos reportam a esses espaços. Notamos que mesmo quando o espaço ficcional corresponde ao céu, são carregados para ele elementos referenciais conhecidos dos contadores. Ong, trabalhando com a forma como o pensamento é articulado nas culturas orais, afirma:

Na ausência de categorias analíticas aperfeiçoadas, que dependem da escrita para organizar o conhecimento distante da experiência vivida, as culturas orais conceituam e verbalizam todo o seu conhecimento com uma referência mais ou menos próxima ao cotidiano da vida humana, assimilando o mundo estranho, objetivo, à interação imediata, conhecida, de seres humanos. (ONG 1998, p. 53).

Embora em seu estudo Ong trate de culturas orais primárias, ou seja, aquelas intocadas pela escrita, realidade que não corresponde ao contexto de produção de muitos dos textos aqui analisados, seu pensamento pode ser a eles aplicado. Assim, não encontramos reflexões acerca dos ensinamentos de Jesus ou uma descrição da personalidade de São Pedro, tudo nos é apresentado por meio de ações. São elas que nos oferecem uma imagem do Santo ou encerram um ensinamento, o que é extensivo também ao cordel, demonstrando que a forma impressa estrutura-se com base no código de composição da oralidade. Em se tratando das narrativas do segundo grupo, nas quais irei deter-me a partir desse momento, a análise tem demonstrado que elas são enredadas a partir de situações ainda mais próximas dos sujeitos que as contam. Não se tratando apenas de aspectos no nível da textualidade em si, mas estendendo-se às situações apresentadas, expressando formas de compreensão do mundo e estratégias de resolução de problemas com os quais a comunidade se depara.

Assim, a articulação do texto depende da habilidade do contador que, de posse de um material proveniente da tradição, o reelabora, a fim de mantê-lo sempre atual para a comunidade que o recebe, para quem o texto oral precisa ter significado. Todavia, esse constante processo adaptativo do texto não acontece num plano individual, uma vez que a recepção do texto é simultânea à sua elaboração, “[...] a interação com o público vivo pode

interferir ativamente na estabilidade verbal: as expectativas do público podem contribuir para a fixação dos temas e das fórmulas.” (ONG 1998, p. 53). Nesse sentido, para que um membro do grupo seja considerado um contador habitual, tornando-se referência para os demais, é importante que ele esteja atento às necessidades e aspirações de seus ouvintes.

### 1.3 DIFERENTES INSCRIÇÕES DA RELIGIOSIDADE EM TEXTOS ORAIS

As narrativas orais são recriadas em eventos coletivos, mediante a presença de um contador e de um público. Desse modo, considerar tais textos como literários pressupõe o deslocamento da noção de literatura enquanto produção escrita/individual e lugar privilegiado do saber. Por outro lado, é necessário o uso de teorias que considerem o texto numa dimensão mais ampla que englobe a tradição, o espaço de recriação do texto, as inferências do contador e do público no momento da enunciação.

Reconhecendo serem as narrativas orais produzidas em eventos coletivos em que as tradições são recriadas a partir de cenas do cotidiano das pessoas de uma dada comunidade, podemos considerá-las mecanismos produtores de identidades culturais de grupos que as utilizam como estratégia para adaptação, invenção e manutenção de suas práticas culturais. Recorrendo à forma como Canclini lê o sentido humorístico dos diabos de Ocumicho, produzidos pelos artesãos do México, os textos orais podem ser também analisados como recursos simbólicos que remetem às formas como esses grupos elaboram as transações “[...] entre o próprio e o alheio, entre a reprodução do conhecido e a incorporação de elementos novos a uma percepção reformulada de si mesmo.” (CANCLINI, 1997, p. 235). Desse modo, as constantes referências a espaços e a seres considerados sagrados e a criação de mecanismos que separam ou conectam as instâncias sagrado/profano, inscritos nos contos produzidos na oralidade, denotam maneiras diferenciadas de o homem se relacionar com o mistério e com a divindade, o que aponta para a impossibilidade de homogeneizar as práticas religiosas geestadas nesse espaço.

A instância religiosa, requisitada na elaboração dessas narrativas, irá se configurar conforme o gênero textual, razão pela qual, rezas, contos, cantigas, dentre outros, apresentarão configurações distintas da mesma matéria. Um outro ponto importante é que nem sempre o saber inscrito nesses textos reflete as ideologias pregadas pelas instituições

religiosas, embora se mantenha, em diferentes medidas, a elas conectadas. Poderíamos dizer que os saberes institucionais, que seriam globais, são inseridos na vida das pessoas, tornando-se, portanto, locais. É perceptível nos textos a dinâmica que remete à forma como essas pessoas lidam com o desconhecido, organizam sua subjetividade e interferem na configuração do espaço social com suas crenças e saberes. Além do gênero textual, fatores como a desenvoltura do contador, seus objetivos e o público interferem no tratamento da temática. Nesse trabalho, abordarei apenas a temática religiosa que envolve os personagens São Pedro e Jesus. Podemos afirmar, quanto ao contador, que dois propósitos principais o mobilizam no tratamento de tal assunto: o estabelecimento de um contato imediato com a divindade e a pregação de normas de conduta.

Se regido pela primeira razão, a postura do contador é de seriedade e compenetração. Dependendo da circunstância, ele recorrerá às rezas, aos cânticos, aos benditos, às incelências<sup>5</sup>. Esses textos, quase sempre versificados, apresentam poucas alterações de uma versão para outra. Nessas realizações exige-se a palavra exata, tal como foi aprendida, assim como a hora e objetos simbólicos adequados, elementos necessários para o bom funcionamento da comunicação a ser estabelecida. Dessa forma, para se rezar de olhado, por exemplo, é preciso não apenas que se conheça a oração, mas que se saibam os movimentos a fazer com os ramos, onde jogá-los depois da reza e o horário de realizá-la.

Existe, assim, uma situação de sacralidade que envolve o momento, razão pela qual, algumas cantadoras de incelências recusam-se a cantá-las somente para serem gravadas durante a pesquisa – não há a presença de um morto, o motivo desse tipo de oração. É a relutância em esvaziar o ritual, o receio de brincar com o sagrado; é a crença na força da palavra que deve sempre ser respeitada. Nos textos dessa natureza, quem detém a palavra, consciente de seu poder e de sua responsabilidade, estabelece o que pode ou não ser conhecido e a adequação espacial, o que inclui obviamente a platéia. O pacto agora não é de ficção, mas de crença em uma verdade sacra.

No entanto, se o intuito do contador é transmitir ensinamentos e estabelecer normas de conduta, a forma mais utilizada é a prosa, entrando em cena a narrativa e o poder de persuasão do contador. Nesse caso, nos deparamos com os contos de encantamento, os religiosos propriamente ditos, os de exemplo, os faceciosos, as lendas, os mitos, os causos, os depoimentos e até mesmo as piadas. É importante salientar que nesses textos não há uma

---

<sup>5</sup> No **Dicionário do Folclore Brasileiro** de Câmara Cascudo, (1969, p. 378), encontramos a seguinte definição no verbete “excelências”: “É um canto entoado à cabeça dos moribundos ou dos mortos. Quanto ao vocábulo é aceito entre os estudiosos tanto a forma excelência quanto incelência, sendo esta última a utilizada pelos cantadores e contadores orais.”

obediência às fronteiras institucionais. Assim, embora predominem os valores disseminados pelo catolicismo, misturam-se a esses, por exemplo, valores pagãos e do candomblé. Em consequência disso, ouvimos, do mesmo informante, lendas e causos sobre seres míticos da floresta como caipora, mãe-d'água, seres que protegem a floresta ou rios, tomados como espaços sagrados e que nos reportam às crenças pagãs e às histórias sobre o tempo em que São Pedro e Jesus ou Deus andavam pelo mundo.

O contar materializa o invisível, aproxima-o do homem. É a tradução do que é apenas sentido por meio da arte. Essa prática de partilhar valores e crenças, por sua vez, fortalece os laços comunitários, de forma que, em uma comunidade narrativa, o testemunho de quem vivenciou uma experiência com o sobrenatural não precisa de comprovação – sua narrativa é creditada pelo grupo e inserida na cultura local. Desse modo, a presença do extraordinário no ordinário passa a figurar na memória coletiva.

A comunicação estabelecida pelos membros de uma comunidade com o sagrado e o desconhecido baseia-se, segundo Mircea Eliade, no fato de “[...] o homem tomar conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo diferente do profano.” (ELIADE, 1992, p. 15). Todavia, nas narrativas orais dessa matéria, bem como nas festas de Reis, nas festas em homenagem aos Santos, dentre outros eventos religiosos, o sagrado muitas vezes se conecta ao profano, de modo que não se sabe ao certo quando um acaba e começa o outro. Ambos comparecem numa perspectiva dialógica – assim, santos têm fraquezas humanas e Jesus realiza malandragens. É interessante notar que essas configurações urdidas nas narrativas ficcionais não afetam o respeito a essas divindades. Continua-se devoto dos santos, fazendo promessas para chover, arranjar marido ou curar doenças. O mesmo acontece com os eventos acima citados, nos quais se misturam reza, música e dança.

A análise dos textos dessa temática aponta a instância religiosa não como um mero ornamento incorporado ao texto, mas como um dispositivo que confere significações ao mesmo e interfere na maneira como o narrador o estrutura. Em alguns tipos chega a funcionar como um dispositivo norteador da estrutura narrativa, não se tratando, portanto, de um motivo secundário, mas de um motivo nuclear; é o caso dos contos religiosos propriamente ditos, e de alguns contos do ciclo de São Pedro e Jesus, classificados nesse trabalho ora como contos de exemplo ora como faceciosos.

## 1.4 A DITA RELIGIOSIDADE POPULAR NORDESTINA

Como sabemos, as configurações regionais dependem da maneira como as regiões são pensadas e incorporadas à narrativa nacional, operações feitas a partir da eleição de símbolos e de valores que entram em atividade para que outros sejam destronados. A narrativa nacional, portanto, funciona como uma instância de legitimação, pois sua repetição exaustiva lhe dá consistência interna, fazendo com que seja considerada verdadeira e inquestionável.

Stuart Hall (2002, p. 52-55), ao explicar como é contada a narrativa da cultura nacional, elege cinco elementos considerados principais nesse processo. O primeiro é a narrativa da nação contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular – construtos discursivos que fornecem aos membros da nação um repertório comum de experiências e verdades. Teríamos como segundo elemento a ênfase nas origens e na continuidade, na tradição e na intemporalidade, princípios que sustentam a idéia de ser o caráter nacional portador de uma essência imutável. A terceira estratégia apontada pelo autor refere-se às tradições inventadas<sup>6</sup> no interior da nação, de modo a denotar uma existência imemorial e a estabelecer uma continuidade do presente com um passado histórico adequado. O quarto exemplo de narrativa apresentada por Hall é a construção do mito fundacional, projeto que no Brasil teve como grande expoente José de Alencar com suas obras indianistas. Ainda segundo o autor, teríamos uma outra estratégia de construção de identidade nacional “[...] simbolicamente baseada na idéia de um *povo ou folk puro, original.*” (HALL, 2002, p. 55).

Em maior ou menor escala, atravessam essas construções discursivas as manifestações consideradas populares que se tornaram recursos de validação dos discursos sobre as classes populares e a nação. Assim, no Brasil, a literatura oral, o cordel, a cantoria, dentre outras manifestações populares foram tomadas como repositórios de enunciados, de tradições a serem agenciados de modo que representassem as experiências partilhadas do povo brasileiro. Empreende-se então uma escavação do popular na tentativa de atender a dois objetivos: revelar uma essência nacional e radicar as origens da nação em um tempo longínquo no qual existiria um povo puro, ingênuo e criativo.

Os cenários e enunciados criados pelos autores brasileiros acerca do nacionalismo e da cultura popular foram muitos e, apesar de serem todos agenciados a partir do dispositivo da

---

<sup>6</sup> O autor utiliza o termo “tradições inventadas” na acepção que lhe é conferida por Eric HOBSEBAWM (1997).

nacionalidade, atenderam, cada um em sua época, a objetivos distintos. Nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, eclodiu no cenário brasileiro uma tradição intelectual regionalista cujas práticas discursivas, em diferentes medidas, eram atravessadas pela proposta de integração nacional. Tendo como mola propulsora a definição de uma “identidade nacional” e partindo do pressuposto de que cada região fornecia sua nota peculiar para a composição da cultura nacional, preocupação que figurava como regra nos discursos sobre o nacional-popular, inseriram-se as peculiaridades regionais na narrativa nacional.

Assim, o discurso da unidade foi alicerçado no paradoxo: é a nossa diversidade que nos une, costurando as diferenças regionais e produzindo a ilusória incorporação dos diferentes Brasis. Objetivando essa aparente integração, tem-se construído uma série de enunciados de ordens diversas, que congregam os vários discursos regionalistas. Nesse sentido, tornou-se constante a referência à denominada cultura popular nordestina, por considerarem que ela continha os princípios identitários da nação, fato possível graças ao isolamento da região que permitiu a cristalização de um passado cultural. As idéias defendidas pelos intelectuais simpatizantes dessa tese aparecem nesse cenário de mãos dadas com os projetos de afirmação da identidade brasileira e com os discursos de integração nacional. Nesse propósito, operando com o apagamento das diferenças, selecionam-se e organizam-se imagens que sustentem uma aparente unidade cultural da região e comprovem serem estas, as raízes da cultura nacional.

Percebe-se, portanto, que o empenho empreendido na defesa e divulgação da cultura popular nordestina decorre do entendimento de estarem as bases da cultura nacional brasileira radicadas na região Nordeste. Tal perspectiva, preocupada em resgatar símbolos culturais, conduz a uma compreensão da cultura popular a-histórica e arcaizante. Essa busca da arte popular “autêntica” pressupunha a existência de valores primordiais da nação, resguardados pelo povo e inscritos em suas práticas cotidianas, sejam os rituais, as narrativas, as festas. No entanto, tal percepção perde de vista que essas práticas culturais trazem apenas uma apresentação elaborada e autorizada por esses indivíduos e que, portanto, embora forneçam outras possibilidades de compreensão do processo de criação, mudança e permanência de tradições e valores, trata-se apenas de mais uma representação.

Em se tratando da região Nordeste, o denominado regionalismo de 30, empenhado em estabelecer um retrato sociológico da região, é o que marca a entrada definitiva da mesma na literatura brasileira. Mas não foi essa imagem inaugural a única instituída sobre o Nordeste, outros autores apresentaram propostas artísticas que julgavam diferentes da produção regionalista ligada ao modernismo, por considerá-las empenhadas em expressar uma visão

mais poética dessa realidade. Todavia, mantiveram-se muitas vezes presos às construções discursivas que acreditavam combater.

Ao propor uma representação voltada para o lado belo do Nordeste que, segundo eles, havia sido negligenciado pela produção sociológica e literária anterior, acabam por reapresentar um Nordeste em que se misturam as imagens e os temas já cristalizados em torno da região, acrescidos de um aglomerado de festas e de sujeitos engraçados. Nesse sentido, passa-se da estética da fome para a estética do riso.

De certo modo, é uma outra proposta de visibilidade e dizibilidade do Nordeste que é apresentada ao espectador e/ou leitor através de novelas, filmes, peças de teatro, músicas e leituras. Entretanto, essa nova proposta apenas agrega supostas verdades sobre a região ao imaginário coletivo, não problematizando a verdade anteriormente instituída sobre a mesma e seus habitantes. Não há tentativas de desconstrução, pois não se investe na compreensão dos dispositivos acionados para forjar conceitos como Nordeste, identidade nordestina, dentre outros; nesse sentido é como se eles fossem naturais, como se apenas o olhar sobre esse espaço e essa gente precisasse ser revisto, pois o Nordeste não era apenas uma terra seca, povoada por pessoas tristes e miseráveis.

É recorrente nessa nova onda de produções, até de modo mais enfático, a presença de formas artísticas da denominada cultura popular, seja apropriando-se de cantorias, da literatura de cordel, de contos orais, dentre outras modalidades, seja da religiosidade popular marcada pelas crenças e práticas primitivas, pelas figuras dos beatos e dos profetas. Contudo, o mais instigante não é a apropriação desses elementos em si, mas a maneira paradoxal como muitos autores, como, por exemplo, Ariano Suassuna, radicam sua formação na cultura das classes populares, negando, inclusive, outras influências:

Veja bem, o meu interesse por teatro surgiu no circo. Porque eu fui um menino sertanejo, do interior, e os primeiros espetáculos de teatro que eu vi foram no circo. Eu tenho para mim que essas coisas, junto com os folhetos de cordel, foram muito importantes na minha formação de dramaturgo. Quando eu resolvi depois ser um escritor de teatro, eu não queria imitar nem o teatro alemão nem o francês nem o americano, aí foi que eu parti para a literatura de cordel, para ver se por ali eu podia me inspirar. (SUASSUNA, 1998).

Negando supostas influências estrangeiras e adotando o cordel, forma consagrada como popular, não só como fonte de inspiração, mas como agente formativo, o autor reitera sua familiaridade com o universo que se propõe representar, colocando-se como conhecedor e apreciador da cultura popular nordestina, creditando assim o seu discurso. Seu trabalho seria o

agenciamento de signos culturais consagrados como próprios do povo e, referenciada nesses elementos, a cultura passa a ter uma dimensão coletiva e a figurar em outros discursos. Assim, a dizibilidade sobre o Nordeste não se limita a uma configuração espacial, mas a um modo de pensar, de agir e de se portar diante do mundo próprio do homem nordestino do povo, é claro, essência do brasileiro de outrora, que precisava ser resgatada ou despertada.

Contrariando a idéia de um Nordeste preexistente, Durval Muniz, em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, apresenta o Nordeste como “[...] uma identidade espacial, construída em um preciso momento histórico, final da primeira década deste século [Séc. XX] e na segunda década, como produto do entrecruzamento de práticas e discursos regionalistas.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 22). Nessa perspectiva, o Nordeste não teria sido apenas notado naquele momento, mas criado, instituído por instâncias diversas de poder e de saber. Ainda segundo o autor, participaram dessa elaboração imagético-discursiva, dentre outros, sociólogos, historiadores, romancistas e artistas, que se fizeram porta-vozes dos nordestinos, principalmente dos menos favorecidos.

Nesse cenário, a religiosidade popular nordestina tem figurado quase sempre como o único amparo de uma gente sofrida que, sem ter a quem recorrer, invoca o divino para aliviar suas dores, estando atrelada à idéia de Nordeste inóspito, espaço propício para os sincretismos, as peregrinações, as romarias, a veneração a santos, os sacrifícios e os movimentos messiânicos que ratificavam o atraso próprio da gente nordestina. Desse modo, a religiosidade e as manifestações culturais dos nordestinos vêm comparecendo nas construções imagéticas e discursivas do Nordeste como sustentáculo de uma aparente unidade da cultura criada nesse espaço. Essas construções, operando com o apagamento das diferenças, naturalizaram a idéia de Nordeste enquanto região e forjaram uma identidade regional.

Também em minha memória sobre o Nordeste estavam inscritas as imagens acima arroladas e, por conta disso, quando me propus a estudar religiosidade popular em textos orais, pensei inicialmente em fazer um recorte geográfico. Pensava assim em analisar como a religiosidade popular nordestina é representada em narrativas orais coletadas na Bahia, incluindo os contos, causos e lendas populares recolhidos pelo Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular. Todavia, quando tive contato com a diversidade de textos coletados e com os próprios agentes dessa religiosidade, senti uma necessidade de rever o que estou denominando religiosidade popular nordestina, o que me levou aos seguintes questionamentos: não estarei forçando uma identidade religiosa e conseqüentemente apagando as diferenças, com o meu discurso? Não estarei moldando um saber sobre o outro e com isso mantendo-me na mesma esteira dos escritores de 30?

Penso de maneira recorrente em um evento que constantemente aparece na televisão e tem espaço garantido nos estudos sobre a religiosidade popular nordestina: as romarias. O quadro apresentado é sempre o mesmo: romeiros que vem em cima de caminhões – os tão famosos paus-de-arara – de todos os lugares do Sertão. Os recortes imagéticos e discursivos desses eventos no Nordeste nos são apresentados tão atrelados à idéia que temos dessa região que, pelo menos por um momento, pensamos ser a romaria um evento apenas nordestino. O quadro completa-se com os rostos sofridos dos romeiros, a pele ressequida pelo sol, os pedidos para chover, a fé em padre Cícero e tantos outros santos. Carlos Alberto Steil, ao tratar das romarias para o Santuário de Bom Jesus da Lapa, que atende peregrinos oriundos, sobretudo, da Bahia e de Minas Gerais, assim descreve a trajetória dos romeiros:

Há um sentido de pertencimento e de comunhão com a paisagem que impregna o culto das romarias para Bom Jesus da Lapa. No movimento dos corpos que cruzam o sertão em direção ao santuário, os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado. (STEIL, 1996, p.23).

Nessa experiência dos romeiros de Bom Jesus da Lapa, podemos depreender dois aspectos que envolvem diretamente a religião: os valores universais e os locais. Certamente, nessa trajetória, o percurso é determinado e, portanto, as hierofanias, resultantes dessa sacralização espacial, também. Os pedidos feitos aos santos e às divindades também são particulares e remetem à realidade de cada sujeito, assim como a vivência desses acontecimentos. Mas os princípios que regem essa romaria certamente são perceptíveis em romarias de outras partes do mundo.

Diante de tais questões é preciso atentar para os problemas suscitados pelo uso do termo “popular”. Como sinaliza Hall, ao tratar da cultura popular “[...] não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais.” (HALL, 2003, p. 254). Parafraseando Hall, podemos dizer que, assim como a cultura, não existe uma religiosidade popular exclusiva, ou melhor, as pessoas de classes populares não experienciam a religiosidade de forma única e qualquer tentativa de definir essas práticas como homogêneas pressupõe violência e apagamento.

Em se tratando da literatura oral, não devemos esquecer ser a mesma formulada a partir de duas instâncias: passado e presente. Assim, são perceptíveis nos textos marcas

regionais, geralmente referentes a espaços e ao aparato lingüístico, dados que remetem à inserção das pessoas que narram num determinado dialeto regional. Temos ainda o discurso do contador, que corresponderia à forma como esses sujeitos laboram suas idéias, suas crenças e demonstram sua forma de estar no mundo. Por outro lado, não podemos desconsiderar que essas narrativas são pertencentes a uma tradição e, portanto, trazem marcas de outros tempos, de outros modos de vida e de outras crenças, amalgamadas a uma invariante narrativa cada vez que é retomada por um contador.

Por conta desse caráter híbrido, considero as narrativas orais uma forma textual significativa para pensarmos questões como nacionalidade, regionalismo e identidade, pois são ao mesmo tempo locais e universais. Por conta disso, não podemos desconsiderar o caráter etnográfico de tais produções, mas também não podemos encerrá-las apenas nesse entendimento, pois como se explicaria o fato de, por exemplo, as narrativas que relatam a surra de São Pedro serem encontradas aqui na Bahia, na Itália e em outros lugares? Do mesmo modo, penso ser a experiência religiosa complexa e individual demais para pretendermos cercá-la em fronteiras regionais.

## 2 HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE SÃO PEDRO E JESUS

O ouvinte “faz parte” da performance. O papel que ele ocupa na sua constituição, é tão importante quanto o do intérprete. A poesia é então o que é recebido; mas sua percepção é um ato único, fugaz, irreversível... e individual, porque se pode duvidar que a mesma performance seja vivida de maneira idêntica (exceto, talvez, em ritualização rigorosa ou transe coletivo) por dois ouvintes; e o recurso posterior ao texto (se há texto) não a recria. (ZUMTHOR, 1997, p. 241).

A análise do *corpus* é sem dúvida um dos capítulos mais trabalhosos de uma dissertação. É quando nos debruçamos sobre o material escolhido para fomentar e sustentar as discussões que propomos. Em se tratando de textos orais, objeto do presente trabalho, sinto-me impelida a, antes de iniciar tal tarefa, partilhar um pouco minha experiência como pesquisadora, ouvinte e narradora de histórias orais.

A primeira questão diz respeito ao meu distanciamento em relação ao material em análise, ou melhor, à impossibilidade de tal postura. Quando estudamos a literatura escrita, importa-nos a realidade ficcional apresentada e se, por um lapso de tempo, pensamos na figura do escritor, o visualizamos frente a uma máquina de escrever, a um computador ou mesmo a uma folha em branco realizando uma ação solitária. Mas esse processo de criação não nos afeta diretamente, pois não o presenciamos, muito menos interferimos em tal processo. Sabemos que, embora o autor prefigure seu leitor ideal, não se trata de um público vivo cuja presença seja perceptível no ato de escrita. A nossa *performance* durante a leitura, quase sempre solitária, acontece num momento outro, o da recepção, apartada do momento de criação propriamente dito. Assim, embora nos seja permitido atribuir sentidos ao que lemos, nos é vedado mudar o curso da narrativa; o texto enquanto realização material nos chega acabado.

Quando se trata da oralidade, mesmo quando trabalhamos com o texto transcrito, sabemos estar diante de um material que requer um outro tipo de leitura, pois, paralelamente às cenas ficcionais próprias das narrativas, é possível rastrear uma outra trama: a da *performance* do texto, povoada de vozes, rostos, risos e emoções, o que pressupõe sempre uma construção em eventos coletivos, cuja recepção é simultânea ao momento de (re) criação. Assim o texto transcrito não corresponde a um texto escrito, tampouco é o registro da oralidade. É importante, pois, frisar que estamos diante de um material, cuja situação natural que lhe confere existência nos escapa.

Se participamos da *performance*, a questão é bem mais complexa, pois, antes de estar gravada em fitas cassete, filmada ou transcrita, a “obra”<sup>7</sup> está em nossa memória. E não é só a narrativa, mas o evento da contação, que não envolve apenas o contador e o texto por ele contado, abrange o público e a ambiência de modo geral. Há de se considerar também a presença do pesquisador, que quase sempre vem de fora e o contador acaba de conhecer. Somos, inevitavelmente, sujeitos estranhos para contadores e público e ainda portamos gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras – toda uma aparelhagem que desarticula uma situação habitual de contação, elementos situacionais carreados para o texto.

Em minhas andanças como pesquisadora, aconteceram coisas fabulosas, que não me estenderei relatando. Trago à baila apenas um exemplo que nos dá a dimensão do quanto nós, pesquisadores, somos um público diferenciado, e como o ato de recolha do texto, por mais cuidadoso que seja, interfere na *performance*. Em uma pesquisa realizada em Ipirá-Bahia perguntei a um informante sobre contos de São Pedro e Jesus. Para meu contentamento, ele afirmou saber algumas histórias e começou a rememorar alguns textos. Percebendo que ele iniciava uma narrativa, liguei o gravador, quando ele me pediu que esperasse um pouco, pois iria primeiro ordenar o texto. Assim, o escutei sem gravar, em seguida o texto foi recontado e finalmente gravado. Ao concluir a estória me disse saber um outro conto de São Pedro, segundo ele, mais ousado e, embora nos tenha contado com muita desenvoltura, não me foi permitido gravá-lo. Não podemos, no entanto, generalizar e atribuir essa atitude a todos os contadores, mas tal situação sinaliza que a pesquisa não representa um momento habitual de contação de histórias.

Além dessas peculiaridades, próprias do objeto de estudo em questão, há de se ponderar o quanto nós pesquisadores somos marcados por esses momentos de contação, o que quer dizer que a condição de pesquisador não nos torna menos envolvidos pela magia do contar e de vivermos nossa experiência particular de recepção. Conseqüentemente, a nossa emoção ao ouvir o texto, a nossa ansiedade diante de uma nova versão ou de um texto jamais ouvido, o contato com as pessoas, o contentamento diante da disponibilidade dos detentores desse saber em partilhá-lo, a percepção de suas reservas diante da situação de recolha, tudo isso certamente irá repercutir nas análises.

O *corpus* do presente trabalho é constituído de 27 textos orais e três cordéis: *Jesus Cristo, São Pedro e o Destino da Humanidade* (FILHO, 1986), *Jesus Cristo, São Pedro e o*

---

<sup>7</sup> O termo é aqui utilizado na acepção que lhe é conferida por Paul Zumthor “Obra: o que é poeticamente comunicado, aqui e agora – texto, sonoridades, ritmos, elementos visuais; o termo compreende a totalidade dos fatores da performance.” (ZUMTHOR, 1993, p. 220).

*Ladrão* (FILHO, 1977), *Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição* (AREDA, 2004). Interessa-me nesses textos perceber como os personagens São Pedro e Jesus compõem nesse registro, além das proximidades e diferenças em relação às narrativas orais. Sem querer determinar uma matriz entre essas duas modalidades textuais, há de se considerar ser certamente a circulação desses textos na oralidade anterior à escrita dos folhetos; assim podemos pensar em uma adaptação e recriação de narrativas orais pelos cordelistas. Embora não descarte que algumas dessas narrativas orais possam ser provenientes de uma matriz impressa, considerarei neste trabalho o primeiro trânsito.

Sabemos ser o cordel uma forma poética surgida como produto das tipografias, tecnologia que tornou possível a existência dessa literatura. Todavia, não podemos esquecer serem os seus criadores, poetas quase sempre pertencentes a um contexto oral, certamente ouvintes ou até contadores de histórias. Por conta dessas peculiaridades, o cordel se coloca em um entre-lugar no binômio escrita e oralidade, pois, embora incorpore elementos da escrita, também se fundamenta no modo de composição e circulação da oralidade. Nesse trânsito, personagens-tipos com suas devidas caracterizações acabam circulando livremente nesses dois campos – é o caso de Pedro Malasartes e da dupla São Pedro e Jesus. Os textos impressos mantêm-se na mesma linha da tradição oral, não alterando os motivos nem a configuração dos personagens.

## 2.1 AS MÚLTIPLAS FACES DE SÃO PEDRO

Registradas em muitos países, também no Brasil, as narrativas orais do ciclo de São Pedro e Jesus selecionadas para este trabalho ocupam-se das aventuras de Jesus e São Pedro quando andavam no mundo e dos feitos do discípulo exercendo a função de chaveiro do céu. Trata-se de uma série de narrativas diversas, que se conectam pela presença desses dois personagens que geralmente aparecem juntos, mas que também protagonizam isoladamente determinadas narrativas. O critério para agrupá-las foi o modo como foram estruturadas.

Assim, separei em dois blocos distintos as narrativas que, apesar da paridade temática, apresentam seqüências narrativas diferentes. No primeiro, o mais numeroso, correspondendo a 21 das 27 que compõem o *corpus* oral, estão as narrativas geralmente iniciadas pela expressão “Quando São Pedro andava no mundo mais Nosso Senhor” ou uma que equivalha a

essa informação e estruturam-se a partir das andanças de São Pedro e Jesus na terra. Neste bloco encontram-se subdivididas em seus motivos recorrentes: a hospitalidade, a recuperação do malfeitor, a recuperação do preguiçoso, só Jesus faz milagres, fazer o bem sem olhar a quem e malandragens de São Pedro. Em se tratando dos cordéis, dos três, dois encaixam-se nesse bloco: *Jesus Cristo, São Pedro e o Destino da Humanidade* e *Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão*.

O segundo grupo comporta 5 narrativas que se estruturam a partir do exercício de São Pedro como chaveiro do céu. Em quatro destas, o espaço ficcional engloba também situações vividas na terra por Jesus e São Pedro. Essas situações, no entanto, foram entendidas como motivos agregados à estrutura desse segundo tipo. O cordel *Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição*, à semelhança das narrativas orais, desenvolve-se a partir de duas situações dependentes: a vivida pelos personagens na terra e São Pedro em seu exercício de porteiro no céu.

Quanto à estrutura textual as narrativas do ciclo se apresentam de duas maneiras. A primeira corresponde à narração de episódios curtos, cada um constituindo um texto reconhecido como tal pelo próprio contador. Esses casos são os mais numerosos, correspondendo às narrativas 01 a 23 do anexo e o cordel *Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão*. Uma outra situação acontece quando esse encadeamento dos episódios não se limita a uma sucessão narrativa, mas a uma articulação feita pelo contador de dois ou mais motivos no mesmo texto, mantendo uma relação de dependência entre eles. Essa complexidade da tessitura narrativa foi observada nos textos 24 e 25 do *corpus* oral e no cordel *Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição*, nos quais dois motivos são articulados: a hospedagem recompensada e São Pedro porteiro do céu. Nestes casos não se trata de episódios isolados, mas de uma disposição textual cujas seqüências narrativas apresentam certo grau de dependência.

A outra configuração narrativa acontece quando os episódios são encadeados de modo a criar uma única narrativa, sem que a unidade de cada episódio seja alterada, podendo ser estes desmembrados por um ouvinte-contador sem danos para a compreensão. Encontramos essa estruturação nos contos 26 e 27 e no cordel *Jesus Cristo, São Pedro e o Destino da Humanidade*. Nesses casos os episódios são conectados pela idéia da viagem contínua dos personagens – a aventura continua, portanto, na próxima casa ou num novo encontro com pessoas diferentes ou mesmo numa situação envolvendo apenas os dois personagens.

Há de se considerar que a variedade de estruturação textual das narrativas orais do ciclo<sup>8</sup> de São Pedro e Jesus não se restringe apenas aos textos analisados, mas é perceptível nas demais narrativas do ciclo existentes no acervo do PEPLP, assim como em outros ciclos, a exemplo do de Pedro Malasartes. Poderíamos ainda estender essas observações aos folhetos de cordel que têm Malasartes como protagonista. Trata-se, pois, de narrativas cuja estrutura parece ser mais flexível do que a de outros contos, como os de encantamento e de exemplo. Contudo, as combinações fabulares aí geradas obedecem ao princípio da coerência, visando à unidade de sentido. Vale ressaltar que, na escuta dos textos por mim realizada, notei serem pouco fragmentadas as narrativas que integram o ciclo de São Pedro e Jesus, o que talvez decorra de serem estas de pequena extensão e possuírem um enredo de fácil memorização.

As narrativas do *corpus* estudado trazem como personagens principais Jesus e São Pedro. Quanto à função de protagonista, atribuída pelos contadores e por alguns estudiosos a São Pedro, percebemos não lhe ser exclusiva, havendo, pois, um revezamento dessa função entre ele e Jesus, a depender da temática a ser desenvolvida. A caminhada empreendida pelos dois personagens bíblicos na tradição oral e popular parece ter como mola propulsora preparar Pedro para sua função de discípulo e ensinar princípios morais às pessoas – Jesus cura e ensina aqueles que o encontram, ao mesmo tempo em que instrui o discípulo.

Assim, é bastante significativo apontar nesse universo ficcional qual, entre os dois personagens, é o trapaceiro da história, uma vez que ambos utilizam a esperteza e a malandragem para resolver os problemas que surgem ao longo da caminhada. Os contadores apontam sempre São Pedro como o grande trapaceiro. Mas pobre do Santo! É logrado muitas vezes na terra e no céu pelos homens e pelo Mestre, e suas tentativas de malandragens, com raras exceções, são sempre frustradas. Concordemos, entretanto, que não é simples atribuir tais características a Jesus, mesmo porque suas investidas malandras servem sempre a propósitos sagrados, nunca são para benefício próprio; objetiva sempre o bem do outro, a conversão ou correção de um vício que degenera o indivíduo. Quanto a São Pedro, não podemos afirmar serem seus propósitos tão benevolentes e postos sempre a serviço do outro. Em suas andanças na terra ou mesmo no céu tenta, às vezes, com sucesso ou não, dá-se bem nas empreitadas em que se lança.

---

<sup>8</sup> “Conjunto de poemas em que celebram feitos de certo herói ou de certa época.” (FERREIRA, 1988, p. 150.)

### 2.1.1 AS ESTRIPULIAS E LOGROS DO SANTO PORTEIRO DO CÉU

Como vimos, das 27 narrativas estudadas, em 05, São Pedro comparece exercendo a função de chaveiro do céu. O desenvolvimento seqüencial dessas narrativas compreende uma situação inicial que informa a chegada de uma alma ao céu. Segue-se a isso o encontro com o porteiro, que, por razões diversas, lhe impede a entrada. Diante da interdição, o personagem cria então estratégias para burlar a vigilância do porteiro e entrar no recinto. O desfecho, via de regra, é favorável ao malandro e, portanto, desfavorável ao porteiro, que, com exceção de uma narrativa, é sempre São Pedro. Essa similitude estrutural como veremos nas análises subseqüentes, não é um entrave à criatividade do contador, pois essa matriz virtual não corresponde a uma fôrma que molda as narrativas orais; ela atua como uma espécie de fórmula mnemônica que favorece a construção fabular na oralidade, um recurso ao qual o contador recorre no momento do imprevisto que é a *performance*. Trata-se de uma invariante que se aloja na tradição sendo retomada e recriada por uma subjetividade.

Pensar a narrativa oral como um construto literário cujos temas e estruturas podem ser identificáveis como pertencentes a uma tradição, ressignifica nosso entendimento de originalidade, que, como bem especifica Ong, “[...] não consiste em introduzir novo material, mas em adaptar o material tradicional de modo eficaz a cada situação específica, única, e/ou ao público.” (ONG, 1998. p 73). Assim, a memorização que acontece durante a escuta de uma narrativa não é do texto em si, mas de uma gama de elementos estruturais e temáticos a partir dos quais serão tecidas as novas versões do texto contado. As operações realizadas pelos contadores são as mais diversas e englobam transferências de motivos de uma estrutura narrativa para outra, ou mesmo alterações no nível da estrutura, que culminam em variantes, ao invés de simples versões. É interessante observar, por exemplo, como o poder é simbolicamente representado no céu pela cadeira, assim como o é para os reis e seus súditos.

Começarei a análise pela narrativa **História de São Pedro e São Miguel** (CCO 52.3), que nos fornece uma explicação de como o Santo teria conseguido ser porteiro do céu. De acordo com o conto, São Pedro teria alcançado o posto malandramente, usurpando-o de São Miguel. Nesta narrativa, antecedendo o que estamos considerando a situação inicial, nos é informado que Jesus, numa conversa com São Pedro quando este ainda estava vivo, por alguma razão, teria lhe oferecido a realização de um desejo, ao que Pedro prontamente responde: “– Eu quero que aonde eu sentar, que ninguém faz eu levantar, Senhor.” Jesus concorda. Passado algum tempo, Pedro morre e chega ao céu. Nosso Senhor exige que não o

deixem entrar, mas o Santo, muito esperto, não se dá por vencido e cria uma estratégia: “Quando entrava um, ele enviava metade do braço. Entrava outro, ele enviava mais um pouquinho.” São Miguel, diante do perigo iminente, exaspera-se e vai ao encontro de Jesus para contar-lhe o ocorrido. Mas quando o Mestre chega, não havia nada mais a fazer; Pedro, malandramente já estava sentado na cadeira de São Miguel. Jesus tenta expulsá-lo, mas ele é irreduzível e argumenta: “– Ô Senhor, o quê que eu lhe pedi? Não lhe pedi nada, mas aonde eu sentar, ninguém fazer eu levantar.” Consumado o fato, o narrador arremata: “Aí pronto, ficou Pedro como dono da chave.”

Podemos perceber que São Miguel, a vítima da história, é culpado pelo acontecido, pois é, na verdade, a sua saída, o abandono momentâneo do seu posto, que favorece São Pedro. Nessa luta simbólica entram em cena dois elementos importantes para lograr aqueles que detêm o poder: paciência e perspicácia, qualidades do herói malandro, que sabe não ser possível agir impulsivamente para obter sucesso; é necessário ficar na espreita, esperando que o inimigo abra a guarda. Assim, Pedro, ao invés de partir para um enfrentamento direto com o poder instituído, o contorna, minando-o com micro-ações e um malabarismo feito com o próprio corpo, muitas vezes, a única arma que o homem das classes populares dispõe para enfrentar os poderosos reais. Como percebemos num dos trechos acima, o personagem pacientemente vai adentrando aos poucos e de maneira fragmentada no céu, circunstância que se apresenta em afinidade com a lógica da desordem instalada pelo malandro. Como bem sinaliza Roberto Goto em *Malandragem revisitada*, a possibilidade de mudança

[...] é dada pela própria ambivalência do malandro; situado na brecha, nos ‘interstícios’ entre o permitido e o reprimido, o efetivo e o possível ou desejável, é a partir de seu “mundo intersticial” [...] que ele “abre as portas para mudanças sociais mais profundas”. A flexibilidade malandra, no caso, seria o antídoto das “categorias estáticas e acabadas” com as quais o mundo dos ricos e pobres seria visto pelo “pequeno burguês” [...]. (GOTO, 1988, p. 92-93).

Tal leitura nos permite compreender a representação de Pedro como metáfora construída a partir do desejo do homem das classes populares – ambiência em que tais narrativas são geralmente contadas e alimentadas – em mover-se de forma diferenciada no sistema que o deixa à margem. Um termo que considero importante para pensarmos a representação de São Pedro é o interstício, pois nas narrativas é assim que o percebemos como um ser multifacetado, que transita entre o céu e a terra, e cujas atitudes refletem santidade e humanidade. Por outro lado, em relação a Jesus, que se posiciona como centro, Pedro está quase sempre à margem.

No texto fica explícito ter sido a circunstância aceita a contragosto por Jesus, tendo este inclusive tentado evitar o desfecho. Entra em cena um São Pedro malandro e decidido, cuja astúcia consegue burlar a vigilância de São Miguel e vencer com argumentos Nosso Senhor que, não podendo faltar à palavra dada, lhe assegura o posto de chaveiro do céu. Essa configuração de Pedro nos permite associá-lo a Pedro Malasartes personagem também muito recorrente nas narrativas orais e reconhecido por suas artimanhas e inteligência. É possível que nas redes da tradição esses personagens sejam confundidos no imaginário popular. A semelhança de nomes e de caráter desses personagens os tem aproximado a ponto de encontrarmos as mesmas narrativas contadas ora com um personagem, ora com outro. Deveria São Pedro seus lapsos de esperteza a Malasartes?

Todavia a explicação apresentada acima sobre como o Santo teria se tornado porteiro do céu não é a única; numa outra narrativa oral o próprio Jesus nomeia Pedro:

– Óia Pedro, vou lhe dar aqui o seu trabalho pra você fazer aqui. Você é que vai tomar conta de todos os espírito [...] Vou lhe dar esse... Seu serviço é esse aqui. Ói, tome essa chave aqui. Ói, tome essa chave aqui, aqui é a chave do céu. Vai ser essa aqui. Cê vai tomar conta. (EBR 78.13)

Observa-se nas palavras do contador um reconhecimento da função de São Pedro. Tal configuração, todavia, só pode ser pensada a partir de um plano ficcional no qual o sujeito espacializa o céu, apresentando-o com chaves e sugerindo a existência de objetos próprios do cotidiano do sujeito que narra, como uma porta e um porteiro que controla a entrada. Essa explicação corresponde a uma interpretação de um trecho bíblico do Novo Testamento, no qual Jesus, reconhecendo Pedro como predestinado para grandes missões, teria lhe dito: “– Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu, e o que você ligar na terra será ligado no céu, e o que você desligar na terra será desligado no céu.” (Mt 16,19)<sup>9</sup> Certamente aquele que possui as chaves tem o poder de abrir a porta, mas a passagem bíblica seria apenas o mote, pois os enredos que são construídos a partir daí não encontram referências nos evangelhos canônicos, nem nos apócrifos.

Mas, voltemos ao motivo da disputa pelo cargo de porteiro que, como vimos, não finda com a tomada do posto por São Pedro – as pessoas comuns, simples mortais também ousaram arrebatá-lo. A narrativa **Jesus, São Pedro e o jogador** (CCO 49.6), por exemplo, traz o mesmo motivo mesclado com um outro: a multiplicação dos pães. Nesse caso, a explicação dada sobre a procedência da alma que chega ao céu é mais extensa e, embora não

---

<sup>9</sup> As citações bíblicas do presente trabalho foram extraídas da **Bíblia Sagrada** (1990).

possa ser considerada uma narrativa independente, possui uma unidade de sentido. Assim, em suas andanças pela terra, Jesus, em companhia de seis discípulos, entre eles São Pedro, pede pouso na casa de um senhor de nome Antônio, um jogador. Este, muito atencioso, os acolhe e partilha a pouca comida que tinha: dois pães e dois cachos de uva. Segue-se a isso a realização do milagre descrito da seguinte maneira:

Quando Jesus sentou na mesa mais ele, diz que esses dois pão foi, foi rendendo pão, foi rendendo pão, foi rendendo pão e foi rendendo uva, uva, e não acabava mais. Todo mundo comeu que ficou farto. E quando acabava, diz que Jesus disse:

– Agora, ricolhe e guarda pra amanhã.

Diz que ainda sobrou dois cestos cheio. (CCO 49.6)

É possível reconhecer nessa narrativa um outro motivo bíblico, a multiplicação dos pães, no qual Jesus milagrosamente divide sete pães e alguns peixes com uma multidão que o escutava, alimentando aproximadamente quatro mil pessoas e, finda a refeição, “[...] recolheram-se ainda sete cestos dos pedaços que sobraram.” (Mc 08,08).

Essa primeira seqüência traz um dos motivos recorrentes no *corpus* oral: a hospitalidade que vem sempre combinada com a partilha de comida e a recompensa. Assim, o bom hospedeiro, quase sempre muito pobre, partilha com os viajantes o pouco de comida que tem, sendo recompensado neste caso com a fartura, pela sua boa ação. Teríamos um texto de forte cunho exemplar, cujo desenvolvimento seria regido pela necessidade de divulgar uma norma de conduta. Certamente, se a narrativa findasse nesse ponto, o ouvinte desavisado não sentiria falta de uma continuação. Todavia há uma segunda seqüência: como o homem nada aceitou como pagamento pela hospedagem, Jesus ordena a Pedro que lhe pergunte o que ele desejava na vida e prontamente ele responde:

– Olha, você diga a esse home que tá com você que o que eu desejo na minha vida é na banca de jogo que eu sentar, eu num perder nada, só sair ganhando e ninguém não me tirar do lugar. Toda hora que eu sentar pra jogar, eu ganhar. (CCO 49.6)

O desejo é realizado, entretanto, o homem acaba morrendo. Nesse ponto, o ambiente ficcional é deslocado da terra para o céu e São Pedro aparece em sua habitual função: “Quando esse homem subiu, que chegou lá, que viu que São Pedro abriu a porta.” Se considerarmos a boa ação do homem ao acolher Jesus e os discípulos em sua casa, sua entrada seria esperada no céu, mas São Pedro o barra por sua condição de jogador. O homem, no entanto, argumenta lembrando o desejo que lhe havia sido concedido. Jesus ordena sua

entrada e o homem obedece, sentando-se em seguida na cadeira de São Pedro, que protesta: “– Sai daí que essa daí é minha!” Jesus intervém mais uma vez: “– Pedro, tu não lembra do pedido dele que aonde ele sentasse, ninguém tirasse? Então procura outro pra você, deixa ele no seu lugar.” Assim, São Pedro é desautorizado e perde seu lugar, conquistado, segundo a narrativa analisada anteriormente, com o mesmo golpe. O artista da malandragem aqui é o homem, enquanto o Santo é o ludibriado. Um outro ponto em comum é que mais uma vez Jesus mantém sua palavra, desfavorecendo o dono do posto.

A condenação do jogo, marcante em outras narrativas do ciclo, parece ser, nesse caso, menos importante do que a palavra empenhada. Podemos associar esse afrouxamento da reprovação dos vícios ao fato de serem as narrativas que apresentam São Pedro como chaveiro do céu as mais carregadas no aspecto humorístico.

A narrativa **A multiplicação dos alimentos** (EBR 80.6) também traz o motivo do alimento multiplicado, mas o objetivo não é o posto de São Pedro e sim a entrada no céu. Dessa maneira, em andanças pela terra, o grupo formado por Jesus e os doze discípulos, diante da iminência de uma trovoada, pede hospedagem em uma casa muito pobre, habitada por um velho. Este aceita acolhê-los em parte, pois não teria como acomodar todo o grupo. Mas Pedro apresenta uma saída: “– Não, meu véio, onde cabe quatro, cinco, seis, cabe todo mundo.” O velho, mesmo a contragosto, aceita-os em casa. Quando pela manhã Jesus pergunta-lhe sobre o que ofereceria para comer, ele se aborrece novamente, considerando um abuso por parte dos hóspedes. Mas Jesus é compreensivo e o acalma. O homem então apresenta a pouca farinha que tinha e Jesus a transforma em muita. Diante do feito, o hospedeiro lhe traz um cachinho de uva e um resto de água no pote que também são multiplicados.

O homem, muito satisfeito, nada mais quer; todavia, Jesus insiste em realizar-lhe um desejo, e ele pede-lhe para ganhar todas as partidas no jogo de baralho. Jesus se recusa, mas o homem é irredutível e então o desejo lhe é concedido com uma condição prontamente aceita: “– Tá bom. Ói véio, vou lhe dar, mas é o seguinte: você só ganha um vintém.” Assim como na narrativa anterior, o velho morre e o espaço ficcional é deslocado para um outro plano. Entretanto, nesta, o baralho o acompanha e, encontrando com Satanás, que vinha conduzindo as almas que não foram aceitas no céu, o homem o convida para uma partida de baralho. No jogo ele arrebatava todas as almas e segue para o céu com suas premiações. Lá chegando, encontra São Pedro, que o reconhece e libera sua entrada, mas impede a das almas que ele trazia. Insatisfeito, o homem replica: “– Por quê?! Essas arma não entra aqui? Por quê? Quando você chegou ni minha casa, o que foi que você disse? O lugar que cabia um, cabia

dois, cabia três, cabia doze. E como coube em minha casa e agora não pode caber?” Nessa narrativa a esperteza do homem se dá apenas no nível da linguagem, o logro se faz pela capacidade argumentativa do sujeito que usa o discurso do outro a seu favor.

Percebe-se que são muitas as artimanhas criadas para burlar a vigilância do Santo. Em **O julgamento das almas** (EBR 78.13) São Pedro é logrado por sua bondade ou talvez por sua falta de malícia. Vejamos: um fazendeiro que havia negado hospedagem a Pedro – quando estava de passagem pela terra – é impedido de entrar no céu. A peculiaridade dessa narrativa reside no fato de que, para julgar as almas, Jesus deu a Pedro uma balança. Sendo assim, de um lado ficava o demônio e do outro a alma. Se esta fosse mais pesada do que aquele, não poderia entrar no céu, como no caso da alma do fazendeiro. Entretanto, nem o demônio agüentou o fazendeiro, que, expulso do inferno, fica sem colocação. O homem não se dá por vencido: volta ao céu e fica de espreita, esperando um momento propício para agir. Quando São Pedro, distraído, abre a porta, ele coloca o braço e grita: “– Uai, Pedro! Uai, Pedro! Uai Pedro! Quer que quebre o meu braço?”. Quando o Santo abre um pouco mais a porta ele aproveita e coloca o pescoço, recomeçando a gritar, a porta é então aberta totalmente e ele finalmente entra no céu, logrando o ingênuo São Pedro.

Embora raramente, São Pedro consegue exercer sua autoridade, como na narrativa **O pecador que não entrou no inferno por falta de pagamento** (EBR 522.5), quando impede a entrada de uma alma no céu “– É, Meu amigo, sua vida aqui, desde o nascimento até agora, num tem nada que lhe deixe você ficar aqui não, ó!” Diferente das outras narrativas, o homem não tenta negociar com o Santo, nem burlar sua vigilância. Indo para o inferno, muito se agrada com as coisas que vê: trio elétrico, carnaval, festa, mulher, cachaça, dinheiro. Todavia, é avisado que deveria pagar pela estadia; sem dinheiro, a alma retorna ao céu para pegar um empréstimo com o Santo, o que lhe é negado: “– Ah, seu trouxa! Se eu tivesse quinhentos, tava aqui contando alma?! /RISOS/ Quem tava lá era eu!”

Essa narrativa é a que mais se afasta daquelas vistas anteriormente, pois, embora tenhamos uma situação inicial que, assim como as demais, informa a chegada da alma no céu, seguindo o encontro com o porteiro que lhe impede a entrada, não há desejo de violar a interdição; o personagem não cria estratégias para burlar a vigilância do porteiro e entrar no recinto, circunstância que torna o desfecho favorável para o Santo. Parece importar na narrativa exaltar as más qualidades de São Pedro, mostrando-o indigno de seu posto.

No cordel *Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição* (AREDA, 2004), temos, em parte, uma situação parecida. Em síntese, a narrativa desenvolve-se da seguinte maneira: São Pedro, em companhia de Jesus na terra, hospeda-se na casa de um ferreiro que os recebe

muito bem, inclusive ferrando o burrinho em que Jesus estava montado. Devido à boa hospedagem e ao trabalho feito, Jesus deu-lhe a oportunidade de ter realizados três desejos. Desconsiderando os conselhos de São Pedro para que ele pedisse o reino do céu, o ferreiro pede que quem se sentasse no banco de sua tenda, só saísse quando ele mandasse; quem subisse num determinado pé de figueira, não descesse sem sua ordem e, finalmente, quem entrasse em seu saco de couro, ficasse lá até morrer. Segue-se a isso o arrependimento do ferreiro ante os desejos realizados, seu pacto com o demônio, seu enriquecimento e a descrição de como logra o demônio, graças aos desejos realizados por Jesus. Todavia, essa esperteza do ferreiro não o livra da morte, que lhe chega aos noventa anos. Nesse momento, ele vai pedir morada no céu. São Pedro, não tendo esquecido o descaso com relação ao seu conselho, quando se encontraram na terra, não o deixa entrar e quando o ferreiro reclama de sua falta de companheirismo, revida:

– Você não quer salvação  
Vá se arrumar com seu banco  
Pé de figueira e surrão  
E depois com Satanás  
Com quem fez arrumação  
(AREDA, 2004)

O ferreiro, assim como o personagem do conto **O pecador que não entrou no inferno por falta de pagamento**, antes analisado, não tenta entrar no céu usando outros artifícios. Contudo, diferentemente daquele que aceita sem reclamar, o ferreiro não economiza xingamentos ao santo:

– [...] Você é  
Um santo bruto orgulhoso  
E portanto eu já dei-te  
Que onde tem corta jaca  
Ninguém pode tomar pé.

– Fique com sua porqueira  
Que não quero mais nem vê-lo  
E agora mesmo eu vou  
Ao inferno conhecê-lo  
Se satanás não quiser-me  
Vai se dar um dismantelo.  
(AREDA, 2004)

E assim, dirige-se o ferreiro para o inferno, onde também não é aceito. No entanto, não volta ao céu para tentar burlar a vigilância de São Pedro:

Assim ficou o ferreiro  
 Sem achar colocação  
 Nem no céu nem no inferno  
 Não encontrou proteção  
 Ficou vagando e se chama  
 Ferreiro da maldição  
 (AREDA, 2004)

Confrontando essa narrativa com as demais analisadas, que trazem o referido santo como porteiro do céu, é no cordel que mais impera o caráter exemplar. Mesmo os xingamentos dirigidos ao santo não maculam sua imagem, pois são proferidos pelo despeitado e ambicioso ferreiro. Pedro mantém-se firme e o ferreiro, astuto, malandro a ponto de lograr o demônio, não parte para o enfrentamento com o santo, que se mostra enérgico e decidido.

Percebemos serem muitas as faces de São Pedro que ora se mostra astuto, ora bobo, mas, sem dúvidas, é um dos santos mais respeitados e queridos entre as pessoas das classes populares. A forma humorística como às vezes é tratado não altera a fé das pessoas em sua capacidade de realizar milagres. Acredito que ela facilita a comunicação entre Jesus e as pessoas comuns, que criam laços fortes com os santos de sua predileção, transformando-os em seus intercessores.

Assim, aos santos são rogadas as coisas mais íntimas e mais humanas, devido à sua proximidade com os homens e à crença de que, se eles não conseguem sozinhos atender aos pedidos, estão, contudo, mais próximos de Deus e irão por eles interceder. Como bem sinaliza Raymundo Heraldo Maués, ao examinar o catolicismo popular na microrregião do Salgado, no litoral do Pará, as pessoas compreendem os santos a partir de uma perspectiva dialógica: “[...] eles são pensados como pessoas iguais a todos nós, que viveram na terra, mas se distinguiram dos outros seres humanos por terem passado pelo processo de santificação.” (MAUÉS, 1995, p.180).

Notamos que as narrativas orais tendem a se desenvolver a partir de situações do cotidiano das comunidades que as geram, perceptíveis não apenas no concernente ao aparato lingüístico, perceptível em todos os textos do acervo, carregados de marcas dialetais e expressões idiomáticas, mas também nos elementos contextuais da cultura local, como podemos perceber na narrativa **São Pedro, Jesus e o bêbado** (CCO 30.1): “Naquela época, Nosso Senhor andou no mundo, ia num jipe [...]”. O mesmo ocorre em **A multiplicação dos alimentos** (EBR 80.6), quando o contador indica estar São Pedro em cima de uma árvore chamada itapicuru, natural das florestas da Bahia e do Espírito Santo, ou usa como indicativo de distância seu ponto de referência, afirmando que de cima da árvore São Pedro avistou “[...]”

como daqui no Quatorze [...]” vestígios de moradia. O Quatorze corresponde a uma localidade situada no quilômetro quatorze da estrada. O caso do “jipe” parece-me uma das mais significativas mostras de atualização do texto, pois a presença desse meio de locomoção moderno, certamente destoa do tempo longínquo, no qual outros contadores situam a estadia de Jesus na Terra, atestando assim a criatividade dos contadores na atualização de tais narrativas.

Certamente quando essas narrativas forem recontadas para uma platéia que desconheça esses elementos, o contador os substituirá por outros de igual função, essa mudança, contudo, não afetará a invariante estrutural subjacente da narrativa que a faz pertencente a este ciclo.

### 2.1.2 SÃO PEDRO E JESUS EM ANDANÇAS NA TERRA

Examinando as narrativas do acervo do PEPLP que tratam das andanças de São Pedro e Jesus, observei a predominância de certos temas em detrimento de outros. No caso das cento e quinze narrativas catalogadas, percebi serem alguns motivos mais recorrentes. Nesse estudo, estarei concentrada naqueles mais referidos: a hospitalidade, com 24 ocorrências; as malandragens de São Pedro, com 22; a recuperação do malfeitor, com 12; fazer o bem sem olhar a quem, com 12; a recuperação do preguiçoso, com 08 e só Jesus faz milagres, com 08.

Como já vimos, as narrativas podem ser estruturadas a partir de um motivo apenas ou de uma série deles, interligados ou apenas seqüenciados de forma a ser mantida uma independência entre eles. Nestas ocorrências, a narração é sempre dinâmica e os personagens estão sempre em caminhada, mudando de ambiente e vivenciando experiências diversificadas. Em termos de estruturação narrativa, temos uma situação inicial que informa estarem São Pedro e Jesus na terra, sua chegada e encontro com pessoas comuns, sendo o espaço geralmente o de uma casa: “Quando Deus andava pelo mundo, andava com São Pedro. Aí chegaro ni uma certa casa, batero na porta [...]” (EBR 592.2) ou em outro lugar qualquer como um rio “Quando chegaram em um rio, tava um homem sentado em riba de uma pedra.” (EBR 479.2) Mesmo sem qualquer menção ao espaço, acontece o encontro: “São Pedro e Nosso Senhor iam caminhando, que quando eles chegaram adiante tinha uma veinha com uma xica na mão [...]” (EBR 730.15).

Após essa seqüência, dá-se a apresentação da trama propriamente dita, ou seja, o desenvolvimento dos motivos. Estes geralmente são organizados a partir de uma ordem maniqueísta, bem *versus* mal, e o desfecho encerra sempre um ensinamento, seja para as pessoas comuns envolvidas na trama ou para o próprio Santo, cujo comportamento depende das circunstâncias. A estrutura de grande maioria dos contos do ciclo remete à invariante do conto de exemplo, que assim podemos descrever:

Nos contos de exemplo tem-se, como primeira função que desencadeia a intriga, um delito contra uma norma de caráter social. A infração dessa norma tem como consequência, a condenação do infrator, geralmente, à morte. Recorrendo a sua sagacidade para tentar inverter a situação de desvantagem em que se encontra, o sagaz, de réu, se transforma em herói. O modelo da estrutura dos contos de exemplo – o antagonismo Bem *versus* Mal – conduz o desfecho para uma lição de moral, punindo com a morte os sentimentos, nada altruístas, como a inveja, a ambição. Há a valorização do espírito de luta e da sagacidade. O fraco, o desprotegido, o simplório, mas sagaz, sempre sai vitorioso. (ALCOFORADO, 1990, p. 39-40).

Assim, nos contos do ciclo que seguem essa estrutura, a má conduta é sempre condenada e mesmo São Pedro acaba sendo punido quando pratica ações pouco recomendáveis. Nos textos em que aparecem juntos, o grande atuante é Jesus: sendo ele o agente que desencadeia a narrativa, Pedro comporta-se quase sempre como o aprendiz, executando as tarefas que lhe são atribuídas ou pondo-se em trapalhadas que lhe rendem surras e repreensões do Mestre. Como veremos, ricos orgulhosos são os personagens mais atacados nas narrativas, enquanto os pobres de bom coração são agraciados por Jesus, conseguindo melhorar de vida. Todavia, mais do que pela esperteza e sagacidade são guiados pelo desejo de fazer o bem. E certamente o protagonista dessas narrativas é Jesus, que muitas vezes é mal recebido, por estar mal vestido e aparentar uma pobreza extrema; todavia, ele não é apenas aquele que pune, mas também quem restitui bens e recupera os indivíduos.

### 2.1.2.1 A HOSPITALIDADE

Na trajetória de Jesus e São Pedro o tema da hospitalidade comparece em quase todas as narrativas. Quando não corresponde ao motivo nuclear, é a situação que promove o encontro de Jesus e São Pedro com as pessoas. Mais uma vez encontramos a referência exemplar dos ensinamentos de Jesus presente nos evangelhos sinóticos. Com nesta passagem em que Jesus, ao ser questionado pelos discípulos sobre sua volta e o fim dos tempos, assim se manifesta:

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham vocês que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente e cuidaram de mim [...]’. Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? [...]’. Então o Rei lhes responderá: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram’. (Mt 25,34-40)

É importante pontuar, antes de iniciar a análise, que não se trata de considerar a Bíblia um texto matriciador das narrativas orais, mesmo porque o construto narrativo que a oralidade nos oferece não tem uma equivalência na Bíblia. Temos, sim, narrativas ficcionais que apresentam em seus enredos personagens bíblicos e motivos que são elaborados a partir de valores cristãos, presentes nos livros do Novo Testamento.

Registrado no Índice de tipos de Aarne e Thompson (1981), sob o número 750, as narrativas desse grupo trazem sempre Jesus em companhia de Pedro ou sozinho pedindo hospedagem. Todas elas têm em comum a recompensa de Jesus para com aqueles que os recebem de modo hospitaleiro e a punição daqueles que agem de modo contrário, recusando-se a hospedá-los, tratando-os mal durante a estadia ou ainda negando-lhes comida. O cunho exemplar é preponderante nessas narrativas. No *corpus* selecionado, esse motivo foi encontrado em cinco narrativas orais: **Jesus e o homem bom** (EBR 174.2), **São Pedro e Jesus** (CCO 70.5), **Quando Jesus andava no mundo mais São Pedro** (EBR 288.1), **Jesus pelo mundo** (EBR 315.2) e **Jesus no mundo com São Pedro: o rico ingrato** (EBR 462.9). Todavia, embora tenhamos o mesmo motivo, o enredo dessas narrativas é bastante diferente;

assim, a oposição entre ricos e pobres, por exemplo, aparece apenas nas três últimas narrativas, enquanto nas demais nada é dito sobre a condição financeira dos hospedeiros.

O enredo mais comum é o que encontramos na narrativa **Jesus pelo mundo** (EBR 315.2), em que o Mestre pede, na casa de um homem rico, hospedagem, o que lhe é negado. Em seguida, Jesus repete a ação na casa de um homem pobre, onde é muito bem recebido pela dona da casa. Como recompensa pela boa hospitalidade, o indivíduo enriquece. O mal hospedeiro, sabendo do ocorrido, pede ao bom hospedeiro que mande Jesus passar em sua casa novamente. Ao chegar lá, por não ser reconhecido, Jesus é novamente maltratado. Os donos da casa são severamente punidos com a morte. Às vezes o castigo pode ser mais ameno, havendo nesses casos somente a perda dos bens.

Um ponto importante nessa narrativa é a advertência que a mulher pobre faz ao marido quando ele a repreende por ter matado a única galinha para alimentar os hóspedes: “– Mas, meu velho, não faz isso não, meu velho. Não faz isso não. Diz que quando Jesus veio pelo mundo, ele veio um veinho; ninguém não sabe que Deus, heim!” (EBR 315.2).

A explicação da mulher sugere a crença na passagem de Jesus na terra e a impossibilidade de reconhecê-lo; a pessoa hospedada poderia ser ele, o que os mobilizaria, portanto, para a acolhida. É a referência a hospedagem e a comida dada a quem precisa descrita na Bíblia, como uma das condições para sentar-se ao lado direito de Cristo no juízo final. Entretanto, esse tipo de comentário só aparece nesta narrativa. Em outras, essa possibilidade não é considerada e o reconhecimento do andarilho como Jesus, quando acontece, é apenas no final, momento em que os ilustres hóspedes já foram embora.

Nas narrativas urdidas a partir desse motivo, Pedro quase nunca se manifesta; quando muito, como ocorre na narrativa em questão, pede, a mando de Jesus, a hospedagem ou a comida. No entanto, quando são castigados na casa do mal hospedeiro, é ele quem recebe a surra, mesmo sem culpa, e também quem se lastima para realizar a tarefa determinada pelo mal hospedeiro. Assim, nessa narrativa, ao saber que o preço da dormida era encher mil sacos de arroz, e que só depois poderiam ir embora, Pedro, chorando, dá a notícia a Jesus. Este o manda abrir todos os sacos no chão, riscar um fósforo e jogar no arroz. São Pedro, desesperado, não cumpre a ordem; Jesus então risca o fósforo e enche os sacos de arroz. Em seguida, manda São Pedro riscar outro fósforo; dessa vez, ele cumpre a ordem e os sacos são costurados. Com a incumbência de realizar um milagre, a atuação de São Pedro ganha importância no texto, embora as suas ações não movam a estrutura narrativa.

Na narrativa **Jesus no mundo com São Pedro: o rico ingrato**, (EBR 462.9), a situação de Pedro difere um pouco. Nesta, o rico e o pobre aparecem representados na mesma

pessoa: assim, numa situação inicial, nos é informada a situação financeira do hospedeiro e sua receptividade para com os viajantes:

Aí Jesus andava no mundo, né? E passava num lugar e tinha um home, um cara pobre que tinha um ranquinho! Chegava, pedia um arrancho. O pobre chegava:

– Venha... Venha, venha pra cá! Entre cá!

Não fartava nada! São Pedro e Jesus, ele dava tudo ali! (EBR 462.9)

Pedro, humanamente, intercede junto a Jesus em favor da melhoria financeira do hospedeiro, argumentando se tratar de um homem muito bom e que os acolhia sempre. Jesus, no entanto, explica não poder fazer nada “– Óia, o dele é aquele mesmo! Eu não posso fazer nada!”. Mas Pedro não desiste e apela: “– Mas Senhor, um homem daquele! Outras pessoa ruim, você tem dado a mão. Um home daquele tão bom, você não dá a mão!”. Diante da insistência de Pedro, Jesus transforma a condição financeira do homem, mas a mudança de atitude é apenas para dar uma lição em Pedro.

Após dois anos, retornam e o rancho havia se transformado em palácio. O homem, agora um fazendeiro, nem os atende, mandando um empregado arranchá-los no poleiro com o aviso que teriam que pisar uma “saca de café”. Pedro, coitado, passa a noite inteira pilando café; quanto a Jesus, risca o fósforo no café e realiza a tarefa. Diretamente, Jesus nada faz contra o hospedeiro; todavia, este tenta imitar Jesus e queima não só o café, como a casa, voltando a sua situação de pobreza. Quatro anos depois, Jesus e São Pedro retornam e encontram o mesmo rancho. Desta vez são bem recebidos e Jesus não perde a oportunidade de disciplinar o discípulo:

– O que foi que eu disse Pedro, que aquele home tem que morar naquele rancho mesmo! Ele não pode... e... que dê a mão, aquela vez que nós deu a mão a ele... eu dei a mão a ele, sabe o que ele fez com a gente? Botou a gente pra dormir dendo poleiro da galinha! O dele é aquele mesmo! (EBR 462.9)

O tema da hospitalidade aparece de diferentes maneiras nas narrativas apresentadas. No entanto, é inegável a existência em ambas de uma estrutura que subjaz ao enredo e que, portanto, as aproxima: uma situação inicial com um pedido de hospedagem, que é oferecida por quem tem uma situação financeira desfavorável e negada por aqueles que têm dinheiro. Como nos contos de exemplo, punem-se as más ações e recompensam-se as boas. A complicação refere-se ao fato de que, na narrativa **Jesus no mundo com São Pedro: o rico ingrato** (EBR 462.9), a riqueza e a pobreza são representadas no mesmo sujeito. Jesus utiliza

a riqueza como pretexto para dar lições de ensinamentos a São Pedro. São, portanto, mudanças substanciais que alteram a estrutura do texto sem, contudo, negar a invariante textual da tradição.

Entre as narrativas que trazem como temática a hospitalidade, as que trazem a **Oração do desengasgo** apresentam uma peculiaridade interessante, pois, além de encerrarem um exemplo, punindo os maus hospedeiros, sempre um personagem feminino, em oposição à bondade masculina, veicula uma oração. A crença na reza é perceptível no discurso dos contadores, que chegam a afirmar ser a razão do conto transmitir a reza deixada por Nosso Senhor. Em termos estruturais podemos considerá-las como variantes das narrativas sobre a hospitalidade, pois, embora dessas se diferenciem pela natureza da punição, que resulta numa alteração no desfecho, mantêm-se a elas interligadas sendo possível reconhecer a invariante da tradição.

No *corpus* oral essa estrutura foi encontrada em três narrativas: **Jesus e o homem bom** (EBR 174.2), **São Pedro e Jesus** (CCO 70.5) e **Quando Jesus andava pelo mundo mais São Pedro** (EBR 288.1) – todas apresentam a seguinte estrutura: Jesus e São Pedro em suas andanças pelo mundo pedem hospedagem. Com exceção da última narrativa, não nos é informada a classe social do hospedeiro, o que também é um indicador de diferenciação nesses textos que tratam expressamente da hospedagem. Os andarilhos são sempre aceitos, mas postos para dormir em lugares fora da casa, como poleiros etc. A narrativa é organizada, assim como nos contos de exemplo, a partir da dicotomia bem *versus* mal. Nessas narrativas, a mulher é sempre má. É ela quem não aceita São Pedro e Jesus em casa, mesmo quando isto significa contrariar a vontade do marido:

Aí chegou numa casa e pediu ao homem um agasaio. Aí o homem deu o agasaio e a muié não quis:  
 – Aqui mesmo não, que eu não boto ele. Não bote ele aqui não, que eu não quero. (EBR 174.2).

E além de hospedar precariamente, por maldade, nega-lhes a comida:

O marido dela era bom, porque da galinha que ela matou, ele disse:  
 – Ô, mulher, dá ao menos um oiozinho a eles.  
 – Dou não. Você fica sem comer?  
 – Não.  
 – Não dou não. (CCO 70.5).

Quando vai comer o alimento negado, ela acaba engasgando com o osso da galinha ou a espinha do peixe. Assim, a má ação resulta sempre em punição – o engasgo. Entretanto, o castigo não é a morte, que parecia tão certa para quem escuta o texto. A mulher, lembrando-se do velho que havia hospedado e acreditando que, por ser ele idoso, talvez soubesse rezar, manda o marido chamá-lo. Jesus ou por piedade da mulher ou por ser o pedido feito pelo marido, sempre homem de bom coração, ensina a reza ao marido ou a faz de onde está:

Homem bom, mulher má  
Esteira rota pra São Brás deitar  
Ou sobe ou desce tem que desengasgar. (EBR 174.2)

Feita a oração por Jesus ou pelo marido, a mulher desengasga, ficando curada. Nessa narrativa, acontece algo por vezes comum na produção do texto oral: a primeira seqüência, o pedido de hospedagem e a má acomodação oferecida aos hóspedes, que apenas recebem uma esteira, não existe. Entretanto, quando a oração é narrada, a esteira é citada – o contador então recupera o trecho que havia suprimido, certamente por esquecimento: “Que ela deu uma esteira rota pra ele deitar, toda cheia de buraco e tudo.” Assim, a reza funciona como um recurso mnemônico e geralmente não apresenta alterações. A exceção é a narrativa **Quando Jesus andava pelo mundo mais São Pedro**, que apresenta alterações consideráveis:

Poleiro de galinha, caroço de feijão sem sal  
amargura e mágoa ninguém se guarda  
assim pelo mal passar  
a espinha na garganta de tua mulher haverá de arretirar. (EBR 288.1)

Nessas versões São Pedro é apenas o companheiro de Jesus. Dessa maneira, no acervo do PEPLP foram encontradas versões nas quais São Pedro não aparece e o desenvolvimento do texto não sofre alterações. Mais uma vez a narrativa **Quando Jesus andava pelo mundo mais São Pedro** é uma exceção, apenas na introdução o narrador faz referência ao personagem. É sugerido que Pedro, alegando que Jesus sempre se hospeda em casa de pobre, pede para se hospedarem numa casa de pessoas abastadas. É ele também quem tenta convencer Jesus a voltar para a casa, quando o marido, a mando da mulher já curada, o convida. Contudo, é Jesus, ao fazer sua opção pelos pobres, ao contrário de São Pedro, quem permite aos homens do povo, pelo menos momentaneamente, a desforra.

### 2.1.2.2 A RECUPERAÇÃO DO MALFEITOR

Na acepção do exemplo, também devem ser consideradas as narrativas que trazem como motivo central a recuperação do malfeitor. No *corpus* selecionado esse motivo foi encontrado em quatro narrativas orais e um cordel. Nestes textos, mais uma vez, o tema da hospitalidade é recorrente, mas não é indispensável. Tudo indica que se trata apenas de um pretexto para Jesus recuperar o indivíduo. Em algumas narrativas o narrador explicita a razão da viagem de Jesus:

Existia um homem, que vivia só de matar as famílias dos negociantes. Aí um dia Jesus tava sabendo disso tudo. Quando é um dia, Jesus chamou Pedro e disse:

– Vamo ali fazer uma viagem.

Aí Pedro disse:

– Pois não. (CCO 18.1).

No caso dessa narrativa não há hospedagem. A primeira seqüência, que é também o momento do assalto, corresponde ao encontro de Jesus com o malfeitor. No cordel *Jesus Cristo, São Pedro e o ladrão*, na terceira estrofe, o narrador também informa ao leitor o propósito da viagem de Jesus:

Jesus fez uma viagem  
Com São Pedro um certo dia  
Por necessidade entraram  
Numa grande travessia  
Para salvarem um ladrão  
Que só para o mal vivia.

(FILHO, 1977, p. 305).

Como esperado, os viajantes hospedam-se na casa do ladrão, que os recebe muito bem. Finda essa primeira parte, o narrador explica a conduta do ladrão que hospedava para roubar e matar os hóspedes, descrevendo em seguida, a sua estratégia de execução. Nas narrativas **O homem que virou cavalo** (EBR 444.2) e **O homem que virou burro** (EBR 78.6), há o pedido de hospedagem. Nesses casos, além de pobre o dono da casa da primeira narrativa também é preguiçoso. A situação inicial prepara os acontecimentos que virão. Na segunda narrativa Jesus manda Pedro encher um saco de pedras; Pedro, como sempre, não entende a ordem e questiona, mas nada lhe é explicado e ele obedece. Embora o narrador também não explique, fica subentendido ser uma estratégia de Jesus para incitar a ação do ladrão.

Diferentemente das outras narrativas, nesta, o roubo é antecedido por uma tentativa de furto, impedida por estar o saco cheio de pulgas. Mas, mesmo com esse “aviso”, o ladrão não desiste e leva adiante seu plano.

No cordel, Jesus, ao acordar e saber que o dono da casa já havia saído, vai ao seu encontro. São Pedro ao avistar o homem armado alerta Jesus, mostrando todo o seu pavor. O narrador enfatiza o desespero do Santo diante do perigo. Mesmo quando Jesus afirma estar vendo um cavalo ao invés do homem, São Pedro não se encoraja e só faz o mandado porque é arrastado por Jesus. Nos textos orais, o narrador concentra-se nas ações dos personagens, razão pela qual não se detém na descrição de Pedro, demonstrando apenas a sua relutância em executar a ordem de Jesus – a explicação oscila entre o medo e o fato de estar o animal fora de seu campo de visão.

Mas, sem exceção, quando Pedro se aproxima, é um animal que ele encontra, podendo ser um jegue, um cavalo ou um burro. O tema do homem metamorfoseado em um animal não é exclusivo das narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus. Nos contos do ciclo “A Bela e a Fera” é também bastante comum: nesse mundo encantado há homens transformados em boi, burro, cobra, papagaio, cobra, dentre outros animais<sup>10</sup>. Todavia, a conotação que ganha nesse texto é bastante diferenciada, pois a perda da forma humana não é apenas um castigo pela má ação, mas também uma espécie de expiação, pois Jesus aluga ou arrenda o animal por um tempo definido, um ano ou mais para trabalhos pesados.

No cordel, Jesus aluga o cavalo a um senhor de engenho, prometendo voltar para buscá-lo em um ano. Segue-se então uma descrição do trabalho penoso do animal “[...] debaixo de uma cangalha / sete dias da semana” transportando cargas. No prazo marcado Jesus volta e encontra o animal em péssimas condições, muito machucado e fraco, sem, contudo, se queixar ou alegar maus tratos. Jesus limita-se a resgatar o animal e receber o pagamento. No cordel o homem é levado para o mesmo lugar onde a transformação ocorreu. Jesus então se hospeda na mesma casa e reencontra o ladrão já em sua forma humana, consciente dos seus atos e arrependido:

Viu Jesus e lembrou  
Sua sentença tirana  
De passar um ano inteiro  
Sem a sua forma humana  
Transformado num cavalo  
E mais carregando cana.  
(FILHO, 1977, p. 307).

---

<sup>10</sup> Tema amplamente explorado por ALCOFORADO (1997).

Essa seqüência é muito comum nessas narrativas: ao receber o animal, Jesus geralmente o restitui à família e, nesse encontro, o homem mostra-se sempre arrependido e cabisbaixo. Comum a esses textos é o ensinamento que os encerra, quando Jesus expressa sua condenação ao roubo e ao dinheiro fácil. Em contrapartida, prega o trabalho honesto, trazendo como prova o dinheiro ganho pelo homem durante o tempo em que esteve metamorfoseado em animal. No cordel é assim expresso:

Receba seus cinco contos  
 E vá trabalhar com gosto  
 Que é no trabalho honesto  
 Aonde o homem acha encosto.  
 Coma o seu pão honrado  
 Com o suor do seu rosto  
 (FILHO, 1977, p. 307)

O ensinamento exemplar muitas vezes é feito de forma mais amena: “– Ó, meu filho, você não faz aquilo mais não, hein? Aqui, você pode comer, mas não vai fazer aquilo não, botar gente pra atirar, aquilo é muito feio.” (CCO 70.5). Outras vezes o tom é mais severo: “– Já viu o que é trabalho, você sobreviver de matar os pobres? Pais de família que vêm, que vem, ver o pão pra comer. Agora toma essa cabaça de dinheiro que é todo seu, que veio do seu lombo, do seu trabalho.” (CCO 18.1). Mais uma vez impera o tom exemplar na narrativa e o riso neste caso é a condenação do ladrão. A metamorfose, no entanto, extrapola o limite da punição para agir como princípio de recuperação, pois é através dela que o indivíduo toma consciência de seus maus atos.

Quanto a Pedro, aparece pouco nesses textos orais, tendo mais visibilidade no cordel; embora suas ações estejam restritas à execução de tarefas determinadas por Jesus. Os ensinamentos parecem ser mais dirigidos aos homens que ao apóstolo, embora o Mestre não deixe de frisar a pouca fé de Pedro e seu medo excessivo.

### 2.1.2.3 A RECUPERAÇÃO DO PREGUIÇOSO

Este é o tema de dois contos e de um cordel. Nos três textos, inicialmente, acontece o encontro de Jesus e São Pedro com o preguiçoso. Na versão oral, **São Pedro e Jesus: a recuperação do preguiçoso** (EBR 479.2), Jesus avista um homem em cima de uma pedra dentro do rio e manda São Pedro ir dar-lhe água, sendo replicado pelo Santo: “– Mas, Senhor

não tem juízo não? O homem dentro d'água, sentado em cima de uma pedra e tá com sede?" Mesmo a contragosto, Pedro obedece.

Na versão **São Pedro, Jesus e o preguiçoso** (EBR 592.2), São Pedro e Jesus chegam numa casa e encontram “[...] um rapaz bem gordão deitado ni uma rede, preguiçoso, fazendo medo!”. Não recebem atenção do preguiçoso, mas mesmo assim se servem da comida dele e vão embora. No folheto *Jesus Cristo, São Pedro e o destino da humanidade* (FILHO, 1986), o preguiçoso é um pastor e o encontro acontece quando Pedro se dirige a ele, a mando de Jesus, para perguntar sobre a direção da estrada de Belém de Judá. Em resposta ele apenas aponta o caminho com o pé. São Pedro fica indignado e queixa-se a Jesus.

Em seguida dá-se o encontro de Jesus e São Pedro com uma moça que trabalha arduamente na enxada. Na versão em cordel, uma moça sorridente, que carrega um pote na cabeça, guia os dois até a estrada de Belém. Jesus, para desespero de São Pedro, arruma o casamento da moça com o preguiçoso. Na primeira versão, São Pedro balança a cabeça e diz: “– Coitada! O Senhor não faz nada que diga benza a Deus!”. Mas, na segunda versão, não se contém e pede “– Mas, Senhor, não faça uma coisa dessa, rapaz! Um cara que não se levanta nem pra beber água, e o senhor bota pra casar com uma moça?!”. No cordel, o anúncio do casamento acontece quando Pedro, lembrando a viagem, exige que o Senhor lhe diga “A pena que será dada / Ao pastor preguiçoso.” Quando Jesus anuncia o casamento, São Pedro se exaspera:

– Isso é um crime, Senhor,  
Que clama da terra ao céu  
Justiça do criador  
Para aquela pobre moça  
Será o maior horror.

(FILHO, 1986, p. 82).

Nas versões orais o casamento acontece imediatamente. Após um ano, Jesus e São Pedro retornam aos mesmos lugares, onde encontram o preguiçoso em casa dormindo e a mulher trabalhando. A forma de resolver o impasse é mais ou menos a mesma.

Na primeira versão, ao ser informado pela mulher que o marido continuava com a mesma preguiça, Jesus diz para São Pedro: “– Ô Pedro, vai matar aquele preguiçoso ali, pro mode tirar a carne pra nós viajar.” O preguiçoso, ao ouvir isso, pula a janela em direção à roça e começa a trabalhar. Depois de um tempo, Jesus volta a visitar a família e é informado pela esposa que o marido “[...] não soltou mais a enxada.” Na segunda versão, Jesus, na casa do preguiçoso, tira de um saco uma caveira e coloca a cabeça para cozinhar, comendo-a em

seguida; finda a refeição, diz a São Pedro: “– É, Pedro, hoje nós achamos a cabeça desse preguiçoso para comer, e amanhã?”. Ao ouvir isso, o preguiçoso pula a janela e vai para a roça trabalhar. O narrador arremata: “Essa foi a primeira e derradeira vez que ele dormiu nessa rede”.

No cordel o pastor é defendido por Jesus, que o considera um homem bom,

Apenas necessitando  
Que um alguém lhe estenda a mão  
Para arrancá-lo do fundo  
Do poço da solidão.

(FILHO, 1986, p. 82).

Dessa forma, a mulher é aquela que promove a mudança. Jesus afirma a Pedro que os dois serão muito felizes. São Pedro, embora não compreenda com clareza a explicação, aceita e agradece ao mestre. A condição de discípulo e o reconhecimento da superioridade de Jesus fazem sempre Pedro recuar e dar-se por vencido nas discussões.

Comparando o texto oral com o impresso, podemos detectar algumas particularidades de um e de outro. Nas versões orais, Jesus resolve o problema da preguiça por meio da esperteza, o que sugere uma aproximação dessas narrativas às aventuras de Pedro Malasarte. No cordel em questão, embora não haja também a realização de um milagre que resolveria o problema, Jesus não é tão cruel, mesmo porque o casamento já se configura como solução. Embora possamos considerar ser a malandragem de Jesus motivada por uma boa causa, suas ações envolvem mentiras, enganações e ameaças. E Pedro, que sempre é tomado como o trapaceiro da história, nem é ouvido em suas contestações, limita-se a executar as ordens de Jesus.

Do ponto de vista da estruturação, os textos orais deste tipo concentram-se nas ações dos personagens sem analisá-las; desse modo, há o predomínio do diálogo, as inferências do narrador são escassas e os personagens são conhecidos por suas ações. No folheto, o narrador é uma figura muito presente que vai guiando o leitor e lhe explicado os fatos, e as falas dos personagens tornam-se mais reflexivas. Tais mudanças salientam a diferença no modo de produção e circulação desses textos.

Percebe-se que o universo lingüístico e cultural é comum aos textos impressos e orais. Entretanto, um fato relevante ocorre no texto em cordel: enquanto nos contos anteriores são utilizados elementos culturais característicos do Sertão, o cordel recorre a elementos fora desse contexto, como o pastor de ovelhas, a procura da estrada para Belém de Judá, um

recurso que marca a volta de Jesus à sua Terra e demonstra a habilidade do poeta em dinamizar em seu texto elementos do seu meio e aqueles de fora dele.

Um ponto comum encontrado entre os cordéis e as narrativas orais do ciclo de São Pedro e Jesus analisados é a condenação da preguiça e a preocupação em recuperar o indivíduo e reintegrá-lo ao sistema comum, lógica que escapa à das narrativas faceciosas que abordam a temática. Via de regra, o que temos em tais textos é o elogio desse tipo de comportamento. Conseqüentemente, os personagens, além de não serem repreendidos pelo narrador, gozam de certo prestígio, sendo a preguiça, companheira da malandragem, muitas vezes recompensada. Nestes casos o preguiçoso acaba enriquecendo por mero acaso, ou por uma ação decorrente de sua indolência. Já nas narrativas impressas e orais do ciclo de São Pedro e Jesus analisadas, o trabalho e as boas ações são os únicos meios de melhoria social do indivíduo.

#### 2.1.2.4 SÓ JESUS FAZ MILAGRES

Um outro motivo recorrente nos contos do *corpus* e que também podemos associar aos motivos bíblicos, é a ressurreição de pessoas por Jesus. Tipo classificado no Índice de Aarne e Thompson (1981), sob o número 753 *Cristo e o ferreiro*. As narrativas que integram esse tipo são organizadas quase sempre a partir de uma preocupação com o exemplo e apresentam elementos temático-estruturais comuns. Assim, São Pedro e Jesus em viagem ficam surpresos ao se depararem com a inscrição “Eu sou mestre dos mestres” (EBR 227.2) ou “Mestre dos mestres” (CCO 18.2) em frente a uma casa. Na primeira narrativa é São Pedro, muito curioso, quem convida Jesus para entrar no local; na segunda, a iniciativa é do próprio Jesus que, impressionado com a tabuleta, resolve investigar quem se intitula “mestre dos mestres”. A autoria da tabuleta varia, podendo ser um ferreiro ou um padeiro. Dentro da oficina ou da padaria, Jesus rejuvenesce uma velha – as circunstâncias em que isso acontece também são variáveis. Na narrativa **O Mestre dos Mestres** (EBR 227.2), uma velha dirige-se a Jesus e pede-lhe uma esmola, Jesus então pede permissão ao ferreiro e rejuvenesce a mulher. A ação é descrita com detalhes pelo narrador:

Aí ele botou a velha lá no fogo, no fole, cobriu de carvão e... Pedro puxou jogou lá na, né, na, na safia pra bater, desmanchou a véia toda, mandou

juntar novamente e botou, cobriu, juntou, levou na safia, bateu. Pulou, saltou lá uma menina de quatorze anos. (EBR 227.2)

Já na narrativa **São Pedro e Jesus: O Mestre dos Mestres** (CCO 18.2), o tom de casualidade não aparece, ficando explícito o intuito de Jesus de disciplinar o padeiro. Esse contador, mais que o anterior, não poupa detalhes da ação de Jesus:

Jesus aí olhou pra aquele braseiro, fez a mãe dele aparecer ali bem velhinha de cacetinho na mão; apareceu aquela dita velhinha, que era a mãe de Jesus. Jesus pegou a dita velha, jogou dentro da fornalha, jogou. Quando a velha caiu dentro da fornalha se retorceu, daqui a pouco morreu, daqui a pouco virou em carvão, virou em cinza, quando ia virar em cinza, Ele disse pro dono da padaria:

– O senhor pode me arranjar aí uma toalha virgem?

Ele disse:

– Pois não.

Abriu o malote, deu aquela toalha a ele, aquela toalha virgem.

Ele aí chegou na boca do forno no chão, estendeu a toalha, quando acabou pegou uma pá, meteu dentro do forno no chão, tirou aquela cinza quente da velha, fez... disse umas palavras assim e disse:

– Levanta menina de doze anos.

Quando soltou lá foi uma menina novinha. (CCO 18.2)

Nas duas narrativas, segue-se a essa seqüência a tentativa do ferreiro e do padeiro de rejuvenescer, imitando Jesus, a própria mãe. Como é de se esperar, a tentativa é mal sucedida e eles acabam matando a mãe. Desesperados, vão ao encontro de Jesus, relatam o fato e pedem que desfaça o trabalho. Na narrativa **O Mestre dos Mestres** (EBR 227.2), Pedro tenta convencer Jesus a não voltar, mas na outra narrativa não há interferência. Em ambas Jesus retorna. Na narrativa **São Pedro e Jesus: o Mestre dos Mestres** (CCO 18.2), Jesus pontua “– Eu não posso fazer nada. Eu só posso fazer, se o senhor aceitar a sua mãe, a sua mãe a mesma velha.” Aceita a condição, a velha é ressuscitada. O caráter exemplar é explicitado na fala final de Jesus que, não apenas condena o letreiro, afirmando ser um despropósito alguém, além dele, se intitular Mestre dos Mestres, como exige que o apague. O narrador em concordância com tal atitude arremata: “Ele aí abaixou a cabeça considerou calado. De manhã ele mandou apagar tudo. Queria ser ‘Mestre dos Mestres’, só existe um que é Jesus, é o Pai nosso celestial. Ele aí pronto se considerou calado.”

Percebemos nesse texto não apenas o cunho exemplar, mas também uma preocupação religiosa. Parece tratar-se de uma elaboração discursiva que trabalha simbolicamente com a demarcação da superioridade do divino em relação ao homem, que é convocado a refletir sobre suas limitações, e a impossibilidade de imitar a divindade.

Embora essa reflexão possa ser estendida para a narrativa **O Mestre dos Mestres** (EBR 227.2), esta não dispensa o riso e o bom humor. Nessa versão, Jesus, culpando o ferreiro por ter deixado “desperdiçar muito” sua mãe, não a faz retornar à forma humana, transformando-a numa macaca:

Aí quando chegaram, mandou Pedro juntar o resto da véia, os farelo, botou lá, botou no fole, e jeitou, botou na sáfia de polir. Saltou uma macaca. Aí Jesus disse:

– Bom, a única coisa que eu pude conseguir para você é isso aí, /RISOS/ fazer uma macaca /RISOS/ que ocê deixou desperdiçar muito. /RISOS/. (EBR 227.2).

Certamente não encontraremos nada semelhante nos evangelhos ou mesmo em outras fontes extra-oficiais sobre esses feitos de Jesus. Trata-se, pois, de uma realidade ficcional criada a partir de um princípio considerado verdadeiro – Jesus e sua passagem pela terra fazendo milagres, curando e ressuscitando. O elemento considerado absurdo, a transformação dos restos mortais da mãe do ferreiro em uma macaca, reforça a punição do ferreiro, mas também desloca o sentido puramente religioso da narrativa, embora não altere seu caráter exemplar.

#### 2.1.2.5 FAZER O BEM SEM OLHAR A QUEM

Ainda tomando como motivo principal as andanças de Nosso Senhor e São Pedro pela terra, temos as narrativas que tratam da importância da ajuda ao próximo em suas atividades. Nelas, apresentam-se também explicações para as dádivas ou castigos que recebemos, como sendo conseqüências de nossas ações ou palavras. Estes esclarecimentos nos chegam através das explicações dadas por Jesus a São Pedro que, se comportando mais como humano do que como santo, parece não entender de imediato as explicações do Mestre. No *corpus* selecionado foram encontradas quatro narrativas que tratam dessas questões: **São Pedro, Jesus e o bêbado** (CCO 30.1), **O caso das lavadeiras de roupa** (CCO 30.2), **O homem que plantava legumes e o que plantava pedra** (EBR 479.1) e **Quando São Pedro e Nosso Senhor andou no mundo** (730.15).

Nas narrativas (CCO 30.1) e (CCO 30.2) nos são apresentadas situações em que Jesus testa a bondade dos homens, ao mesmo tempo em que nos são oferecidas explicações sobre a

condição de determinados tipos humanos – pessoas que fazem parte do mundo prático dos contadores. Nos dois casos, temos Jesus e São Pedro que encenam uma situação, a fim de solicitar a ajuda dos transeuntes. Na primeira narrativa (CCO 30.1), atolam o jipe em que estavam e ficam à espera de ajuda. Aparecem então alguns homens que iam trabalhar no campo e Pedro, muito esperançoso, comenta com Jesus: “– Ó Senhor nós agora vai desatolar o carro.” Mas Jesus explica que aquelas pessoas não iriam perder tempo para auxiliá-los e de fato é o que acontece. Jesus então comenta com Pedro: “– Eu não disse, amaldiçoado o homem que vende o dia pra outro porque não sobra tempo pra nada, né?” Na narrativa **O caso das lavadeiras de roupa** (CCO 30.2), entram em um poço muito fundo, aparecem nesse momento mulheres que iam lavar roupas. Jesus, ao ver as mulheres se aproximando, afiança ao discípulo que elas não os ajudariam. Pedro mais uma vez contradiz o Mestre, entretanto não são auxiliados e Jesus explica que também para elas não sobrava tempo. O segundo transeunte nas duas narrativas é um bêbado que, muito disposto, ajuda-os.

Na narrativa **São Pedro, Jesus e o bêbado** (CCO 30.1), a chegada do bêbado é antecedida por um diálogo entre São Pedro e Jesus que muito esclarece a condição do Santo que, racionalizando os fatos, responde obedecendo à lógica das probabilidades:

- Ó Pedro, nós agora vai tirar o jipe da lagoa porque aqueles bebo sobra o tempo pra tudo.
- Pedro respondeu a Nosso Senhor:
- Ó Senhor, os homem que já era trabalhador não, não nos deu assistência pra tirar o carro, aqueles bebo vai querer fazer isso?
- Cala-te, Pedro, que tu não sabe o que é que tá dizendo. Aqueles têm um bom coração e tem tempo pra sobrar. (CCO 30.1)

São Pedro, como pudemos perceber, é representado em suas limitações humanas que só fazem sentido quando pensadas em oposição a seu companheiro de viagem que opera por meio de uma outra lógica. Desse modo, é a condição divina de Jesus que lhe permite vislumbrar a realidade sob um ângulo diferenciado e, portanto, ir além do entendimento de Pedro acerca da situação.

Nas narrativas **O homem que plantava legumes e o que plantava pedra** (EBR 479.1) e **Quando São Pedro e Nosso Senhor andou no mundo** (730.15), temos uma situação própria a comunidades rurais, mais precisamente, a pessoas que trabalham com a agricultura. Via de regra, a narrativa se estrutura da seguinte maneira: Jesus e São Pedro em sua caminhada pela terra encontram algumas pessoas trabalhando no campo. Jesus, então pergunta o que elas faziam. Uma responde estar plantando legumes ou feijão e demonstra grande fé em Deus quanto à colheita, enquanto a outra responde estar plantando pedra. Depois

de um tempo, Jesus retorna e reencontra aqueles que colheram legumes e pedras respectivamente. A narrativa termina com a explicação de Jesus a Pedro acerca das colheitas, reforçando o adágio popular *cuidado com o que pedes ao céu porque será atendido*. Na primeira narrativa (EBR 479.1), antecede o encontro com os agricultores uma seqüência na qual Jesus pede carne na casa de um homem. Sendo o alimento negado, a carne apodrece por completo. Nesse episódio, quando Jesus comunica a Pedro que irá fazer o pedido, o discípulo o contraria afirmando que o homem não irá atendê-lo. Comprovada sua conjectura, Pedro não perde a oportunidade de ratificá-la perante Jesus: “– Viu, senhor, o que foi que eu disse? /RISOS/”. Mas a última palavra é de Jesus “– Num tem nada não. Vumbora.” A forma como se refere ao ocorrido mostra que não se importou muito com o desfecho e parece acenar para Pedro que outras situações ainda estavam por vir.

Assim como nas narrativas anteriores, nas quais os trabalhadores alugados e as mulheres lavadeiras não perderam seu tempo para ajudar Jesus e Pedro, nessas alguns agricultores também não quiseram parar o trabalho para atender aos viajantes:

- [Jesus] Ei!
- Ele nem dava bola.
- Ei!
- O que é que tá chamando? Eu tô no meu serviço, agora tá me empatando!
- Tá trabaiano aí, num é, homem?
- Tô trabaiano pra plantar pedra.
- Nosso Senhor disse:
- Pedra dê. (EBR 479.1)

A essa má resposta, podemos contrapor a dada pela mulher que plantava feijão na narrativa **Quando São Pedro e Nosso Senhor andou no mundo** (EBR 730.15):

- O que é que tá fazendo aí?
- Ela disse:
- Ô meu senhor, eu mandei na casa da vizinha tomar meio lito de feijão, desse meio lito de feijão, tinha esse pedacinho de terra aqui, eu cheguei tirei uma xica de feijão e tô plantando que é pra dessa xica de feijão me dá um saco de feijão, depois dele plantado, batido, me dá um saco de feijão.
- Ele disse:
- Será que dá?
- Ela disse:
- Se Deus quiser, se Deus quiser e Nossa Senhora essa xica de feijão vai dar um saco de feijão, se Deus quiser! (EBR 730.15):

A confiança que demonstra em Deus é a justificativa que Jesus dá a Pedro para a colheita farta daqueles que plantavam feijão ou legumes. Em contrapartida, a má recepção e a

grosseria acarretaram a punição para aqueles que disseram estar plantando pedra ou esperando que ela nascesse. A presença de premiações e castigos, assim como a preocupação em concluir o texto notificando um princípio exemplar, nos remete mais uma vez à proximidade dessas narrativas aos contos de exemplo.

#### 2.1.2.6 MALANDRAGENS DE SÃO PEDRO

Como vimos, nas narrativas em que São Pedro aparece em companhia de Jesus na terra, a participação do discípulo oscila muito; mas percebemos também que em presença do Mestre poucas vezes ele consegue destacar-se ou conduzir a narrativa. Diferentes das analisadas até este momento são as narrativas sobre as surras de São Pedro e o “desaparecimento” do fígado do carneiro, pois em ambas são explicitadas tentativas do discípulo em enganar o Mestre.

Registradas no Índice de Tipos de Aarne e Thompson (1981) sob o número 791, as surras de São Pedro são um motivo muito recorrente no *corpus* baiano. Os contos que integram esse tipo, apesar de apresentarem elementos estruturais comuns e em consonância com a classificação apresentada nesse Índice, demonstram algumas variações. No Índice referido, Pedro é surrado pelo hospedeiro bêbado, que o faz sem nenhuma razão. Já nas treze versões baianas registradas pelo PEPLP que tratam dessa temática, em onze, a justificativa é o gosto de Pedro pelo jogo; em uma, sua insistência para dormir numa casa onde acontecia uma festa e, em outra, sua estripulia por importunar as galinhas do hospedeiro.

Das treze versões iremos analisar quatro: **Quando São Pedro e o Senhor andavam pelo mundo** (EBR 172.6), **São Pedro e Jesus pelo mundo: o jogo de cartas** (CCO 98.6), **Quando Jesus andava pelo mundo mais São Pedro** (EBR 288.1) e **São Pedro e Jesus e o jogo de cartas** (EBR 523.1). Nessas narrativas a fabulação articula-se a partir de um pedido de hospedagem. Em três, trata-se de ambiente de jogo e em uma, de casa comum. Nas versões 1 e 2, a escolha da casa parece dar-se por acaso. No caso da versão 3 há uma duplicação de seqüências, pois Pedro convence Jesus a se hospedar duas vezes em casa de jogadores. Na primeira casa, passam a noite sem qualquer transtorno; mas na casa seguinte, as ações se desenvolvem como nas demais narrativas, com surras e tentativas de esperteza. Na versão 4 também é Pedro quem convida Jesus que, mesmo a contragosto, aceita o convite:

Esta é de Pedro e Jesus que só andavam pelo meio do mundo, né? Aí, quando foi um dia, saíram. Aí Pedro gostava de jogo e Jesus não gostava. Aí Jesus ia passando, era Pedro na frente, Jesus atrás, né? Quando chegou assim, tinha a casa de jogo, um barzinho assim, né, a casa de jogo. Aí Pedro disse:

– Jesus, vamos ficar aqui?

Aí Jesus disse:

– Não, Pedro, nós vai embora!

Aí Pedro:

– Não, Jesus, vamos ficar pela aqui.

Aí Jesus sabe de tudo, né, entende tudo. Ele viu que não dava certo aquilo ali, mas disse:

– Nós vamos ficar. (EBR 523.1)

Os hóspedes se acomodam juntos, quase sempre numa esteira, no mesmo espaço em que estão os jogadores. Em seguida é apresentada a situação que culmina com a primeira surra de Pedro, que solicita a troca de lugar com Jesus na tentativa de evitar futuras surras. A última seqüência é invariavelmente uma segunda surra no discípulo. Embora com elementos estruturais comuns, o desenvolvimento narrativo dos quatro contos apresenta algumas diferenças. Nas narrativas que trazem a cena de jogo, por exemplo, a surra de Pedro ora acontece porque alguns jogadores começam a perder depois da chegada dos hóspedes, aos quais atribuem a derrota, “– Peraí, rapaz! Foi depois que esses cara chegaram aqui que nós começemos perder.” (EBR 523.1), ora por uma aposta descabida feita por um dos jogadores que está perdendo: “– Se eu perder essa mão, vou dar um cacete naquele que está deitado no canto.” (CCO 98.6), ou ainda porque o perdedor atribui a derrota a São Pedro que, desejoso de aprender, olha fixamente o jogo: – “Olha, foi o seu olho, que você tava me olhando demais que perdi todo o meu dinheiro.” (EBR 288.1)

Como podemos perceber, a culpa de Pedro é relativa e, às vezes, ele é apenas uma vítima das circunstâncias. Sua culpa no primeiro exemplo é ter convencido Jesus a se hospedar na casa fatídica. No entanto, no segundo caso, hospedam-se por acaso e Pedro apanha sem motivo. Mas, no último caso, poderíamos considerá-lo duplamente culpado: além de convencer Jesus, ainda mantém a atenção no jogo o tempo inteiro. Na versão **Quando São Pedro e o Senhor andavam pelo mundo** (EBR 172.6), Pedro também é quem provoca a surra:

Aí disse que de noite, São Pedro, muito estripulento, chegou, levantou e visgou a galinha, *ximbungo!* A galinha “*kéu, kéu, kéu*”, gritando. Aí o dono levantou na carreira:

– Virge, que o ladrão tá dando na galinha. Tá dando na galinha”. E é o de trás.

Chegou, visgou São Pedro e meteu o tapa em São Pedro (EBR 172.6)

Assim, a ação do agressor, o hospedeiro, acaba sendo justificada, uma vez que ele só bate no hóspede que dormia atrás, coincidentemente São Pedro, porque acreditou que estava sendo roubado pelos hóspedes que dormiam no poleiro.

Mas este não parece ser o elemento motriz da narrativa, muito menos a apresentação de um Pedro afeito ao jogo. A invariante é a malandragem de Pedro que, depois da primeira surra, tenta trocar de lugar com Jesus sem alertá-lo para o perigo decorrente disso. Diferente do que aconteceria se o malandro fosse Malasartes, Pedro é punido e sua tentativa de esperteza não o livra de uma segunda surra. Talvez isso ocorra por se tratar de Jesus, personagem que em nenhuma narrativa é logrado, mantendo-se superior a todas as adversidades. Podemos dizer que, embora impere na narrativa o cunho exemplar – que não apenas condena o jogo, mas também as tentativas de esperteza que atentam contra a integridade do outro –, essa representação de Pedro destoa das contidas nos referenciais religiosos que conhecemos a respeito do Santo.

Uma outra tentativa de esperteza de Pedro acontece na narrativa **São Pedro e Jesus em viagem: o fígado do carneiro** (EBR 480.1). O motivo registrado no Índice de Aarne e Thompson (1981) com o número 791 apresenta, na narrativa oral em questão, a seguinte seqüência: Jesus, em uma de suas viagens com São Pedro, encontra um carneiro e ordena ao discípulo que mate o animal, informando que só comeria o fígado. São Pedro faz tudo conforme mandou o Senhor, mas come o fígado do animal e, quando indagado sobre o desaparecimento do mesmo, afirma que o carneiro não tinha fígado. Nosso Senhor protesta, mas encerra o assunto. Apresenta, em seguida, doze porções de dinheiro de tamanhos variados para dividir entre os apóstolos. São Pedro apodera-se do monte maior e, com isso, Jesus presume ser Pedro quem comeu o fígado.

Poderíamos dizer que essa é uma das poucas situações em que Pedro, aparentemente, consegue lograr Jesus. Mas será que Jesus foi mesmo logrado? Se analisarmos a desculpa dada a Jesus pelo discípulo, percebemos que sua representação continua oscilando entre a ingenuidade e a esperteza, pois afirmar a inexistência do fígado em um carneiro é, no mínimo, extraordinário demais. Acrescentemos a isso a facilidade com que Pedro cai na armadilha preparada por Jesus, que, por conhecer suas fraquezas e artimanhas, age sorrrateiramente para certificar-se do ocorrido. A confissão de Pedro não ocorre, mas sua esperteza, ao se apossar da maior quantidade de dinheiro, não deixa dúvidas do seu mau comportamento para Jesus: “Eu não disse, eu não disse, São Pedro, que o carneiro tinha figo e você me negou?/RISOS/” (EBR 480.1). E a malandragem de Pedro é aniquilada pela “sabedoria” de Jesus.

A negação de Pedro é um tema também presente nos evangelhos sinóticos e, embora nas narrativas orais apresente uma outra roupagem, é possível perceber resquícios do comportamento de Pedro ao negar por três vezes conhecer Jesus na noite em que este foi condenado:

[...] os que aí estavam aproximaram-se de Pedro, e disseram: “É claro que você também é um deles, pois o seu modo de falar o denuncia.” Então Pedro começou a maldizer e a jurar, dizendo: “Nem conheço esse homem!” Nesse instante, o galo cantou. Pedro se lembrou então do que Jesus tinha dito: “Antes que o galo cante, você me negará três vezes.” E, saindo, chorou amargamente. (Mt 26,73-75).

Contrapondo as narrativas orais ao relato bíblico, percebemos que, embora se trate da mesma temática, a negação de Pedro e a forma como são enredadas são extremamente distintas. Na narrativa bíblica a negação é justificada pelo perigo de ser reconhecido como seguidor de Jesus – é o medo de possíveis represálias que o faz negar o Mestre. Já na situação apresentada no texto oral, São Pedro age malandramente para se beneficiar, aproximando-se da representação de Pedro Malasartes. Todavia, mais uma vez a semelhança com a facécia parece ser apenas aparente, pois Jesus é a autoridade e Pedro seria nesse contexto o mais fraco. Desse modo, de acordo com a lógica dos contos faceciosos, ele deveria vencer o Mestre – personagem mais forte – pela astúcia. Mas não é esse o desfecho, em se tratando de tais narrativas, talvez porque Jesus enquanto grande Mestre seja invencível ou por pudor religioso. Fato é que se reserva a Pedro o lugar de malandro mal sucedido, e a esperteza, assim como a mentira e a ambição, são estratégias condenadas que fazem quase sempre o discípulo ficar com cara de tolo.

#### 2.1.2.6.1 SÃO PEDRO OU PEDRO MALASARTES?

Dentre as narrativas coletadas pelo PEPLP que possuem São Pedro como personagem, as que trazem São Pedro sozinho na terra são as mais distintas do *corpus*. As travessuras do santo nesses casos tendem a ser mais ofensivas e são dirigidas para fins práticos e pessoais. Nestes casos o elemento cômico se sobrepõe ao exemplar e a questão religiosa não comparece. O Pedro apresentado nessas narrativas está muito mais próximo do Pedro Malasartes que do São Pedro das narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus. Analisarei apenas

duas dessas narrativas: **São Pedro troca fezes por uma boiada** (EBR 172.7) e **São Pedro logra o Reis** (EBR 521.9).

Os fatos narrados são conhecidos na tradição como de autoria de Pedro Malasartes. Na primeira narrativa, São Pedro, pobre, tenta conseguir dinheiro usando de artimanhas. Coloca fezes debaixo de um chapéu e, afirmando se tratar de um pássaro raro, troca o conteúdo por uma boiada. Quando o dono do suposto pássaro descobre ter sido logrado, procura o Santo para desfazer o negócio, mas ele já tinha vendido os bois e, para se safar, consegue uma desculpa, muito descabida por sinal:

– Pedro, que trabaio foi aquele que você fez comigo?  
E contou o caso pra ele, o que ele tinha feito, né? Aí disse a São Pedro:  
Cadê, eu vim atrás de minha boiada que eu troquei no passo bicudo e cadê?  
– Suas boiada avoou tudo aqui pra cima e eu tô com a vara aqui esperando  
mode eu aparar tudo na ponta da vara. (EBR 172.7)

O dono dos bois, sentindo-se logrado, vai embora sem graça. Na segunda narrativa, São Pedro, em companhia de João e Paulo, sai à procura de trabalho. O rei manda-os desatolar uns porcos num brejo, esperando que eles afundassem. São Pedro, usando a astúcia, quando vai buscar as ferramentas na casa do rei carrega as princesas. O rei, sentindo-se logrado, sai em busca dos três trapaceiros. São Pedro, mais uma vez usando de artimanhas, provoca a morte do rei, ficando assim com suas filhas.

A questão que se coloca a partir da análise dessas narrativas é se o fato de serem protagonizadas por São Pedro as faz pertencentes ao ciclo de São Pedro e Jesus. O depoimento da contadora Iraci de Jesus Silva<sup>11</sup>, que forneceu o texto **São Pedro troca fezes por uma boiada**, ao ser indagada sobre como denominava essa narrativa, nos dá uma resposta que aponta para a classificação da mesma no ciclo, pois “no tempo em que Pedro andava no mundo” é uma expressão recorrente nos textos do ciclo de São Pedro e Jesus:

PESQ.:<sup>12</sup> – Como vocês chamam essa história?  
INF.: – Nós chama... a história de Pedro quando andava no mundo né? Que fazia muita estripulia. (EBR 172.2)

Mas a questão não é tão simples assim, pois pensar a configuração de São Pedro a partir dessa perspectiva intertextual nos coloca em face de outras possibilidades de análise e redimensiona a compreensão desse personagem bíblico, cuja configuração comporta as artes

<sup>11</sup> Iraci de Jesus Silva, 51 anos, natural de Limeira. Cabeceira de Limeira, 13.01.91.

<sup>12</sup> PESQ. corresponde, na nomenclatura utilizada pelo PEPLP, a pesquisador e INF., a informante, tomado como sinônimo de contador ou intérprete.

de Pedro Malasartes. Essa circunstância também aproxima as categorias “sagrado” e “profano”, tomadas muitas vezes como opostas, pois como percebemos, nessas narrativas, o sagrado insere-se muitas vezes no profano e vice-versa. Assumindo a perspectiva do trânsito, acredito ser viável pensar a relação estabelecida entre Pedro Malasartes e São Pedro pelos contadores, tomando ambos como personagens com os quais as classes populares se identificam e, dadas as suas semelhanças, acabam por serem misturados no imaginário coletivo e se intercambiam nas narrativas. Assim, conhecendo o contador a fama de estripulento do santo e sendo simpático às artimanhas de Malasartes, talvez não lhe pareça nenhum contra-senso criar aventuras ora protagonizadas por um, ora por outro. Como já afirmei, é nessas situações que São Pedro mais se destaca como protagonista, pois, em companhia de Jesus e em narrativas mais exemplares, limita-se a ser coadjuvante, cabendo ao Mestre o papel principal. Um outro aspecto a ser considerado é o nome comum. Ambos são Pedro, condição que favorece até confusões em se tratando de literatura oral.

Os ajuntamentos propiciadores da contação desses tipos de narrativas são marcados quase sempre pela ausência das mulheres, razão pela qual não é muito comum encontrar, durante as pesquisas, contadoras de tais textos. Os contos faceciosos, por se tratarem de textos curtos e engraçados, tendem a se misturar no imaginário popular com as piadas e anedotas. Tal mistura é a razão pela qual as histórias de Malasartes, por exemplo, se aproximam, algumas vezes, das piadas de Bocage, que costumam ser contadas tendo como personagem ora “Bocais”, ora Malasartes. Por outro lado, quando o assunto se circunscreve ao obsceno, não há confusão: o arteiro é Bocais. Nesses casos o elemento detonador do riso é também diferenciado, permeando quase sempre o campo da sexualidade, e, mesmo quando o intuito é ridicularizar os poderosos, as saídas de Bocais enveredam por esse caminho, quase nunca escolhido por Malasartes.

Todavia, não se pode negligenciar a malandragem de Bocais para tirar vantagem das situações e zombar dos poderosos, pontos que o aproximam de Malasartes. Embora as estratégias de enfrentamento do poder instituído se diferenciem, os une o uso de estratégias para transitarem e fazerem-se visíveis entre reis e pessoas de classe abastadas. Em todo caso, o riso representa a aclamação do herói e o rebaixamento, mesmo que provisório, dos poderosos. Para isso, é válido inclusive o uso de violência física ou da violação das normas de boa conduta.

Em se tratando de São Pedro, estamos, pois, diante de um personagem multifacetado que assume características diversas: às vezes é esperto, outras, bobo, um personagem sem atributos específicos, um simples porteiro. Mas mantém-se simpático e humanizado em todas

as representações, o que, acredito, está ligado ao aspecto afetivo que permeia esses textos. Percebemos tratar-se de uma forma diferenciada de experienciar e interpretar o fenômeno religioso que tende a aproximar os santos dos homens, sem, no entanto, tratá-los como personagens fictícios apenas. Assim, os personagens não são postos em cena esvaziados de seus significados, ao contrário, os indivíduos, e por extensão a tradição, os requisitam com seus atributos. Dessa forma, São Pedro figura com sua função de chaveiro, sua fé contraditória, e Jesus, com sua liderança, sua sabedoria e poder de realizar milagres.

### **3 O CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS: MATRIZES ESCRITAS E ORAIS**

#### **3.1 OS EVANGELHOS CANÔNICOS E ALGUNS ESCRITOS APÓCRIFOS**

A idéia do poder real da palavra, idéia profundamente ancorada na mentalidade de então, gera um quadro moral do universo. Todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva. Onde a riqueza das tradições orais, contrárias ao que quebra o ritmo da voz viva. O Verbo se expande no mundo, que por seu meio foi criado e ao qual dá vida. Na palavra se origina o poder do chefe e da política, do camponês e da semente. (ZUMTHOR, 1993, p. 75).

Quando nos reportamos ao Cristianismo, quase sempre buscamos uma referência escrita. Visualizamos um conjunto de narrativas que materializam a figura de Jesus e de seus seguidores, incluindo suas ações e a doutrina pregada por eles. E, atribuindo um valor documental a esses escritos, busca-se uma orientação na qual o homem possa apoiar-se, com plena confiança. Em síntese, é à Bíblia, precisamente ao Novo Testamento, que as pessoas recorrem para sustentar sua crença em Cristo ou mesmo para validar sua fala quando o assunto é a existência do Messias.

O Verbo tornou-se, portanto, a palavra escrita e outorgou-se tão verdadeira e absoluta de si, que não abre espaço para dúvidas, muito menos para admitir sua procedência oral. A crença na Palavra circunscrita a uma dimensão palpável, visual, é tamanha, que nem atentamos para o anacronismo cometido quando se desconsidera a oralidade no construto bíblico. Fundamentando-se nesse discurso escriptocêntrico, tem-se homogeneizado o ritmo de aquisição da escrita pelas mais variadas culturas em tempos diferentes. Dessa forma, ao visualizarmos o texto bíblico, pensamos nele simplesmente como um texto escrito no sentido moderno da palavra, desconsiderando ser o próprio conceito de escrita uma construção alterada ao longo do tempo.

A hipótese aqui apresentada vai, em parte, na contramão desse pensamento, pois toma a voz como uma das condições de existência desses escritos, o que os definiria enquanto construtos de culturas em estágios diferenciados quanto ao domínio da técnica da escrita, considerando tanto escritores como receptores. Nesse propósito, tomei como referência o Novo Testamento. Na verdade, parte dele, pois na impossibilidade de trabalhar com todo o conteúdo, detive-me na leitura dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João e no livro dos Atos dos Apóstolos. O intuito é estabelecer um diálogo entre esses livros canônicos, os

evangelhos apócrifos de Maria Madalena, de Pedro e o Apocalipse de Pedro e as narrativas sobre São Pedro e Jesus que circulam ainda hoje oralmente, enfocando a representação desses dois personagens.

Uma leitura atenta dos evangelhos canônicos nos coloca diante de uma escrita marcada por expressões que remetem a um universo de oralidade, desde as descrições das pregações, que aconteciam em qualquer ambiência, para um número variado de pessoas, a forma como o discurso era estruturado, até o uso de termos ligados a um universo próprio das comunidades ouvintes. Como é sabido, Jesus nada deixou escrito. Oficialmente, as informações sobre sua trajetória e de seus discípulos encontram-se registradas no Novo Testamento, que reúne 27 livros, segundo alguns pesquisadores, escritos por seus seguidores em lugares e momentos diversos.

Luigi Mosconi (1998, p. 34), em seu estudo sobre os evangelhos de Lucas, Mateus e Marcos, sinaliza que, para uma leitura proveitosa dos mesmos, faz-se necessário um conhecimento das situações que lhes conferem existência e significado. Tal postura levaria, segundo ele, ao entendimento de serem as diferenças entre os quatro evangelhos não casuais, mas resultantes de suas escritas em contextos distintos e para destinatários diferentes. O autor notifica também as controvérsias sobre data, local de escrita e autoria desses evangelhos, advertência que demonstra ter a insuficiência de dados mantido nebulosa a história desses evangelhos, embora pesquisadores tenham se dedicado com afinco para precisar tais aspectos.

Como podemos notar, as controvérsias que circundam a escrita de tais textos são muitas e de ordens diversas, porém alguns consensos foram estabelecidos, como a autoria dos sinóticos atribuída pela Tradição Eclesiástica desde o séc. II, respectivamente, a São Mateus, São Marcos e São Lucas. Um outro ponto diz respeito às semelhanças existentes entre eles, o que apontaria, segundo os estudiosos, para uma fonte comum utilizada pelos escritores. A esse respeito se concebe, em primeira instância, uma tradição oral creditada e disseminada pelo povo e principalmente pelos apóstolos sobre a atividade de Jesus. Estariam, pois os textos escritos de alguma maneira radicados nos discursos orais e, conseqüentemente, denotariam a forma como as pessoas daquela época interpretaram e vivenciaram o evento Cristiano. Ainda nessa perspectiva, podemos inferir ter sido o receio de que essa tradição perdesse seu *status* de acontecimento verídico, com o passar do tempo, o que tornou emergencial o processo de escrita. Como parecem atestar estudos católicos sobre o assunto:

Sem demora, e, sobretudo a partir do momento em que as testemunhas da primeira hora começaram a desaparecer, surgiu a preocupação de conservar por escrito essa tradição. Assim, os episódios referidos no começo de modo

isolado e independente tenderam a se agrupar, seja em ordem cronológica (o dia de Cafarnaum, Mc 1,16-39), seja em ordem lógica (cinco controvérsias, Mc 2,1-3,6), primeiro em pequenas seções, depois em conjuntos maiores. (A BÍBLIA..., 1985, p. 1829).

Além dessa matriz oral, a crítica moderna tem considerado como fonte escrita primeira o evangelho de São Marcos, que teria servido como referência para os evangelhos de Mateus e de Lucas, sendo que o primeiro e o terceiro teriam tido também uma outra fonte escrita, desconhecida. Essa explicação é, todavia, considerada simplista por muitos estudiosos, por não levar em conta a possibilidade de ter existido versões bem mais antigas do que a tomada pela crítica como primeira e, por isso, desconsiderar o intercâmbio de influxos daí provenientes.

De acordo como essa segunda hipótese, seria possível ter o evangelho de Marcos sofrido influência de um primeiro documento atribuído a Mateus, obviamente combinado com outras fontes. Por outro lado, nada impede que numa segunda redação do evangelho de Mateus tenha se recorrido ao texto de Marcos. Nessa linha de raciocínio, o evangelista Lucas teria considerado, numa fase primeira de sua escrita, além de outras fontes, o Evangelho de Mateus e, só numa segunda redação, o de Marcos, que já teria sido revisto e reescrito com base na redação final do evangelho de Mateus.

Simpatizo com essa explicação, apesar de sua complexidade, por considerar a construção dos evangelhos sinóticos um processo de constantes realimentações. Quando se admite mais de uma fase redacional, admite-se também um intenso trânsito de subjetividades e se relativiza a idéia de um texto-base acabado. A insurgência desses fatos fissa a tessitura dos evangelhos, permitindo pensá-los como (re)criações que trariam no seu bojo a pluralidade de vozes própria da oralidade, combinadas de acordo com a realidade e necessidades das comunidades para as quais os textos eram destinados e nas quais seus autores e posteriores redatores se encontravam.

Quanto ao evangelho de João, a Tradição Eclesiástica trata-o como autônomo em relação aos sinóticos, justificativa respaldada na urdidura e linguagem consideradas pela crítica como bem diferenciadas dos outros três evangelhos. E embora haja a possibilidade de o autor ter tomado conhecimento desses evangelhos, as peculiaridades do seu texto não admitem que se estabeleça uma dependência literária. Assim, tudo indica serem os fatos narrados pelo autor provenientes de outras fontes, certamente escritas e orais. No referente à autoria, considera-se, não sem ressalvas, como sendo de João Evangelista.

O livro dos Atos dos Apóstolos, reconhecido pela tradição da Igreja como de autoria de São Lucas, corresponderia a uma segunda parte do Evangelho desse autor, que teria sido desmembrada antes do ano 150, atendendo ao desejo dos cristãos de compor um códice com os quatro evangelhos. O texto, em linhas gerais, expõe como o Cristianismo teria se expandido com a pregação dos apóstolos, considerados testemunhas da existência de Cristo. Seria um registro da vivência apostólica depois da morte do Mestre.

Como podemos perceber, a questão da autoria circunda todos os textos bíblicos discutidos. Creio ser esta problemática um indicador a mais da estreita ligação entre oralidade e escrita que permeia tais textos. Nas comunidades orais, a autoria está vinculada à idéia de presença. A pessoa que narra é alguém a quem é conferido um poder de fala. Por outro lado, esse poder sobre o discurso é momentâneo e indivisível do enunciador, dada sua forma de circulação. Podemos dizer que o reconhecimento desse discurso, enquanto distinto dos enunciados ordinários, acontece pela sua incorporação à tradição, seja ela ampla ou restrita a uma comunidade determinada. Todavia, essa nova condição do discurso esfacela a autoria – nos moldes como a concebemos na cultura escrita. Não há como manter um domínio sobre o texto depois que ele é proferido. É inevitável que outros sujeitos se apropriem desse saber, ou melhor, é essa apropriação a condição de sua existência. Nesses termos, embora em alguns construtos discursivos se reivindique uma autoridade anterior, caso de alguns textos de cunho religiosos, é a voz do presente que confere existência ao discurso.

Tal conjuntura relativiza a idéia de autoria que, nessa acepção torna-se passível de transferência, só podendo ser nomeada no momento da *performance*, quando é interceptada na tradição. Em se tratando dos contos, piadas, e outros gêneros ficcionais da literatura oral, essa transferência autoral se faz sem implicações para o discurso. Mas, em se tratando de textos considerados sagrados, via de regra, alude-se a quem detinha a autoridade discursiva. É também esta pessoa quem autoriza o próximo contador. Assim acontece com a transmissão das rezas, dos benditos e dos ditos usados nos rituais. Nesses casos não se transmite apenas o texto, mas a crença de que as palavras pronunciadas são imbuídas de poder e pertencem à instância do mistério, sendo, portanto sagradas.

Ainda no rol dos discursos que requisitam uma autorização precedente para terem uma recepção diferenciada pela comunidade, encontram-se na literatura oral os causos, relatos considerados verídicos pelo contador e seu auditório. As narrativas desse gênero são construídas a partir de uma experiência vivida, vista ou ouvida de alguém pelo sujeito que narra, circunstância que transforma o contador em testemunha da verdade que propaga.

Todavia, em se tratando de oralidade, não é o “autor” o único responsável por essa autorização do texto, como acontece na literatura escrita, conforme afirma Ria Lemaire:

Para esses testemunhos adquirirem o seu valor de verdade, é preciso um elemento indispensável, a saber: a presença de uma comunidade que compartilha deste saber tradicional que a pessoa-testemunha traz e que, em nome deste saber compartilhado, pelo fato de o compartilhar acredita e testemunha, tem como verdadeiro o seu testemunho. (LEMAIRE, 2000, p. 93).

Com base no meu estudo sobre a escrita dos evangelhos, penso terem sido constituídos numa realidade muito parecida com a exposta acima. Todavia, a cultura escrita requisita uma outra configuração de autoria e conseqüentemente de autor, e a principal alteração é o descolamento desse autor de uma presença física, para uma entidade, que passa a ser permanente. Assinada ou conferida uma autoria, ela torna-se, pelo menos em tese, inabalável, e, quando por algum equívoco essa condição é posta em dúvida ou questionada, o estranhamento dos críticos e do público denuncia seu caráter desestabilizador. Michel Foucault, ao tratar da questão autor, obviamente reportando-se à escrita, nos apresenta a problemática da seguinte maneira:

Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status*. (FOUCAULT, 2001. p 273-274).

Podemos inferir ter sido essa diferenciação discursiva procurada com ênfase pela Igreja no seu processo de afirmação e certamente os apóstolos evangelistas gozavam de grande autoridade nas comunidades. Mas, sem aprofundar muito tais questões, consideremos os evangelhos sinóticos, assim como o de João e o Livro dos Atos dos Apóstolos, enquanto produções escritas atravessadas pela oralidade e que têm recebido novas roupagens ao longo do tempo por obra e graça de seus diversos redatores e tradutores. Assim, sucederam à versão de que primeiro se tomou conhecimento, os títulos e subtítulos, bem como a divisão do texto em capítulos e versículos, como conhecemos hoje.

O trecho seguinte, fragmento do evangelho de Mateus, nos coloca diante de uma problemática significativa em relação a essa dinâmica oral/escrito e nos incita a pensar sobre

como as sociedades, ao se apropriarem do código escrito, passam a registrar suas experiências e memórias acomodando a oralidade nesse novo registro:

Ouçam, portanto o que a parábola do semeador quer dizer: Todo aquele que ouve a Palavra do Reino e não a compreende, é como a semente que caiu à beira do caminho: vem o Maligno e rouba o que foi semeado no coração dele. (Mt 13,18-19)

Mais uma vez somos surpreendidos pela força da voz impressa num texto bíblico, que ao invés de ser suplantada pela escrita, manteve-se nela audível. Reflitamos sobre a significação do verbo “ouvir” na citação acima: como entender seu emprego num texto escrito? Uma possibilidade de análise da questão é, assumindo um ponto de vista histórico, considerar dois tempos distintos: o dos fatos apresentados e o da composição dos textos bíblicos. No entanto, não se deve esquecer que se trata de um texto carregado de metáforas e de alegorias, para o qual não importa somente o que está sendo dito, mas a forma como esse é elaborado.

Considerando o momento histórico, tradicionalmente aceito – Jesus viveu e morreu na Palestina no séc. I – podemos deduzir que as comunidades desse tempo são esmagadoramente orais. Conseqüentemente, nesses grupos, “[...] não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento estão relacionados de forma especial ao som.” (ONG, 1998, p. 11). O pensamento era, portanto, articulado para ser falado e ouvido. Assim, a composição discursiva obedecia às regras próprias do código oral, sendo comum o uso de parábolas, de termos e situações próprias das comunidades onde aconteciam as pregações.

Quanto ao contexto de produção do texto escrito em questão, podemos considerá-lo, como exposto acima, pelo menos em seu estágio inicial, marcado por forte presença da oralidade. Como afirma Walter Ong (1998, p. 49), ao tratar da estrutura narrativa da criação no Gênese, a Bíblia fora produzida em culturas orais ou com alto resíduo oral. Aceita essa hipótese, devemos lembrar que estamos falando de culturas em fase de transição dos sistemas oral/escrito, para as quais o uso de recursos comumente usados numa situação de oralidade, em textos escritos, não provocaria estranheza ao escritor nem aos leitores, certamente poucos, o que nos leva a conjecturar a presença marcante de uma audiência para esses textos.

Isso nos leva a crer que para tais comunidades a referência ao ouvido e a voz, em um texto escrito, teria uma significação diferente daquela que temos hoje. Por sermos produtos de uma cultura escrita e por estarmos tão impregnados dela, perdemos a dimensão do significado do termo “ouvir”, transformando-o em mero marcador discursivo. No entendimento de

Havelock, (1996, p. 54) essas mudanças ocorreriam porque, “[...] entre o que as palavras dizem quando faladas e o que significam quando escritas, sempre haverá uma defasagem de algum tipo, lacunas de dimensões variáveis conforme a escrita e uso.” Em suma, mecanicamente em nossa leitura, diante desses termos em um texto escrito reagimos, grosso modo, como se a escuta pudesse ser processada pela visão.

Todavia, como explicar a permanência de muitos desses traços nas traduções posteriores do texto bíblico? Sem adentrar muito no assunto, penso que a resposta esteja na intencionalidade discursiva do texto bíblico e na necessidade de se manter fiel ao texto concebido como fonte. Desse modo, quanto menos alterações fossem feitas, mais crédito teria a nova versão. Assim, a presença de expressões vistas como arcaicas ou próprias da oralidade apontariam para uma ancestralidade do texto, validando-o.

Uma alternativa seria pensar esses mecanismos enquanto estratégias narrativas que mantêm o ouvido como porta de entrada para os ensinamentos e evocam uma voz que proclama uma verdade. É um convite à escuta por meio da escrita, numa tentativa de reviver uma experiência concreta de comunicação, o desejo de manutenção de uma intimidade, própria das comunidades orais, entre aquele que fala e seu público.

Tais reflexões, no entanto, não alteram o estatuto de texto escrito das Sagradas Escrituras, mesmo considerando sua proveniência, em alguma medida, de testemunhos e relatos constituídos e transmitidos oralmente, ou ratificando que seus momentos de composição são predominantemente orais. Não podemos perder de vista a figura do escritor, ou mesmo escritores, que individualizaram tais textos, tornando-os expressões subjetivas que comportam suas percepções de mundo. Além disso, eles realizaram, conforme seus estilos, operações que obedecem, em maior ou menor escala, a regras próprias do código escrito, alterando, portanto, a configuração discursiva. Trata-se, pois, de um trabalho de reestruturação da expressão oral, que é reformulada, em diferentes medidas, de acordo com os moldes da cultura escrita e que no seu processo de composição já pressupõe um leitor conhecedor desse código.

Nesse sentido, a escrita dos textos bíblicos em questão pressupõe um processo seletivo sob a óptica de quem escreve e posteriormente uma reorganização dos elementos escolhidos. Como sabemos, o real se constitui por meio da linguagem e, desse modo, uma realidade só passa a ter existência na medida em que é reconhecida por um sujeito, circunstância que já a fazem nascer subjetivada. De acordo com essa idéia, o registro feito da suposta realidade torna-se relativo, pois depende da sensibilidade de quem a observa, do olhar que sobre ela é lançado, da maneira como é tragada e expressa em linguagem.

Há, pois, uma tentativa de apreensão do real que é submetido à necessidade do escritor e transformado em um construto linear, de modo que se apresente coerente e significativo. Nessa linha de raciocínio, os Evangelhos apresentam-se como um conjunto de episódios escritos em momentos diversos e resultantes, sobretudo, da memória de seus autores, testemunhas oculares ou auriculares dos fatos narrados. Pressupõe-se, portanto, a existência de um ciclo de narrativas sobre Jesus e seus discípulos, que circulavam oralmente e serviam de testemunho para a crença do povo. Fazendo uma analogia, podemos pensar nos grandes heróis com os quais as pessoas das classes populares se identificam e que são alimentados pela imaginação das mesmas, de modo que ficção e realidade tornam-se indissociáveis nas narrativas urdidadas.

Diante de tais questões, parece-me lógico pensar num corte sincrônico feito nessas narrativas orais, uma seleção e um registro escrito. Todavia, isso não pode ser pensado como uma transposição do oral para o escrito, mesmo porque, como exposto acima, temos um autor empenhado em produzir algo que possa ser tomado como verdade e, portanto, inalterável. Assim, cada evangelista priorizou aquilo que julgou relevante para a anunciação e afirmação do cristianismo, bem como funcional para os destinatários. Os evangelhos tomados como testemunhos de pessoas empenhadas nesse projeto de cristianização sinalizam para uma fonte oral anterior ao registro escrito e que certamente não a registrou em sua totalidade, como podemos comprovar no final do evangelho de João:

Este é o discípulo [João] que deu testemunho dessas coisas e que as escreveu. E nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Jesus fez ainda muitas coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que não caberiam no mundo os livros que seriam escritos. (Jo, 21,24)

É claro o caráter testemunhal do evangelho, condição que autorizaria o discípulo a escrever sobre a vida de Jesus. Percebemos também o reconhecimento de que esse é um trabalho limitado e, tendo sido a tradição oral uma fonte para os evangelhos escritos, podemos dizer que se encontram neles os relatos de cristãos, que se não testemunharam os fatos que narravam, certamente ouviram de pessoas creditadas nas comunidades onde foram redigidos. Por outro lado, os registros escritos não impediram, certamente, que uma vasta tradição oral sobre os feitos de Jesus e seus discípulos, já em curso, continuasse a circular de boca em boca, entranhando-se na memória coletiva de tantas comunidades cristãs que, dispersas pelo mundo, continuaram a transmiti-la para as gerações mais novas. E, na medida em que cresceu o número de leitores e a Bíblia foi se tornando mais acessível, intensificou-se um processo de

realimentação dessa tradição oral, seja por meio de um contato direto dos leitores conhecedores dessa tradição, seja através de uma disseminação oral desses relatos bíblicos.

Uma outra questão que gostaria de abordar nesse capítulo é: teriam sido apenas os livros considerados inspirados, que constituíram o cânone dos livros sagrados, e a própria tradição oral, as únicas fontes que têm nutrido a memória dos contadores de histórias no que concerne ao cristianismo?

Sabemos que a instituição de um campo de saber é movida por um desejo de ordenamento e controle, de construção e manutenção de uma verdade por parte daqueles que a inauguram. Os discursos aí construídos são rigorosamente avaliados e, obedecendo aos princípios de seus dirigentes, são autorizados ou silenciados. Podemos inferir ser esse processo marcado por contradições internas e disputas pelo exercício desse poder, o que produz uma série de ações a fim de desarticular qualquer tentativa de questionamento da ordem estabelecida.

Essa reflexão é oportuna para pensarmos a instituição do cristianismo enquanto religião que se firma num dado momento histórico, tomando como instrumento imprescindível a palavra. É, pois, na esfera discursiva que o projeto de cristianização é delineado. Lançando mão tanto da modalidade oral quanto da escrita, articula-se e difunde-se uma moral cristã que estaria referenciada nas ações e palavras do próprio Cristo.

Ao que tudo indica havia uma numerosa literatura escrita sobre Jesus Cristo e seus discípulos que circulava nas comunidades cristãs, razão pela qual se tornou imprescindível a construção de um cânone que guiasse a leitura dos fiéis, ou melhor, do corpo religioso conhecedor da escrita, e, por outro lado, definisse os textos a serem evitados pelos seguidores de Cristo. Diante dessa conjuntura, podemos fazer algumas especulações acerca das estratégias de constituição desse cânone. Jacir de Freitas Faria apresenta alguns critérios que indicariam a gênese dessa problemática:

Um livro que não era muito usado por muitas comunidades tinha menos valor que aquele que era amplamente conhecido. E também é claro que a seleção dos livros para entrar na Bíblia obedeceu a critérios de inspiração. Por outro lado, também não deixaram de entrar em jogo os interesses das lideranças cristãs e judaicas. (FARIAS, 2004, p. 14).

Seguindo esses princípios, podemos considerar que os livros foram chamados ao cânone, obedecendo a uma lógica pré-definida, e certamente esta predileção silenciou outros escritos. Parece ter sido esse estabelecimento um assunto recorrente entre as lideranças cristãs, pois, embora a lista oficial dos livros canônicos tenha sido definida apenas em 1546,

no Concílio de Trento, três listas já haviam sido propostas em 150, em 200 e uma outra no século IV.

A descoberta dos denominados livros apócrifos ratifica essa hipótese e aponta novas perspectivas de estudo para o evento do cristianismo. Segundo estudiosos do assunto, a literatura apócrifa constitui uma outra Bíblia, tendo em vista o número de livros, que seriam 112, sendo 60 referentes ao Novo Testamento, compreendendo Evangelhos, Atos, Apocalipses, Cartas e Testamentos, textos estes escritos em grego, latim, siríaco, cópto, etíope.

Esses textos apresentam de diferentes maneiras alguns personagens bíblicos, a exemplo de São Pedro. E a fim de conhecer uma outra representação de Pedro, recorri, durante a realização desse trabalho, a três evangelhos apócrifos: o Evangelho de Maria Madalena, o Evangelho de Pedro e o Apocalipse de Pedro. Não pretendo, no entanto, fazer juízo de valor em relação a esses documentos, aparentemente distintos, muito menos criar hipóteses acerca da exclusão de uns em favor da escolha de outros, mesmo porque as hipóteses são muitas. Na acepção de Jacir de Freitas Faria (2004, p. 09), por exemplo, “[...] a igreja não aceitou esses textos como inspirados, pois eles estavam permeados de ‘heresias’ dos primeiros séculos do cristianismo.” Creio ser prudente ponderar que o conceito de heresia é também uma determinação da própria Igreja.

A supremacia dos evangelhos considerados canônicos estaria no fato de tanto os apóstolos, quanto os outros pregadores, mesmo apoiados numa tradição oral, terem em sua base testemunhos oculares e os redatores dos textos escritos terem se mantido fiéis a essas fontes, tomadas como verdadeiras. Por conta disso introduziram poucas elaborações, ao passo que os evangelhos apócrifos estariam repletos de “[...] criações legendárias e inverossímeis [...]” (A BÍBLIA de Jerusalém, 1985, p. 1831): o impasse é notório. Todavia, o fato de estar trabalhando com representações da religiosidade na literatura oral, considerando-a enquanto mecanismo de expressão tão válido quanto qualquer outro, sinto-me amparada para considerar os apócrifos como fonte de pesquisa.

Além do mais, o conhecimento de textos cuja autoria foi atribuída explicitamente a Pedro faz para mim muito sentido, pois desde o início do estudo uma questão tem intermitentemente me acompanhado: como é possível ter sido Pedro o discípulo preferido de Jesus, um dos mais empenhados em divulgar o cristianismo e, ao que parece, gozar de tanto prestígio nas comunidades e não lhe terem conferido a autoria, mesmo como colaborador, de nenhum dos evangelhos?

Talvez considerem essa pergunta descabida, pois está registrado no livro canônico Atos dos Apóstolos a não escolarização de Pedro: “Eles ficaram admirados ao ver a segurança com que Pedro e João falavam, pois eram pessoas simples e sem instrução” (At 4,13). Todavia, pensando tanto a época em que os textos considerados canônicos foram escritos, quanto a dos apócrifos, é preciso refletir sobre o próprio conceito de autoria que, como mencionado, ao tratar dos textos canônicos, não se configura da mesma maneira em todas as épocas e sociedades.

### 3.1.1 SÃO PEDRO NA PERSPECTIVA CANÔNICA E EM ESCRITOS APÓCRIFOS

Nos evangelhos canônicos, Pedro é um dos primeiros homens a comprometer-se com o projeto de Jesus, sem perguntas ou hesitação, pelo menos é o que retratam os textos bíblicos. Ele simplesmente abandona seus afazeres e segue o Mestre. Representado como um homem de origem humilde, como atesta sua profissão de pescador, Pedro seria casado, teria uma filha e moraria com a sogra. Enfim, trata-se aparentemente de um homem comum. Todavia, ao longo dos evangelhos sua configuração vai sendo redesenhada por suas ações e pela presença de Jesus. O evangelho de Mateus assim descreve o chamado e pronto atendimento de Pedro:

Jesus andava à beira do mar da Galiléia, quando viu dois irmãos: Simão, também chamado Pedro, e seu irmão André. Estavam jogando a rede no mar, pois eram pescadores. Jesus disse para eles: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens” Eles deixaram imediatamente as redes, e seguiram a Jesus. (Mt 4,18-20)

A situação é colocada de maneira semelhante nos evangelhos de Marcos e Lucas, que, assim como Mateus, nada acrescentam sobre a escolha de Pedro, nem porque ele atende tão prontamente ao chamado. Outro encontro significativo de Pedro com Jesus é narrado pelo evangelista Lucas. Neste, Jesus entra na barca onde está Pedro e ordena que ele vá para a parte mais profunda do mar e lance as redes, ao que é replicado por Pedro: “– Mestre, tentamos a noite inteira, e não pescamos nada. Mas em atenção as suas palavras, vou lançar as redes.” (Lc 5, 5). Para espanto dele e de todos do barco, as redes se arrebentaram devido à quantidade de peixe pescado. Diante de tamanho feito, Pedro se lança aos pés de Jesus, reconhecendo a santidade do Mestre e assumindo-se pecador.

Jesus é o grande protagonista dos evangelhos. Todavia, percebemos ser Pedro o discípulo que, embora não alce em nenhum momento o posto de protagonista, não passa despercebido aos olhos do leitor. O seu amor por Jesus, assim como a prontidão para segui-lo e servi-lo, permeia todos os evangelhos. Pedro é também o discípulo que mais questiona as atitudes do Mestre, embora o obedeça sempre.

Quanto à representação dos discípulos nos evangelhos apócrifos estudados, são poucas as alterações em relação aos canônicos. Dentre os três, o *Evangelho de Maria Madalena* é o que mais se diferencia por trazer um Pedro ciumento e contrário ao exercício do poder feminino. Nesse evangelho é apresentada uma cena em que Pedro reage de modo violento contra Maria Madalena, quando esta relata ensinamentos que teriam sido transmitidos por Jesus somente a ela. Ratificando a personalidade impulsiva e o caráter genioso de Pedro que, embora de forma atenuada, não deixam de ser mencionados nos evangelhos canônicos, Levi toma a defesa de Maria Madalena:

Pedro, tu sempre foste um irascível;  
Vejo-te agora encarniçar contra a mulher,  
Como o fazem nossos adversários.

(FARIA, 2004, p. 169)

O *Evangelho de Pedro* relata a condenação e ressurreição de Jesus e apresenta um Pedro que, assim como os outros discípulos, chora a falta do Mestre e mostra-se amedrontado e apreensivo em relação aos fatos acontecidos. Já o *Apocalipse de Pedro* apresenta-nos três visões de Pedro sobre a crucificação e ressurreição do Senhor. Nada nos é acrescentado sobre o discípulo, mas certamente o poder de ter visões o diferencia dos demais.

Embora seja possível perceber traços do caráter de Pedro descrito nos evangelhos apócrifos e canônicos, não encontrei nos textos orais analisados elementos que me permitissem apontar os evangelhos canônicos ou os apócrifos como a fonte das narrativas orais. A análise das vinte e oito narrativas orais mostrou ser a perspectiva de trânsito e realimentação a mais acertada para pensar a tradição oral em relação à escrita. Assim, ao invés de vislumbrar uma cadeia de influências, percebi que temos uma grande rede fabular viva, em constantes cruzamentos e sempre em processo de construção.

### 3.2 HUMOR E EXEMPLO NO CICLO DE SÃO PEDRO E JESUS

Diante de tantas questões em aberto que circundam os evangelhos escritos, creio ser pertinente repensar algumas delas acerca das narrativas orais sobre Jesus e seus discípulos. O primeiro passo é desconstruir uma dependência direta dessas narrativas em relação aos textos escritos. O mais corriqueiro tem sido pensá-las enquanto fragmentos dos evangelhos canônicos ou apócrifos, como recriação popular desses textos: seriam, pois, adaptações dos textos sagrados, em especial do Novo Testamento, com deturpações consideradas próprias desse tipo de operação. Todavia, não creio ser o problema tão simples assim, pois se por um lado encontramos motivos comuns aos dois tipos de registros, temos narrativas orais que se distanciam completamente dos textos bíblicos, e, mesmo no caso das semelhanças, estas podem sugerir também uma filiação dos textos escritos à tradição oral.

Se considerarmos o processo de escrita dos evangelhos, creio ser essa uma hipótese cabível, mas corremos o risco de uma conclusão muito óbvia e simplista. Seria como ler o discurso escriptocêntrico apenas com o sinal trocado, sem considerar o trânsito dessas duas modalidades e a própria tradição enquanto movimento. Ousando um pouco mais e descartando esse lugar confortável das influências, penso que tais narrativas se mantiveram e foram atualizadas na tradição num ir e vir textual, no intercruzamento escrita e oralidade. Embora não descarte a hipótese de uma tradição oral que, mesmo se misturando com a escrita, lhe seja em alguma medida anterior, ou que algumas narrativas orais tenham sido tecidas a partir de um motivo bíblico, portanto escrito, rastrear um texto matriciador é no mínimo arriscar-se a parecer ingênua.

Na oralidade, a religiosidade apresenta-se de formas diversas e instigantes. Sem a pretensão de traçar um perfil que dê conta dessa complexidade, gostaria de tecer algumas considerações acerca de como percebi a configuração da religiosidade nas comunidades de onde provêm os textos orais analisados nesta dissertação.

As rezas, os benditos, os cânticos, dentre outras manifestações da fé, remetem a uma matriz católica, mesmo quando mescladas com outras religiões. Desse modo, durante as pesquisas, as pessoas, quando perquiridas quanto à sua religião, respondiam quase unanimemente serem católicas, ainda que no interior de suas casas reverenciassem entidades não católicas e obedecessem a outros preceitos religiosos. Quase sempre, porém, confinam-se ao ambiente doméstico, mantendo-se no nível privado conhecido apenas por aqueles que partilham dessas crenças. No espaço público e para as pessoas menos chegadas – e certamente

nós pesquisadores nos inserimos nesse grupo – todos se apresentam sob o amplo guarda-chuva do catolicismo.

No interior da Bahia, pelo menos nos lugares onde já realizei pesquisas: Baiacu-Vera Cruz, Ipirá, Seabra, Piatã e Boninal, especialmente nas áreas rurais ou nos espaços urbanos cujos moradores são provenientes dessas áreas, o candomblé e o espiritismo, dentre outras religiões e crenças, não aparecem como opositores ao catolicismo, mas a ele acoplam-se, configurando um catolicismo que historicamente tem sido nomeado como popular, em oposição ao oficial, mais limitado e seletivo. A ambos opõe-se apenas o protestantismo, em suas diversas vertentes, e as pessoas que o praticam raramente nos contam alguma história ou nos fornecem uma cantiga. Quando em conversa lhes perguntamos sobre essas manifestações culturais, informam de imediato sua religião e afirmam: “*Só cantamos/contamos para Jesus.*”. Assim, nas minhas andanças pelo interior da Bahia defrontei-me com esses dois braços do cristianismo: um considerado mais permissivo e um outro com mais interditos. Desse modo, os textos de conteúdo religioso, incluindo os apresentados em verso e em prosa, podem ser considerados como mecanismos utilizados para segmentar dois modos de existência do catolicismo, um considerado oficial e um outro popular.

Nesse trabalho ocupo-me apenas dos textos que trazem como personagens Jesus e São Pedro, figuras reverenciadas pelos cristãos. Os textos desse ciclo têm produzido alguns desconfortos entre os estudiosos no concernente à classificação. Alocá-los num ou noutro gênero tem requerido uma série de ressalvas, mesmo porque a migração constante de motivos na literatura oral desarticula qualquer classificação que se queira rígida e imutável. Segundo a classificação do Índice de Aarne e Thompson (1981), esses textos pertenceriam aos contos da tradição popular comum, que compreende os contos mágicos e de encantamento, os do ogro estúpido e as histórias religiosas. Além desse grande grupo, teríamos os contos de animais e os humorísticos. Os contos religiosos estão registrados neste catálogo entre os números 750 e 849 e incluem narrativas envolvendo São Pedro e Jesus, dentre outras, cujo tema central é o elemento religioso.

Nesse grupo, a religiosidade configura-se quase sempre com base em elementos cristãos. Os textos assumem um cunho moralizante e exemplar, exaltando-se as normas de conduta e o respeito à Divindade, algumas vezes corporificada na figura de Jesus. Quanto ao apóstolo Pedro, é possível perceber sua presença nessas narrativas de duas maneiras: uma como companheiro de Jesus na terra e a outra sob a função de chaveiro do céu. Na condição de acompanhante do Mestre, nunca age sozinho nem se aparta dele. Já no segundo caso age por conta própria e quase sempre na ausência de Jesus. Em grande parte dessas narrativas, a

elaboração textual não se limita ao exemplo, acrescentando-se o cômico, aproximando-se, portanto dos contos humorísticos. Nas 27 narrativas orais analisadas, bem como nos 03 cordéis, o riso quase sempre não esmaece o exemplo, nem o deturpa, ao contrário, reforça-o muitas vezes.

No *Catálogo do conto popular brasileiro* (2005), organizado por Bráulio do Nascimento, as narrativas envolvendo São Pedro e Jesus são consideradas como contos religiosos, com exceção do conto **Jesus Cristo, São Pedro e Judas**, registrado por Câmara Cascudo em *Contos tradicionais do Brasil* e classificado no Catálogo como facécia, sob o nº. 1626. A questão que surgiu a partir da análise dos textos orais dessa temática, coletados na Bahia, refere-se ao fato de que, em algumas narrativas desse ciclo, o elemento religioso aparece tão diluído – quando não imperceptível –, que encaixá-las nesse rol genérico dos contos religiosos seria no mínimo forçado. Além disso, essa terminologia pressupõe por parte do leitor ou ouvinte uma postura de seriedade diante do texto, inexistente em muitas situações de *performance*, nas quais o riso e a descontração, como veremos adiante, são dominantes.

Com base nesse argumento, considero o conjunto de textos orais analisados a partir de dois tipos de contos: o conto de exemplo e o conto facecioso, gêneros que acredito resultarem, em alguma medida, da movimentação e fragmentação do elemento religioso no ir e vir dessa matéria pelas redes de transmissão oral. Por outro lado, não podemos esquecer que a escolha do gênero textual é uma estratégia do contador para garantir a eficácia do discurso que pretende veicular. Nesse sentido, as contaminações de gênero atenderiam implicitamente a uma demanda cultural, seriam estratégias para afiançar a recepção da mensagem. Foi, portanto, amparada por essas premissas e fugindo das generalizações que resolvi alocar os textos desse ciclo nos denominados contos faceciosos e nos contos de exemplo, a depender das especificidades de cada um. Em suma, parece ser a definição dos gêneros na literatura oral uma preocupação do estudioso, pois, em se tratando dos detentores dessa tradição, há uma tendência para a hibridização, desde que essas operações não comprometam a estética do texto.

O critério de classificação baseou-se na predominância de situações exemplares ou provocadoras do riso. Todavia, nem sempre é possível estabelecer uma distinção nítida dessas instâncias nos textos. Muitas vezes, são marcados pela ambivalência entre o cômico e o sério. Assim, temas sérios como a morte e as incertezas que dela advêm, os vícios, as dificuldades impostas pela luta diária que impacientam o homem, fazendo-o descumprir algumas normas religiosas, são tratados com certa dose de comicidade. No entanto, com base em alguns discursos dos contadores, interceptados nas narrativas, essa operação não significa descaso em

relação às normas, nem desrespeito ao cristianismo ou às suas instituições – talvez seja uma forma de aliviar o sentimento de impotência diante dessas questões. O desejo de burlar a vigilância de São Pedro e entrar no céu é um indício disso.

O conto facecioso caracteriza-se pelo modo divertido com que a narrativa é conduzida e pela brevidade da forma. São textos nos quais prevalece o tom zombeteiro e provocador do riso. Um fator preponderante nesses textos é, pois, o seu caráter lúdico. A narrativa, de modo geral, não é organizada de modo a desencadear uma tensão no ouvinte. Nesse gênero, dentre os textos mais comuns registrados pelo PEPLP, encontram-se as histórias de Pedro Malasartes e as de São Pedro e Jesus pelo mundo, constituindo-se assim dois ciclos aparentemente distintos. O primeiro ciclo, de Malasartes, retrata as peripécias vividas por esse herói malandro, marginal, cuja astúcia encanta e diverte contadores e público. O segundo ciclo compreende algumas histórias de São Pedro e Jesus, nas quais são narradas as aventuras desses dois personagens em suas andanças pelo mundo.

Os textos do primeiro ciclo são geralmente narrados por homens em meio a causos, contos humorísticos e piadas picantes. E embora existam ocorrências de *performances* com textos dessa natureza em espaços familiares, nas comunidades tradicionais, contudo, predomina o espaço público ao privado. Assim, são comuns em bares, enquanto se toma uma cachaça e as experiências do dia são partilhadas. Momentos nos quais rir das atrapalhões e desacertos do companheiro é permitido, e a própria vítima acaba por rir de si mesma, aliviando-se as tensões diárias, circunstância aceita pelo caráter ficcional da narrativa. Nesse espaço marcado pela subversão, rir dos poderosos e dos santos não resulta em punições.

Em se tratando do ciclo de São Pedro e Jesus, temos uma outra configuração, tendendo essas narrativas a distanciarem-se das piadas e anedotas e aproximarem-se dos contos de exemplo. O conteúdo humorístico e o religioso convivem em constante tensão, pois o humor opera um deslocamento no tratamento dos princípios religiosos e redimensiona o caráter exemplar do texto. Já a presença do elemento religioso limita o tom humorístico do texto, vedando algumas construções consideradas ofensivas ao Santo ou a Jesus. É uma comicidade filtrada pelos princípios morais e religiosos do contador, mas também nessas construções, os poderosos são castigados. A indiferença em face às necessidades do outro é punida com severidade por Jesus que evita hospedar-se em suas residências e, quando o faz, geralmente para atender São Pedro, sofre maus tratos. A dificuldade em partilhar inclusive a comida é quase sempre a causa da ruína do rico que perde todos os seus bens repentinamente.

Os estudiosos da oralidade costumam afirmar com certa veemência ser a exemplaridade umas das razões de ser dessa literatura, como se mesmo em estado latente

existisse em cada narrativa um ensinamento. Assim, a ficção estaria a serviço sempre de uma norma de conduta. A esse respeito, Oswaldo Elias Xidieh (1993, p. 26), em seu estudo sobre as narrativas de Jesus e São Pedro, anota: “[...] Qualquer elaboração oral por mais que pareça simples divertimento encerra sempre algo de utilidade, de preceito e de etiqueta”. Nesse sentido seria a vigência dos preceitos propagados pelas narrativas nas culturas em que elas circulam que garantiria a funcionalidade e, conseqüentemente, a existência das mesmas.

De acordo com essa análise, todos os gêneros da literatura oral teriam, em diferentes proporções, o exemplo como encadeador narrativo. Embora considere a posição de Xidieh problemática, dado ser por demais generalizante, concordo com ela em parte, ao menos no concernente a alguns tipos de textos, como os contos, as lendas, as rezas e os provérbios. Em se tratando dos contos faceciosos, que trazem São Pedro e Jesus como protagonistas e principalmente nos que São Pedro aparece sozinho, creio que não podemos estender, pelo menos com tanta tranqüilidade, a colocação do autor, pois o tom divertido do texto pode encerrar ou não um ensinamento.

Mas há de se considerar, todavia, a existência, no *corpus*, dos contos de exemplo propriamente dito, nos quais as transgressões das normas de caráter ou os atos de maldades são sempre punidos, enquanto as boas ações, recompensadas. A narrativa **Jesus pelo mundo** (EBR 315.2), por exemplo, apresenta uma situação que ilustra essa preocupação exemplar: Jesus, em companhia de São Pedro, pede comida em uma casa muito pobre. Uma mulher os atende e mata a única galinha que tinha para alimentar os viajantes. Como recompensa, no outro dia quando ela abre a porta, “[...] diz que tinha uma galinha no terreiro, galinha, galinha, mas diz que gorda, mas diz que uma casa bonita, mas diz que só vendo como é que tava aqueles trem bonito”. Uma comadre, vendo aquela riqueza, questiona a mulher sobre o ocorrido. Ela prontamente explica tudo e, muito interessada, a comadre pede: “– Ô pois, quando ele passar ocê manda passar lá em casa.” Mas Jesus e Pedro ao chegarem à casa são recebidos pelo marido da comadre, um jogador, que os coloca para dormir no galinheiro, bate em Pedro duas vezes, enquanto ele dormia, e os obriga a encher mil sacos de arroz como paga da dormida. Diante de tamanha maldade, o castigo não lhe tarda a chegar:

Aí diz que quando foi de tarde, já começou a morrer vaca do home, começou a morrer vaca, morrer vaca, começou a morrer porco, começou a morrer galinha... Daqui a pouco a muié doeu, o filho doeu, ele também doeu... Aí diz que daqui a pouco ele ficou nas esmola. Já não tinha nada mais pra comer. Diz que ficou pedindo esmola a um e a outro e ficou nessa luta até que morreu. (EBR 315.2).

Como podemos perceber, a ajuda ao próximo constitui o tema central da narrativa, não havendo razão para o riso, salvo em algumas ocasiões como a surra de Pedro. Mas até esse motivo aparece diferenciado, pois, nas demais narrativas, o elemento detonador do riso é a tentativa de esperteza de Pedro, por ser ele quem escolhe a borda da cama para assistir os jogadores, sendo também ele quem, depois da primeira surra, ocultando a verdadeira razão, troca de lugar com Jesus, esperteza que lhe custa outra surra. Na narrativa em questão é Jesus quem determina o lugar de Pedro se deitar e quem, após as queixas do discípulo, se propõe a trocar de lugar. Dessa forma, o riso comparece um tanto esmaecido e, na medida em que nos aproximamos do desfecho, ele é calado. A crueldade do castigo nesse caso parece superar a ofensa sofrida pelos viajantes.

O desenlace dessa narrativa é intrigante, pois nos apresenta um Jesus vingativo e sem misericórdia para com seus ofensores. A punição com a morte, muito comum nas narrativas de exemplo, sugere uma significação do ponto de vista simbólico. Nesse sentido, o alvo atingido não seria a pessoa, mas os sentimentos negativos e as más ações nela materializados. Organizadas a partir de uma lógica maniqueísta que opõe bem *versus* mal, essas narrativas nos fornecem pistas para compreendermos os sentimentos considerados positivos para a sociedade e aqueles vistos como negativos, que devem ser extirpados da convivência do grupo. Esta é a razão pela qual temos, distribuídos entre os personagens, a depender de suas ações e conduta, recompensas e castigos.

Assim, mesmo reconhecendo ser o texto oral uma construção de várias culturas em tempos diversos, ele só será adotado por uma comunidade se os valores nele veiculados forem funcionais para o grupo. No concernente à narrativa apresentada, o final trágico vem ratificar a proposição aqui elaborada, quanto aos perigos de se estabelecer uma relação direta entre essas narrativas e os evangelhos escritos, particularmente os canônicos. É impensável associar esse comportamento ao Jesus descrito pelos evangelhos, pois todos os evangelistas ressaltam a bondade e a capacidade de perdoar do Mestre. Desse modo, nenhum episódio bíblico do Novo Testamento deixa margem para uma interpretação que resulte no construto narrativo acima descrito.

É importante pontuar que o cunho exemplar, comum a outras narrativas do ciclo, nos coloca em face de um enfrentamento, ainda que velado, entre o homem do povo e os poderosos. Certamente não é por acaso que temos sempre nesses casos a punição do homem de uma classe abastada e a recompensa dos mais fracos. O sujeito ambicioso que deseja sempre aumentar sua fortuna, muitas vezes à custa da exploração do outro, acaba por perder tudo. Há também uma violação da norma da boa hospitalidade, ainda muito em voga nas

comunidades rurais, principalmente entre as pessoas mais pobres. Essa situação parece confluir para o entendimento de Balandier acerca da estreita ligação entre ordem e norma, sendo a ordem medida e a desordem resultado da desmedida, do excesso. Nessa lógica:

O infortúnio individual é geralmente relacionado a uma agressão mística ou a uma transgressão; nos dois casos, existe a infração a uma lei da tradição, desconhecida (é a punição dos poderes que a revela) ou conhecida (é o desrespeito consciente de uma obrigação que acarreta as conseqüências nefastas). O risco e o perigo vêm da falta de conformidade às normas que regem a ordem social tradicional. (BALANDIER, 1997, p. 35).

Embora Balandier não esteja tratando de narrativas orais, tampouco do ciclo em questão, podemos, a partir de suas considerações acerca da desordem, pensar a respeito do conto de exemplo e da facécia. Seria, pois, a forma como se processa e se dimensiona a desordem que produziria as distinções entre esses dois gêneros narrativos. O dinamismo da sociedade e as mudanças dele decorrentes engendram formas muitas vezes paradoxais de compreensão das situações e dos valores gerados por seus atores, principalmente no que concerne à forma como redimensionam os princípios de ordem e desordem.

Mobilizaria as narrativas desse ciclo, que, quase sempre confluem para a esfera exemplar, o desejo de reversão de uma ordem, considerada injusta, operação que se processaria por meio de uma intervenção divina autorizada, por essa condição, a aplicar castigos. Essa idéia, carregada de princípios religiosos, indica, a meu ver, um entendimento que potencializa a desordem, considerando-a necessária e inevitável, pois, se por um lado a transgressão leva à morte, ela também pode ser entendida como um dispositivo de mudança. Nesse sentido, o restabelecimento da ordem seria sempre o de uma outra, nunca do retorno a anterior, que traria certamente consigo a exploração, por exemplo.

No caso dos textos nos quais o tom humorístico é mais manifesto do que o exemplar, a moral dos bons costumes e o desejo de estabelecer uma nova ordem não se escusam de usar de estratégias que violam certas leis de conduta. Em se tratando de Jesus, tais estratégias são tão extremistas como as adotadas por Malasartes, uma vez que não dispensam a mentira, as ameaças e a violência, como no caso das narrativas **São Pedro, Jesus e o preguiçoso** (EBR 592.2) e **São Pedro e Jesus: a recuperação do preguiçoso** (EBR 479.2). Nas duas narrativas, Jesus utiliza como estratégia para recuperar o preguiçoso a ameaça de morte. Nesses casos, embora percebamos o cunho exemplar, pois há uma condenação da preguiça, não podemos ignorar o tom humorístico da ação do preguiçoso, quando, frente à ameaça, é tomado de uma grande agilidade e sai às pressas para trabalhar. Todavia, o propósito da ação

de Jesus difere do de Malasartes e também do de São Pedro como personagem encadeador das ações. No caso de Jesus, os fins sempre justificam os meios e suas ações são sempre para o bem do outro ou pelo menos para servir de exemplo para outros.

Mas o que dizer das narrativas que trazem São Pedro como porteiro do céu, logrando outro Santo, como no caso da **História de São Pedro e São Miguel** (CCO 52.3), ou quando, usando de esperteza troca fezes por uma boiada de gado, como na narrativa **São Pedro troca fezes por uma boiada** (EBR 172.7)? Nesses casos, não só o tom humorístico predomina como parece ser a razão de ser da narrativa. Não há intuito de transmitir um exemplo ou, pelo menos, um bom exemplo. Certamente não podemos agrupar textos tão diferentes em uma mesma classificação, tratando-os, como têm feito muitos estudiosos, como textos religiosos, faceciosos ou de exemplo apenas. Tratemos esses textos, por ora, como pertencentes a um ciclo que agrega narrativas, que mesclam humor e exemplo, sendo, portanto, híbridas e que trazem como personagens São Pedro e/ou Jesus, tendo como ambiência o céu e/ou a terra.

### 3.3 SÃO PEDRO PROTAGONISTA OU COADJUVANTE?

Fazendo um paralelo entre a representação de Pedro nos evangelhos canônicos e apócrifos e a encontrada nos textos orais, é possível estabelecer entre essas modalidades textuais algumas semelhanças e diferenças. Nas narrativas orais já o encontramos a serviço e a aprontar confusões que certamente não condizem com o que se verifica nos textos bíblicos. Todavia, assim como nos relatos bíblicos, conduzindo a narrativa, aparece quase sempre Jesus. Quanto a Pedro, santo com o qual o povo parece ter particular familiaridade, a tradição oral reservou-lhe, nesses casos, o posto de aprendiz. Mas o fato de a tradição oral eleger Pedro, em lugar de outros apóstolos, como companheiro de Jesus em suas andanças pela Terra, já pode ser tomado como um indicativo de reconhecimento da sua autoridade e supremacia.

Durante a coleta de alguns dos textos aqui utilizados, conversei com os contadores sobre essa referência constante a São Pedro nas histórias. Mas as respostas foram geralmente evasivas, quando não afirmavam de imediato não saberem o porquê. Um dos informantes, no entanto, forneceu-me, entre risos, a seguinte explicação:

São Pedro, o povo já tem essa tradição que São Pedro andava muito mais Nosso Senhor, quando foram fazer o mundo não é? Então eu acho que toda carga cai pra cima de São Pedro /RISOS/ é por causa disso. (CCO 30.2)

As descrições bíblicas não nos oferecem uma explicação contundente para essa escolha popular, pois apresentam Jesus sempre em companhia dos doze apóstolos. Uma justificativa possível para essa “popularidade” de São Pedro seria o fato de ser ele o apóstolo mais citado no Novo Testamento<sup>13</sup> e, nessas citações, aparecer como o mais requisitado por Jesus, sendo também aquele que mais lhe pede explicações, apresentando, portanto, inquietações próprias do ser humano. Os evangelhos canônicos expressam em diversos momentos a predileção do Mestre por Pedro e nos evangelhos apócrifos estudados não é diferente – Pedro é apresentado sempre como liderança sendo reconhecido nesses termos pelos demais discípulos.

Uma passagem bíblica que parece corroborar com essa preferência do apóstolo está no evangelho de Mateus nas palavras do Messias: “[...] Você é Pedro e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la.” (Mt 16,18). Pedro não é nomeado apenas como discípulo, seria o lastro sobre o qual Jesus construiria sua igreja, seria o executor do projeto delineado pelo seu Mestre.

Uma outra narrativa, **A multiplicação dos alimentos** (EBR 80.6), também nos apresenta essa predileção por Pedro. Diferente de outras narrativas, em que Jesus encontra-se apenas com São Pedro, nesta estão presentes os doze apóstolos. Todavia, é Pedro quem se destaca desde o início da narrativa, é a ele que Jesus se dirige para comunicar a iminência de uma trovoada: “– Pedro, vai chover muito! Vai cair uma tromba de água aí. Vai chover muito. Como é que nós pode passar essa chuva?”. O narrador, exaltando as qualidades do discípulo, expõe a estratégia por ele utilizada para resolver a situação:

Aí São Pedro muito inteligente, São Pedro chegou, pegou um pé de itapicuru, que tinha mais ou menos uns três quilômetros de artura, aí subiu no itapicuru. Chegou, olhou no fim do mundo, lá viu, como daqui no Quatorze, viu, uma fumacinha. Aí Pedro desceu. Ele disse:  
– Vambora, Jesus, vambora que nós vamo aqui no caminho. (EBR 80.6).

A solução encontrada pelo discípulo é aceita sem questionamentos, o que sugere a credibilidade dele perante o Mestre. E assim o grupo segue até o local indicado por ele.

---

<sup>13</sup> Segundo estudo de José Santana, em **São Pedro e Jesus na boca do povo**: contos folclóricos, São Pedro é citado 195 vezes no Novo Testamento, enquanto que todos os outros apóstolos juntos são mencionados 130 vezes.

O fato de ser São Pedro um personagem bíblico o torna peculiar, pois ele não fica circunscrito ao plano ficcional. Se pensarmos, por exemplo, todas as situações criadas a partir de sua função de chaveiro do céu, certamente o veremos como mais um dos tipos de malandro ou tolo, tão comum na cultura popular. Mas como compreender seu comparecimento nos benditos, incluindo aqueles que antecedem as excelências? Esse fato parece atestar o cunho de verdade atribuído à atividade do santo, pois, como mencionado no primeiro capítulo, os textos dessa natureza são compreendidos pelos contadores como pertencentes a um universo sagrado e, portanto, imbuídos de poder, sendo evocados quando o sujeito almeja estabelecer contato com a divindade. Em se tratando das orações durante o velório, acredita-se serem as mesmas facilitadoras da passagem da alma para o outro plano.

Em um **Bendito de São Pedro**<sup>14</sup>, recolhido pelos pesquisadores do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, cantado, segundo a informante, para “abrir para as excelências”, temos a confirmação do seu trabalho como chaveiro do céu:

Meu Senhor, São Pedro,  
Chaveiro do céu.  
Vós me abra as porta  
que eu não sou herege.

Vós me abra as porta,  
abra sem demora,  
que eu quero ir pro céu  
mais Nossa Senhora.

Vós me abra as porta,  
abra sem temor,  
que eu quero ir pro céu  
mais Nosso Senhor.

Vós me abra as porta,  
abra com alegria,  
que eu quero ir pro céu  
mais a Virgem Maria.

Vós me abra as porta,  
de manhã bem cedo,  
que eu quero ir pro céu  
mais Senhor São Pedro.

Rezo este bendito  
a São Pedro e digo:  
na vida e na morte  
será minha guia.

---

<sup>14</sup> Cantado por Antônia da Luz (Dona Tonha). Pontilhão de Canavieira- Jacobina-BA, 05.01.92. EBR 482.12.

Um outro fator a ser observado no texto é a presença do termo “herege”, condição que vetaria a entrada no céu. Essa afirmativa situa o sujeito como religioso e observador, certamente, de uma doutrina: a pregada pela Igreja Católica. Esse auto-reconhecimento funciona como um salvo-conduto, de modo que o pedido soa quase como uma ordem. Segue-se a isso uma série de expressões que ratificam e justificam a exigência. Assim, as portas deveriam ser abertas sem demora, pois o acompanha uma figura ilustre, Nossa Senhora. São Pedro não precisaria temer, pois estaria com ela Nosso Senhor. O desejo de ir para o céu, também expresso, é acrescido da certeza de que não há razões para tristezas, pois iria com a Virgem Maria. A confiança no santo é reforçada ao apresentá-lo no oferecimento do bendito como guia na vida e na morte.

A referência à hora em que as portas devem ser abertas – “manhã bem cedo” – torna-se significativa quando consideramos a forma como o pensamento é articulado nas culturas orais. A literatura oral fundamenta-se quase sempre em situações concretas. Partindo desse pressuposto, acredito ser possível pensar a formulação desse bendito em uma situação real, um velório noturno específico. Todavia, a entrada do bendito na tradição o descola dessa situação concreta e a sua forma em verso, somada a seu caráter sagrado, não permite alterações no texto, de modo a se manter a expressão, independente do horário em que ele é invocado.

**O Bendito de São Pedro** aqui apresentado nos coloca diante de uma questão muito interessante, que é a circulação de São Pedro em dois universos: um de cunho unicamente sagrado, como os benditos, as rezas, e um outro que poderíamos dizer mais profano e ficcional, caso dos contos e anedotas. É possível reconhecermos em ambos duas representações distintas do Santo: em se tratando do bendito, sua importância é tamanha que nem a entrada da alma em companhia de Nossa Senhora e de Nosso Senhor dispensa a sua autorização. Já no caso dos contos orais que trazem São Pedro exercendo a função de chaveiro do céu, como vimos no capítulo anterior, o que é evidenciado é sua inaptidão para o cargo e os esforços bem sucedidos de sujeitos que burlam sua vigilância ou até conseguem tomar-lhe o posto. Como podemos perceber, essa configuração extrapola a mensagem bíblica, que não nos fornece nem descrições do espaço celestial, nem essa definição de Pedro. Entra em cena, nas narrativas orais, o poder de ficcionalizar, alimentado pelo desejo do ser humano de materializar essa realidade ignorada, pertencente à esfera do mistério. Por outro lado, Pedro, logrado, torna-se cada vez mais humano e, portanto, mais acessível. Todavia não podemos esquecer o São Pedro astucioso que teria, usando de esperteza, tomado o posto de

São Miguel. Entra em cena um São Pedro malandro e decidido cuja astúcia consegue vencer Nosso Senhor e lhe garante o posto de chaveiro do céu.

As narrativas ambientadas no céu têm sempre São Pedro como protagonista, mesmo quando este é apresentado em situações de desvantagem, sendo logrado pelos homens que, usando de esperteza, acabam entrando sem sua permissão ou, até, como ele fez com São Miguel, roubam-lhe o posto de porteiro. Jesus, nesses casos, não se manifesta; mantém-se numa postura de superioridade e, algumas vezes, nem é citado – o cenário é todo para as trapalhadas de São Pedro. Esse apagamento da figura do Messias nos permite inferir ser o motivo nuclear das narrativas desse tipo a função do santo como chaveiro do céu.

Grande parte das narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus, porém, retrata as aventuras vividas por São Pedro em companhia de Jesus na terra. Um outro motivo comum aos textos canônicos e às narrativas orais, referenciado por todos os evangelistas, inclui visitas a doentes, curas e pregações. Nessas narrativas, os acontecimentos desenvolvem-se em um ambiente concreto. Todavia, essa lógica realista é quebrada pela presença do milagre em alguns textos, nos quais o sagrado e o profano dialogam.

Em se tratando dos textos orais do *corpus* analisado, temos o mesmo motivo, só que com algumas alterações: os viajantes, por exemplo, são reduzidos a dois, São Pedro e Jesus, quando não apenas a um deles, sendo mais comum aparecerem juntos. Temos, pois, a exclusão dos onze apóstolos. Nas narrativas ambientadas na terra, São Pedro oscila entre protagonista e coadjuvante, aparecendo poucas vezes sozinho e quase nunca tomando iniciativas. Quanto a Jesus, assume muitas vezes o papel de personagem principal, relegando ao discípulo um lugar secundário. Dessa forma, é comum na mesma narrativa, contada por informantes diferentes, o aparecimento ou não do discípulo, que em muitas aparece apenas como companhia ou realizando as tarefas que lhe são delegadas pelo Mestre. Teríamos ainda algumas narrativas em que São Pedro aparece sozinho, apresentando-se, nestas, mais arteiro.

Devido à presença de personagens tão ilustres, as narrativas de São Pedro e Jesus apresentam uma peculiaridade em relação às demais narrativas ficcionais que circulam na oralidade, pois, embora os contadores insistam em pontuar o caráter ficcional dessas histórias, afirmando serem criações do povo, acreditam na existência de um tempo em que Jesus e São Pedro andaram pelo mundo. D. Petronilha<sup>15</sup>, contadora de um dos textos aqui analisados, no intervalo entre duas histórias de São Pedro faz um comentário muito significativo a esse respeito: “É muitas coisa, quando Jesus andava no mundo, muita coisa se passava. Jesus

---

<sup>15</sup> Priscila Petronilha de Jesus, natural de Mairi-BA, 79 anos. Serrolândia. 07.01.92.

Cristo mais São Pedro. Foi num tempo..., um tempo santo e bom”. É interessante pontuar ser essa fala um discurso do contador, ou seja, do sujeito da enunciação. Sendo, portanto, seu testemunho da verdade narrada, suas palavras denotariam a crença na existência dessas figuras e de sua passagem na terra, tempo recordado como sacro.

Essa crença na existência de um tempo em que Cristo andou pelo mundo em companhia de São Pedro redimensiona o caráter ficcional desses textos. Embora os contadores não considerem os fatos decorrentes dessa viagem como acontecidos em sua totalidade, e em muitos deles o cunho exemplar e doutrinário ceda espaço para as malandragens de São Pedro e de Jesus, eles nos colocam em contato com a forma como essas pessoas vivenciam suas experiências religiosas e as elaboram em seus discursos. Assim, no processo de construção de tais textos, as situações apresentadas tendem a estar em conexão com o universo das comunidades nas quais os textos são produzidos e coletados.

Conseqüentemente, a construção narrativa e a configuração dos personagens dependerão, em parte, do repertório do contador e de sua imaginação, mas, sobretudo, da censura individual e coletiva do texto. Durante a pesquisa, percebi a recriminação de algumas esposas em relação às histórias de São Pedro contadas pelo marido, consideradas bobagens que não deveriam ser pronunciadas. Observando os cento e quinze textos desse ciclo que compõem o acervo do PEPLP, pude constatar serem as narrativas contadas por mulheres geralmente as de cunho mais exemplar e religioso. Nestas, a imagem de São Pedro tende a ser mais reservada, ao passo que os homens costumam inclinar-se em suas construções para o aspecto humorístico, apresentando um São Pedro mais jocoso e malandro.

O conto facecioso, enquanto gênero da literatura oral é marcado pela presença de um herói, quase sempre andarilho que se destaca pela esperteza. Mapeando os protagonistas dos ciclos em questão temos Malasartes, um malandro solitário cujas ações, em suas andanças pelo mundo, aparentemente não são dotadas de nenhum objetivo específico, pois ele vai atuando conforme as situações sem se preocupar com princípios morais. Desafiando o risco de incorrer em generalizações, podemos dizer ser esse herói movido, quase sempre, por uma lógica particular apoiada na lei de talião “olho por olho dente por dente”: mobiliza-o a vantagem ou a vingança, quando não apenas o prazer do jogo.

No ciclo de São Pedro temos dois andarilhos Jesus e São Pedro, nos quais se mesclam o humano e o divino, sendo um o “Santo homem” e o outro, o Messias, filho de Deus, mas que também nos é apresentado pela tradição religiosa como homem. Esses personagens, diferente de Malasartes, são movidos geralmente por princípios marcadamente cristãos, mesmo quando entra em cena a malandragem. O elemento religioso interdita algumas ações e

dita um outro modelo de comportamento para os personagens. Dessa maneira, nem tudo é permitido, ainda que se trate de São Pedro. É importante frisar serem as representações de Pedro variáveis nas narrativas, estando sempre atreladas à presença ou à ausência de Jesus. Se este aparece, é nele que se mantém o foco narrativo e São Pedro torna-se um personagem secundário. Em alguns episódios, Pedro aparece apenas na introdução, quando o narrador anuncia estar Jesus em companhia do discípulo; noutros casos, suas aparições são mais significativas, mas sempre num segundo plano, limitando-se quase sempre a obedecer ao Mestre. É apenas quando a narrativa traz à cena somente Pedro que este aparece no comando das situações.

Uma outra questão a discutir nesse universo da facécia é quem, entre os dois personagens, é o trapaceiro da história, posto ser a existência desse tipo necessária para a inserção dos textos nesse gênero narrativo. Algumas questões retornam: os dois seriam artistas da malandragem? Os contadores respondem que não, apenas um: São Pedro. Mas pobre de São Pedro! É logrado na terra e no céu, pelos homens e pelo Mestre e suas tentativas de malandragens são sempre frustradas. Então seria Jesus? Como o grande Mestre seria um malandro? Para completar a confusão, São Pedro ainda é confundido no imaginário popular com Pedro Malasartes e Bocais (por/de Bocage), sendo essas as únicas ocasiões em que se mostra realmente esperto.

Diante de tantos papéis, Pedro é apresentado como um personagem bastante complexo, para o qual seria impossível traçar um perfil apenas. As marcas de sua personalidade transitam na oralidade e na escrita, sem, contudo permanecerem estanques. Uma das mais ressaltadas em ambos os registros é a sua disponibilidade para com Jesus e seu projeto, notável nos evangelhos apócrifos e canônicos, desde o momento em que, sem vacilar, aceita o convite para segui-lo, até a ação evangelizadora empreendida por ele depois da morte de Jesus. Essa doação de Pedro é talvez a marca mais expressiva das narrativas orais, pois, mesmo quando discorda das atitudes de Jesus, nunca o desobedece, como é explicitado na narrativa **São Pedro e Jesus: a recuperação do preguiçoso** (EBR 479.2), quando Jesus, ao avistar um homem sentado numa pedra dentro do rio, manda Pedro ir lhe dar água; a ordem parece sem nexos e o discípulo replica: “– Mas Senhor não tem juízo não? O homem dentro d’água, Senhor, sentado em cima da pedra e tá com sede?” Mas Jesus insiste e Pedro, como sempre, acaba obedecendo.

Uma outra característica do apóstolo é ser um homem de pouca fé e medroso em alguns momentos de sua trajetória. Nos evangelhos canônicos, uma das vacilações mais significativas de Pedro acontece quando, vendo Jesus caminhando sobre o mar, pede-lhe para

ordenar sua ida, também andando sobre as águas, até o Mestre. Jesus o chama e ele desce da barca e começa a andar, mas o medo o domina e, quando principia a afundar, grita: “– Senhor, salva-me.” (Mt 14,30). Jesus o segura pela mão e diz: “– Homem fraco na fé, por que você duvidou?” (Mt 14,31). É também o medo que faz Pedro negar três vezes sua condição de discípulo, quando Jesus foi preso (Jo 15-18). Todavia em outras situações, quando assume a liderança dos apóstolos, por exemplo, é notabilizado pela coragem com que pregava a doutrina cristã.

Nos evangelhos apócrifos, segundo estudo de Jacir de Freitas Faria, também se tem o registro dos medos de Pedro em vários momentos de sua vida. O autor traz como exemplo um fragmento do apócrifo *As redes do demônio*, no qual Jesus, dirigindo-se a Pedro lhe diz: “– Pedro, é justamente aquilo que eu te disse: Eis que Satanás vos quer peneirar como trigo. Eu roguei por ti, para que não desfaleça a tua fé.”(FARIA, 2004, p.118). A passagem nos dá a entender ter Jesus receio que o discípulo fraquejasse, razão pela qual teria rogado por ele. É interessante também perceber como Jesus se mostra preocupado com a dimensão da fé de Pedro.

Nas narrativas orais, o medo e a falta de fé de Pedro também aparecem. Em uma versão de **O homem que virou cavalo** (EBR 444.2), por exemplo, quando Jesus transforma em cavalo um ladrão que estava de tocaia para roubá-los e pede a Pedro para ir prendê-lo, o discípulo se mostra temeroso e, estando o homem fora de seu campo de visão, recua: “– Mas, mas Senhor, mas... pelo amor de Deus Senhor, como é que eu vou pegar esse cavalo agora de noite?” Mas, embora se acovarde, obedece sempre e, neste caso, acaba por prender o animal.

Como exposto no capítulo anterior, Jesus e Pedro também têm protagonizado alguns cordéis. Comparando o texto impresso com as narrativas orais é perceptível ser o aspecto religioso mais acentuado no cordel, no qual a seriedade do narrador atenua o tom humorístico do texto. No cordel *Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão* (FILHO, 1977, p. 305), por exemplo, as 10 primeiras estrofes são considerações acerca da missão de Jesus Cristo, seu sacrifício em prol da humanidade e a fraqueza do homem, bem como sua situação de pecador. É destacada também a importância dos exemplos deixados por Cristo e apresenta-se a figura de São Pedro como aquele que, sem entender os exemplos, reclama explicações imediatas para o que presencia.

O caráter exemplar desse folheto é seguido também pelo cordel de Manoel D’Almeida Filho. Todavia, nesse, apenas as duas primeiras estrofes ocupam-se em exaltar a figura de Cristo e demonstrar a importância de se conhecer os exemplos por ele deixados. Mas os

gracejos, tão numerosos nas narrativas orais, tornam-se escassos, e, em alguns momentos, a fala de Jesus chega a se aproximar da linguagem bíblica:

“Ó homem de pouca fé”  
 Por que és tão fraco assim?  
 Estás tão desanimado  
 Que não tens fé nem em mim?  
 (FILHO, 1977, p. 305).

No entanto, embora o cunho exemplar seja mais expressivo que o cômico, a figura do apóstolo mantém-se na mesma esteira dos contos orais, em que ele aparece em companhia de Jesus. No cordel *Jesus Cristo, São Pedro e o ladrão*, Pedro também é descrito como medroso e homem de pouca fé. O texto em verso do cordel se desenrola com algumas variações, em relação às narrativas orais que trazem esse motivo, mas mantém a mesma seqüência narrativa. A história se passa inicialmente nas proximidades da casa de um assaltante que tinha hospedado os dois andarilhos. Ao acordar pela manhã na casa do bandido, Jesus, informado de sua ausência, conhecedor do mau hábito do anfitrião e ciente do que estava por acontecer, vai ao seu encontro. São Pedro, ao avistar o homem armado, alerta Jesus mostrando todo o seu pavor:

Para a frente eu não vou mais  
 Pelo que lá estou vendo  
 Já sinto o sangue fugindo  
 E o coração morrendo  
 A vista ficando escura  
 E todo corpo tremendo.  
 (FILHO, 1977, p. 306).

Pedro é mais uma vez representado como um grande medroso, e os sinais de sua fraqueza acabam por igualá-lo ao homem comum. Afinal, quando somos acometidos de grande pavor, o normal é sentirmos o fugir do sangue, o coração desfalecendo, a vista turvando e um tremor no corpo inteiro. Desnudado de sua santidade, São Pedro torna-se um de nós, assim como no episódio no mar, em que Jesus lhe ordena andar sobre as águas. Aqui também há uma tentativa de encorajamento seguida de uma indagação sobre sua fé:

Jesus disse: vamos, Pedro,  
 Deixa de tanto pavor  
 Lá estou vendo um cavalo  
 E não um salteador  
 Me diz onde está a fé  
 Que tens em seu Criador?

(FILHO, 1977, p. 306)

Mas, diante do suposto perigo, seu desespero é tamanho que nem a presença e as palavras de Jesus o deixam mais seguro:

São Pedro disse: é verdade  
A fé vale em toda parte  
Porém um ladrão daquele  
Atira com muita arte  
A fé não livra ninguém  
Da boca dum bacamarte

(FILHO, 1977, p. 306)

A fé de Pedro nos é apresentada no cordel com muitas restrições e como sendo de validade suspeita – não é suficiente para livrá-lo das artimanhas e da mira certa do bandido. Por isso, mesmo quando Jesus lhe assegura se tratar de um cavalo e não de um homem, ele não se encoraja, e só continua a viagem porque é arrastado por Jesus. Instala-se nesse momento a comicidade da narrativa. Não há como sufocar o riso diante de algo tão inusitado: um santo cheio de pavor mesmo em companhia do Mestre.

Uma hipótese acerca dessa representação do Santo nessas construções narrativas é que ela corresponderia a uma forma de interpretação da negação de Pedro na noite em que Jesus foi preso, pois, enfatizando o lado humano de São Pedro, acaba-se por justificar sua fraqueza. Uma outra explicação seria o caráter impulsivo e imediatista de Pedro, registrado nos evangelhos canônicos e nos apócrifos, nas narrativas orais e nos cordéis. Na acepção de Ítalo Calvino:

A tradição popular faz de Pedro um homem preguiçoso, guloso, mentiroso, que opõe continuamente sua lógica elementar à fé pregada pelo Senhor e que os milagres misericordiosos do Senhor fazem sempre ficar com cara de tacho. Pedro, nessa espécie de evangelho do vulgo, é o humano contraposto ao divino. (CALVINO, 1992, p. 431).

Visto por esse prisma, Pedro seria aquele que nunca entende os desígnios do Mestre e que, em vista disso, questiona suas atitudes e se acovarda diante das situações perigosas. Tomando como referencial os textos analisados, penso ser essa conclusão um pouco redutora, pois outras características do apóstolo de Cristo parecem alimentar essas narrativas, como sua franqueza, sua praticidade diante das situações e seu amor incondicional ao Mestre. Afinal, mesmo atemorizado, Pedro o obedece sempre e não se nega a acompanhar Jesus, ainda que a empreitada lhe pareça perigosa. Pedro seria o elo entre o humano e o divino, um personagem

a quem se recorre para explicar a doutrina Cristã. Tarefa que, segundo os evangelhos, lhe teria sido delegada pelo próprio Cristo.

No *Dicionário do folclore brasileiro* (1969), Luís da Câmara Cascudo também apresenta o discípulo como um herói malandro e astucioso; todavia, atribui tais características a uma interpretação popular do Novo Testamento, de forma que, no verbete “Pedro”, encontramos a seguinte definição:

PEDRO - São Pedro, discípulo, santo chaveiro, primeiro papa, festejado a 29 de junho, juntamente com São Paulo, aparece nas estórias populares como personagem astuto, finório, espécie de Pedro Malasartes, com maior dignidade, mas desenvoltura idêntica. De sua simplicidade e boa fé, espontânea credulidade, visíveis no Novo Testamento, o povo o tornou uma expressão curiosa, que ora se liberta de circunstâncias aflitivas ou difíceis com imperturbável sangue-frio, ou resolve essas situações com processos não muito ortodoxos, mas perdoados pela indulgência de Jesus Cristo seu companheiro nas jornadas. (CASCUDO, 1969, p.701).

A existência de um verbete intitulado “Pedro” no dicionário de Câmara Cascudo ratifica a notoriedade do Santo no imaginário popular. Por isso são tão comuns os festejos em sua homenagem, sua adoção como padroeiro ou mesmo como personagem de narrativas que circulam ainda hoje. Cascudo, em sua definição, tal como os contadores e cordelistas, mescla informações bíblicas do apóstolo com as de natureza ficcional, que o aproximam de Pedro Malasartes, sendo apenas mais digno que este – resquício provável de sua santidade. Cascudo, na descrição feita de São Pedro, sinaliza para o diálogo que a tradição oral estabelece com os textos bíblicos, sem, contudo, considerar tal processo como mera apropriação dos mesmos. Podemos afirmar, mediante as análises feitas, que se trata de uma reformulação, de uma inserção dessas histórias nas experiências diárias das pessoas que as narram. O São Pedro das narrativas orais e impressas aqui analisadas não é o mesmo dos evangelhos canônicos, nem apócrifos, mas é o São Pedro personagem bíblico captado, entendido e misturado à vida de pessoas das classes populares e recriado por elas. Dessa forma, os episódios narrados não são deturpações de trechos bíblicos, mas o mote para criação ficcional.

A referência a Pedro Malasartes, ou melhor, a associação feita na representação desses dois personagens-tipo das narrativas orais é também notória nos textos analisados. Entretanto, nem sempre se trata de confusões dos contadores e, quando são, deve-se considerar que isso só ocorre porque a configuração de São Pedro no imaginário popular sustenta essas permutas.

## (IN)CONCLUSÕES

Gostaria de salientar que este trabalho sobre as narrativas do ciclo de São Pedro e Jesus é apenas o início de uma pesquisa a que pretendo dar continuidade no Doutorado. Assim, mais do que respostas, ele apresenta questões que pretendo retomar para ampliar, tendo em vista que a ausência de estudos sobre esse assunto – portanto, um campo a ser desbravado, sem muitos aparatos teóricos existentes –, exige uma pesquisa mais extensiva e aprofundada, impossível no limitado tempo do Mestrado.

Sinalizarei alguns pontos instigantes observados durante a realização do presente trabalho: o primeiro deles é a questão da cultura popular e a importância de debruçarmos sobre ela um novo olhar que considere as várias forças mobilizadas em sua contínua constituição e as suas diversas facetas. Percebemos a diversidade de suas manifestações e a impossibilidade de tratá-las como um construto homogêneo. Assim, a literatura oral é diferente do artesanato, que por sua vez também é diferente das danças e folguedos, da culinária e assim sucessivamente, diferenças perceptíveis no âmbito da produção e recepção.

É lançando mão dessa diversidade que as classes populares têm posto em cena essa cultura e, negociando seus bens simbólicos com outras classes, têm afirmado seus valores e demarcado territórios. Nesse entendimento do popular, importa-nos entender, mais que o resultado, o processo pelo qual tais símbolos culturais têm sido apresentados e incorporados ou descartados nas representações sociais. Assumindo essa perspectiva, percebemos, por exemplo, que as práticas culturais estão sendo sempre reinventadas por seus agentes e que esse trânsito, além de inevitável, é imprescindível para a sua funcionalidade.

A forma como as classes populares experienciam o fenômeno religioso tem sido um campo de investigação de várias áreas de saber. Quando me propus a estudar o assunto, foi mobilizada pelo desejo de compreender a dita religiosidade popular, especificamente a nordestina. A leitura das narrativas orais do ciclo de São Pedro e Jesus e os cordéis que constituíram o *corpus* do presente trabalho fizeram-me perceber que as experiências religiosas são mais individuais que coletivas. Assim, cada texto pertencente à tradição traz um pouco da crença de quem conta ou do que ele almeja que se acredite como sua crença. Pois optar por uma narrativa ou outra, uma representação de Jesus e de Pedro em detrimento de outra, já se configura uma forma de expressão de religiosidade. Apresentar São Pedro ou Jesus mais malandro ou mais sério, condenar ou elogiar certos comportamentos resultam de uma escolha de quem conta.

Pudemos notar também que a literatura oral não escapa à dinâmica dos intercâmbios; assim, independente da temática, as narrativas estão sempre sendo modificadas a cada *performance*, de forma que elementos do cotidiano dos contadores são incorporados, enquanto outros são suprimidos ou transformados. Analisando textos do ciclo de São Pedro e Jesus, percebi que mesmo mantendo entre si semelhanças estruturais e versando sobre uma temática comum, cada texto apresenta diferenças que o tornam único, seja pelas alterações no engendramento narrativo, seja na forma como cada contador compreende e articula a temática religiosa a ser veiculada. Por sua vez são essas diferenças que devem ser consideradas na classificação das narrativas do ciclo em questão.

Por versar sobre aspectos religiosos, as narrativas em questão têm sido consideradas pelos estudiosos apenas como contos religiosos. O que tentei demonstrar ao longo deste trabalho é que essa classificação não dá conta da complexidade das mesmas. Além dos elementos arrolados acima, aponto também nestas narrativas, como gerador desse abalo classificatório, o humor que se faz presente em recriações de episódios bíblicos protagonizados por Jesus e nas representações de São Pedro. Mesclando riso e exemplo, contadores vão repassando os preceitos morais, as normas de conduta e da boa vivência para o grupo. Tal técnica, certamente, vem de muito tempo, mas o número de textos registrado pelo PEPLP, bem como a recorrência dos mesmos nas últimas pesquisas, indicam sua funcionalidade ainda em nossos dias.

Dessa forma, não podemos alocar no mesmo bloco as narrativas sobre São Pedro em que sua função é de chaveiro do céu e aquelas em que aparece em companhia de Jesus na terra. Também não podemos juntar estas àquelas em que ele aparece sozinho ou com outros companheiros fazendo estripulias na terra. Como chaveiro do céu, é ele o protagonista e, mesmo quando é logrado, continua a conduzir a narrativa – é a partir dele que as seqüências narrativas são engendradas. Nestas imperam o tom humorístico provocador do riso e São Pedro, oscilando entre bobo e malandro, adentra na cadeia de tipos da oralidade: João Bobo, Pedro Malasartes, Bocage. Todavia, há de se considerar resquícios de sacralidade nesses textos, bem como notificar um motivo bíblico: São Pedro dono das chaves do céu; mas este é apenas o mote; o enredo é resultado da criatividade popular.

Em viagens na terra com o Mestre, São Pedro torna-se coadjuvante e as narrativas são centradas em Jesus. O santo assume seu posto de aprendiz e limita-se a executar as tarefas que lhe são atribuídas. Entretanto, não passa despercebido nas situações narradas, seja pelos questionamentos feitos ao Mestre, pelos queixumes, pela sua fé debilitada, por seus medos, pela dificuldade em entender as ações de Jesus, pelas tentativas mal sucedidas de esperteza ou

pelos castigos que lhe são aplicados, a limitação da sua condição humana. Humanizado, São Pedro comparece quase sempre nessas narrativas entre risos do contador e da platéia, o que acontece, às vezes, com o pronunciamento apenas do seu nome. Um ponto a ser destacado é que os contadores costumam apontá-lo como o malandro, mesmo quando é Jesus quem usa de artimanhas para alcançar seus objetivos, o que parece ser justificado com o adágio: “os fins justificam os meios”, pois o que mobiliza as ações de Jesus é a melhoria do indivíduo. Certamente é o pudor religioso que guia o enredo. Predomina nessas narrativas o cunho exemplar, seja dirigido a Pedro ou a pessoas comuns encontradas durante a caminhada. Seguindo estes textos o modelo estrutural dos contos de exemplo: os indivíduos são separados entre bons e maus e conseqüentemente recompensados ou punidos por suas ações. Condena-se a preguiça, a mesquinhez, a usura, o jogo, o roubo, ao passo que se incentiva a bondade e o trabalho.

Tanto nos textos orais, quanto nos cordéis analisados, o tratamento dispensado ao santo é sem muita reverência, e as características que lhe são atribuídas não comprovam uma filiação direta às suas descrições bíblicas. As análises demonstraram que, mesmo quando o núcleo temático das narrativas impressas e orais faz alusão ao material bíblico, seja no concernente ao tema ou à elaboração frasal da sua organização, inclusive com encaixes de motivos advindos de outras matrizes, transcende-se esse referencial único.

Um terceiro grupo de narrativas, menos numeroso, mas bastante representativo, compreende as narrativas que trazem apenas São Pedro a fazer estripulias, zombando dos ricos, enganando e tirando vantagem das situações. Nestas circunstâncias torna-se protagonista de cenas que podem ser vividas tanto por ele como por Pedro Malasartes ou Bocage, não havendo nada de religiosidade, nem respeito ao politicamente correto. Prevalece a lei de talião “Olho por olho, dente por dente”; a vingança, assim como a preguiça e as ciladas, aí são permitidas; sem dúvida, são estes contos faceciosos. Diante de tantas diferenças, pertenceriam essas narrativas ao ciclo de São Pedro e Jesus?

Deixemos a questão em aberto; por ora penso ser possível afirmar que esse deslocamento só ocorre porque a forma como São Pedro é percebido pelo povo sustenta essa representação. Assim, além de possuírem em comum o nome Pedro, São Pedro e Pedro Malasartes possuem traços de personalidade que se confundem no imaginário popular. Determinar de onde foi traçado esse perfil de São Pedro é impossível. Pode-se abordar o problema relacionando as narrativas orais com os evangelhos canônicos ou os escritos apócrifos; é possível também relacioná-las com uma tradição oral radicada antes do texto escrito que nos chegou via oralidade. Contudo, deve-se considerar o trânsito de todas essas

possibilidades, somada a parcela da criatividade popular que mescla a figura do santo com a de outros personagens.

Como pudemos constatar, os textos orais são atravessados por diferentes modos discursivos, dinamizados pelos contadores de histórias nas suas construções fabulares no momento da *performance*. A literatura escrita, a literatura de cordel e a literatura oral se cruzam não sem tensão, nesses processos. Certamente nesse trânsito as mudanças não são da mesma ordem, de modo que podemos percebê-las tanto no nível da estrutura, quanto na inserção de motivos, no enredamento da narrativa ou mesmo na configuração dos personagens.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Sainte Bible, edição de 1973, publicada sob a direção da “École Biblique de Jerusalém”. São Paulo: Paulus. 1985.

AARNE, Antti; THOMPSON, Stith. **The Types of the folktale**. Helsinki: Academia Scientiarum, Fennica, 1981.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier. **A escritura e a voz**. Salvador: EGBA/Fundação das Artes, 1990.

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. **As belas baianas: O feminino no conto popular**. 1997. 160 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier; ALBÁN, Maria del Rosario Suárez, (Coord.) **Contos populares brasileiros: Bahia**. Recife: FJN, Massagana, 2001.

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier; ALBÁN, Maria del Rosario Suárez, (Coord.) **Vozes do ouro: a tradição oral em Jacobina**. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, 2004.

AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARÊDA, Francisco Sales. Jesus, São Pedro e o ferreiro da maldição. **Jangadabrasil**. Ano VI, Junho 2004. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/revista/junho67/cn67006b.asp>>. Acesso em 11/08/05.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade**. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1999.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Fábulas italianas**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem** (caracterização das *Memórias de um sargento de Milícias*). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n.8, São Paulo, EDUSP, 1975.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, [1969?].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Ediouro 1946.

COSTA, Edil Silva. **Comunicação sem reservas: ensaios de malandragem e preguiça.** 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Jacir de Freitas. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas.** São Paulo: Hucitec, 1979.

FERREIRA, Jerusa Pires. “Quero que vá tudo pro inferno” Cultura popular e indústria cultural. **Revista Comunicação e Sociedade**, n.13, São Bernardo do Campo-SP, Edições Liberdade, CNPq, IMS, p. 5-13, jul. 1985.

FILHO, Manoel D’Almeida. Jesus Cristo São Pedro e o destino da humanidade. In: BORGES, Neuma Fachine e outros. **Antologia da Literatura de Cordel: folhetos premiados no “Concurso de Poetas Populares Nordestinos”.** João Pessoa: Universitária/UFPb/SEC-PB, 1986. p. 65-83.

FILHO, Manoel D’Almeida. Jesus Cristo São Pedro e o ladrão. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel.** Fundação José Augusto, 1977. p. 302-307.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Manoel Barros de Motta (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GOTO, Roberto. **Malandragem revisitada: uma leitura ideológica de “Dialética da malandragem”.** Campinas- SP: Pontes, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais.** Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEMAIRE, Ria. Passado-presente e passado-perdido: transitar entre oralidade e escrita. In: Revista **Literatura d'América.** Itália: Facoltà di Scienze Umanistiche dell'Università di Roma p.83-121, 2000.

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais: uma poética da vida social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATOS, Edilene Dias. **O imaginário na literatura popular em verso.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: CEJUP, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas-SP: Papirus, 1995.

GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do sagrado.** Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2003.

MOSCONI, Mosconi. **Vangelo di Gesù Cristo secondo Luca.** Tradução de Giorgio Borghi. Bologna: Editrice Missionaria Italiana, 1998.

NASCIMENTO, Bráulio do. **Catálogo do conto popular brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; IBECC; UNESCO, 2005.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

PROP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardi e Homero Freitas Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SANT'ANNA, José. **São Pedro e Jesus na boca do povo: contos folclóricos**. Olímpia-SP: 1998.

SCHOLES, Robert; KELLOG, Robert. **A natureza da narrativa**. Recife: McGraw-Hill, 1977.

SILVA, Admari Cajado da. **Parece até piada: um estudo das narrativas orais humorísticas em Salvador**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

SIMONSEN, Michele. **O conto popular**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUASSUNA, Ariano. Ariano Suassuna: uma dramaturgia da impureza, da mistura. **Vintém**, n. 02 - maio/junho/julho 1998. Disponível em: <[www.wooz.org.br/entrevistasuassuna.htm](http://www.wooz.org.br/entrevistasuassuna.htm)>. Acesso em: 23 mar. 2006. Entrevista concedida a Márcio Marciano e Sérgio de Carvalho.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: UNICAMP, 2001.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares:** estórias de Nosso Senhor e mais São Pedro andando pelo mundo. São Paulo: EDUSP, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a “literatura” medieval. Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

## ANEXOS

**MOTIVOS ENCONTRADOS NAS NARRATIVAS DE SÃO PEDRO E JESUS NO ACERVO DO PEPLP**

<b>MOTIVOS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>A hospitalidade</b>	<b>24</b>
<b>Malandragens de São Pedro</b>	<b>22</b>
<b>A recuperação do malfeitor</b>	<b>12</b>
<b>Fazer o bem sem olhar a quem</b>	<b>12</b>
<b>A recuperação do preguiçoso</b>	<b>08</b>
<b>Só Jesus faz milagres</b>	<b>08</b>
<b>São Pedro chaveiro do céu</b>	<b>07</b>
<b>Contos Etiológicos</b>	<b>06</b>
<b>Jesus conhece nosso coração</b>	<b>04</b>
<b>As contas de Jesus e as posses de São Pedro</b>	<b>03</b>
<b>Tudo que Jesus faz é bem feito</b>	<b>03</b>
<b>São Pedro e o falso</b>	<b>03</b>
<b>Tudo tem sua hora</b>	<b>02</b>
<b>A cura de Jesus</b>	<b>01</b>
<b>A ressurreição</b>	<b>01</b>
<b>Jesus e José numa pousada</b>	<b>01</b>
<b>O feitiço</b>	<b>01</b>

## Índice dos textos

<b>O HOMEM QUE VIROU BURRO – EBR 78.6</b> .....	117
<b>O JULGAMENTO DAS ALMAS – EBR 78.13</b> .....	121
<b>QUANDO SÃO PEDRO E NOSSO SENHOR ANDOU NO MUNDO – EBR 730.15</b> .....	123
<b>SÃO PEDRO E JESUS EM VIAGEM: O fígado do carneiro – EBR 480.1</b> .....	125
<b>O MESTRE DOS MESTRES – EBR 227.2</b> .....	126
<b>O PECADOR QUE NÃO ENTROU NO INFERNO POR FALTA DE PAGAMENTO – EBR 522.5</b> .....	128
<b>SÃO PEDRO E JESUS: a recuperação do preguiçoso – EBR 479.2</b> .....	129
<b>SÃO PEDRO E JESUS: o jogo de cartas – EBR 523.1</b> .....	131
<b>O HOMEM QUE PLANTAVA LEGUMES E O QUE PLANTAVA PEDRA – EBR 479.1</b> .....	132
<b>HISTÓRIA DE SÃO PEDRO E SÃO MIGUEL – CCO 52.3</b> .....	134
<b>O HOMEM QUE VIROU CAVALO – EBR 444.2</b> .....	135
<b>SÃO PEDRO E JESUS PELO MUNDO: o jogo de cartas – CCO 98.6</b> .....	137
<b>QUANDO SÃO PEDRO E O SENHOR ANDAVAM PELO MUNDO – EBR 172.6</b> .....	138
<b>SÃO PEDRO E JESUS: O MESTRE DOS MESTRES – CCO 18.2</b> .....	139
<b>SÃO PEDRO E JESUS PELO MUNDO – CCO 18.1</b> .....	142
<b>SÃO PEDRO LOGRA O REIS – EBR 521.9</b> .....	145
<b>SÃO PEDRO, JESUS E O PREGUIÇOSO – EBR 592.2</b> .....	148
<b>JESUS NO MUNDO COM SÃO PEDRO: o rico ingrato – EBR 462.9</b> .....	150
<b>SÃO PEDRO, JESUS E O BÊBADO – CCO 30.1</b> .....	153
<b>O CASO DAS LAVADEIRAS DE ROUPA – CCO 30.2</b> .....	154
<b>JESUS PELO MUNDO – EBR 315.2</b> .....	156
<b>SÃO PEDRO TROCA FEZES POR UMA BOIADA – EBR 172.7</b> .....	160
<b>JESUS E O HOMEM BOM – EBR 174.2</b> .....	162
<b>A MULTIPLICAÇÃO DOS ALIMENTOS – EBR 80.6</b> .....	163
<b>JESUS, SÃO PEDRO E O JOGADOR – CCO 49.6</b> .....	166
<b>SÃO PEDRO E JESUS – CCO 70.5</b> .....	168
<b>QUANDO JESUS ANDAVA PELO MUNDO MAIS SÃO PEDRO – EBR 288.1</b> .....	173

## O HOMEM QUE VIROU BURRO – EBR 78.6<sup>16</sup>

São Pedro saiu pelo mundo mais Nosso Senhor. Saiu pelo mundo. Todo roído, com a perna toda ferida. Com a perna toda ferida, andou pelo mundo todo. Vai aqui, vai acolá, vai aqui, vai acolá; pediu um rancho num lugar. Um dava, outro dava. Quando chegou na fazenda de um rico:

– Não. Aqui não tem apoio não. Pode ir-se embora, aqui não quero ver.

E saiu. Quando chegou adiante, na casa de um pobrezinho, pediu um rancho à mulé. O marido não tava. A mulé disse:

– Meu marido não tá aqui!

– A casa aqui é pequenina, não cabe todo mundo.

Mas deu o rancho. Mas na saída, antes de chegar, Nosso Senhor disse:

– Ô Pedro! Pega esse saco aí e encha de pedra.

– Mas pra que essa pedra, Meu Senhor?

– Pegue, Pedro! Não tou mandando?!

O que eu mandar, tudo o que eu mandar, você faça. Aí pegou, encheu da pedra, travessou no ombro. Travessou no ombro. Quando chegou na casa da mulher, pediu rancho, a mulher deu. Aí comeu tudo. Aí, quando foi, chegou o marido.

– Fulano, chegou um velhinho aqui mais outro rapaz aqui, me pediu rancho. Vou dar pra dormir.

Ele:

– É, você já deu, que vamo fazer? Então já tá dado.

Aí ele:

– Ói, meu senhor. Meus amigo, aqui não tem nada o que comer. Na barrica não tem nada, nem farinha. Não tem nada. Meus filho tá tudo com fome. Comprei ontem um litro de farinha ontem e terminou. Tudo com fome.

– É. Não tem nada não. Pegue água aí. Ele vai na barrica que tem farinha.

Ele:

– Não tem.

– Mas eu vou.

Quando chegou, tava cheio de farinha. Ele:

– Oh!

Farinha, comeram, não sei quem não comeu. Dormiu.

---

<sup>16</sup> Contado por João Pereira Novaes, 50 anos, natural de Pedra da Canoa-BA. Bonfim de Feira, 02.12.89

Não tem água.

Ele:

– Vai no purrão que tem água.

O cara foi, pegou água. Mas o saco que São Pedro tinha levado.

– Ô, Senhor, São Pedro! Tira esse saco, bota pra cá.

Pedro chegou lá, tirou, pegou o saco de pedra e botou lá. E o cara:

– Puxa vida! É cheio de dinheiro, cheio de prata.

CIRC: Viajou, cheio de dinheiro.

Viajando cheio de prata, mulé. Aí dormiu. Quando chegou de ... meia-noite, o cara pegou o ... o dono da casa pegou a espingarda e saiu devagarzinho pra ir roubar o saco, né? Quando o cara ia pra pegar o saco, Nosso Senhor.

– Mas rapaz, tá cheio de purga!

Batia de um lado, voltava.

CIRC: /RISOS/

Continuou não sei quantas vezes. Ele ainda lá, cheio de purga. Ele:

– Não tem nada não, mulé.

Chegou de manhã cedinho, carregou a espingarda bem carregada; foi esperar ele na estrada da boca do mato. Aí vai. Quando manheceu o dia, foi, pegou o saco.

– Vumbora, Pedro.

Pedro travessou com seu saco nas costa. Nosso Senhor adiante e Pedro atrás... Lá vai, lá vai. Quando chegou adiante, o cara botou a espingarda em cima.

– Epa! Entrega tudo senão morre!

Nosso Senhor:

– Não é amigo? Que é isso? Não vai trabalhar pra dar comida a seus filho?

– Não! Ou entrega ou morre!

Ele:

– Ô Pedro! Abra esse saco aí, pega um cabresto aí, passa nesse burro aí.

Ele:

– Mas Senhor...

– Tudo que eu lhe mandei, eu não mandei você fazer o que eu mandar pra você fazer, você fazer?

Pedro abriu o saco, não tá ...

CIRC: – Ói o cabresto!

Ói o cabresto! A pedra virou foi um cabresto.

– Passe nesse burro.

E saiu. Puxando o burro. Pedro puxando o burro, lá vai. Quando chegou adiante, tinha um bocado de cigano.

– Ô viajante, me venda esse burro.

Nosso Senhor:

– Não. Não é pra vender.

– O meu quebrou a perna, eu to com uma carga aqui e quero botar num burro.

E o Senhor:

– E o meu burro é bom de carga.

– Cê quer me alugar?

Ele falou:

– Alugo.

Acertou a quantidade com o cigano...

CIRC: Por um ano.

Por um ano. Ele [...] perto no lagedo assim, onde o cigano tava, tudo.

– Eu vou alugar pra um ano certinho. Com um ano você me entrega aqui?

– Entrego.

– É tanto. É tanto.

E viajou. Sumiu. Passaram uns tempo, já no dia de ... de encrontar no dia de acertar pra se encrontar com o cigano, chegou São Pedro com o Senhor. O cara veio no burro.

– Aqui, gajano. Bote o dinheiro aqui, gajano.

– Tome seu dinheiro.

O burro com o lombo todo ruído. Ele:

– Baixa o burro ali..

Chegou assim numa baixada assim, marrou o burro. Tava no lagedo de pedra, marrou. Quando ele tava aqui, evém a mulé. A mulé do cara. Os menino magro!! Magro, passa fome e aí ele evém de lá pra cá, a mulé vem, ela:

– Mas meu Senhor, naquele dia que o senhor dormiu lá – Conheceu – Você dormiu lá, meu marido sumiu que nunca mais apareceu.

Ele:

– É mesmo, minha comadre?

– É sim.

– E você tinha gosto de ver seu marido?

Ela:

– Ave Maria, se eu não ver meu pai! Tou doido pra ver meu pai. Meu pai sumiu que eu não sei notícia do meu pai.

Ele:

– Mas meu filho! Olhe, minha comadre, seu marido sumiu, vai ali atrás daquele lagedo lá, vê se seu marido tá lá.

Aí ela foi lá:

– Não tem não. Tem um burro. E meu marido não tá lá não. É um burro. Não tá lá não.

Ele:

– Vá de novo. Vá com seu filho, vá.

Quando chegou lá, o burro virou homem. Evém o cara com a cabeça baixa, aí quando foi chegando, Nosso Senhor:

– Tá vendo? Ói, trabalhe pra você ter o seu pra não se interessarem nenhum dos homens. Aqui o dinheiro que eu ganhei no seu lombo. Tome seu dinheiro, vá viver com sua família. /RISOS/

## O JULGAMENTO DAS ALMAS – EBR 78.13<sup>17</sup>

São Pedro tinha que andar o mundo todo, ele ... mais Nosso Senhor. Ele:

– Senhor, vamos subir pro céu.

Ele:

– Sim. Vamos subir pro céu.

– É, vai, Pedro. Nós vai pro céu. Vumbora.

Quando chegou ali, falou:

– Óia, Pedro, vou lhe dar aqui o seu trabalho pra você fazer aqui. Você é que vai tomar conta de todos os esprito, toda pessoa que é home tem esprito tem a arma que é aquela arma no esprito. Vou lhe dar esse... Seu serviço é esse aqui. Ói, tome essa chave aqui, aqui é a chave do céu. Vai ser essa aqui. Cê vai tomar conta. E tem uma balança aqui e outra aqui. Todas as armas que vim, que se pesar, todas elas é pesada. A que puder, que você ver que é mais leve, só tem o Inimigo. (Tinha o Inimigo também, né?) O Inimigo vai ficar de um lado. De uma balança. E o esprito, a arma, vai ficar de outro. A arma vai sentar de um lado, e o Inimigo sentar de outro, se o Inimigo puxar a arma, cê bota pra dentro. Se a arma puxar, não queira não. Que a arma tem muito pecado. Ela pesa mais de que o Inimigo. E ela há de ser, há de ser mais leve de que o Inimigo.

Quando chegou um dia, evém um fazendeiro onde ele pediu rancho e não deu. Morreu, evém. Aí, quando acabou chegou o fazendeiro, ele bateu na porta, aí Pedro:

– Ô, home, o que é que há?

– Eu vim aqui, meu lugar é aqui.

– Aqui não.

Ó! Tá o Satanás sentado de outro lado:

– Rá! Sente aí na balança.

Cabou de sentar e *vup*, pesou mais do que o Satanás. O Satanás:

– Ô, esse aí é o seu.

Satanás pegou e carregou. Ele age assim. Quando a arma pesava mais do que um ... de que um, Satanás carregava. Quando carregava menos, perdia a aposta, botava lá dentro. Direto.

Aí apareceu um que foi pro inferno. Quando chegou lá nem os cão pôde com ele. Acordou o mundo todo, Satanás não agüentou com ele.

---

<sup>17</sup> Contado por João Pereira Novaes, 50 anos, natural de Pedra da Canoa-BA, Pedra da Canoa, 04.04.93.

– O que ele vai fazer agora? Vou ficar vagando no mundo, pô? Tem que caçar um lugar.

Andou uma hora por cego, erro.

– O Satanás não me quer, não quis, nem o Inimigo. O cão não quis.

O Inimigo botou ele lá pra torrar castanha com a mão, botou pra torrar café com a mão, mas nada o cara quis. Quem vai pro inferno, lá também tem seu serviço lá dentro do inferno, né? Um torra café com a mão, outros torra castanha, outros pisa pedra com a mão, tudo lá no inferno é assim. A parede lá, toda a parede é de vidro, tudo lá só é de vidro. Pronto. Ficou. Quando ele ficou no mundo vagando.

Quando chega um dia que o Nosso Senhor ficou em pé na boca da porta, São Pedro, quando chegou uma arma que o Inimigo sentou, a outra arma, o Inimigo puxou. O São Pedro cabou de abrir a porta, botou as mão aqui, ele botou o braço. Cabou de botar o braço. Ele:

– Uai, Pedro! Uai, Pedro! Uai, Pedro! Quer que quebre o meu braço?

Quando ele cabou de abrir a porta pra ele tirar o braço, ele botou foi o pescoço:

– Ai, ai, Pedro, meu pescoço! /RISOS/

Quando pensou que não, Pedro abriu a porta e ele *vup!* Dentro no, no céu. Aí não pôde sair mais. Deu... No céu. E o Inimigo lá ruim também lá dentro do céu, viu? Entrou obrigado. /RISOS/

PESQ.: – Artista danado, hein?

Entrou obrigado. Por o gosto de Nosso Senhor e São Pedro não entrava, mas entrou obrigado. Forçou e entrou mesmo. /RISOS/

## QUANDO SÃO PEDRO E NOSSO SENHOR ANDOU NO MUNDO – EBR 730.15<sup>18</sup>

São Pedro e Nosso Senhor iam caminhando, que quando eles chegaram adiante tinha uma veinha com uma xica<sup>19</sup> na mão, aí ele disse:

– Ô minha véa, que é que ta plantando aí?

Ela disse:

– Eu tô plantando peda!

– Plantando Peda?!

Disse:

– Sim!

Ele disse:

– É, então tá certo!

– Viajou, viajou, viajou, quando chegou adiante tinha outa véa, disse:

– Ô minha véa, bom dia!

Ela disse:

– Bom dia!

– O que é que ta fazendo aí?

Ela disse:

– Ô meu senhor, eu mandei na casa da vizinha tomar meio lito de feijão, desse meio lito de feijão, tinha esse pedacinho de terra aqui, eu cheguei tirei uma xica de feijão e tô plantando que é pra dessa xica de feijão me dá um saco feijão, depois dele plantado, batido, me dá um saco de feijão.

Ele disse:

– Será que dá?

– Ela disse:

– Se Deus quiser, se Deus quiser e Nossa Senhora essa xica de feijão vai dar um saco de feijão, se Deus quiser!

Aí ele viajou, foi embora, foi-se embora, andou, andou, andou, virou, quando ele voltou disse:

– Agora vambora, vambora, vamo dormir na casa da mulé.

Chegaro:

---

<sup>18</sup> Contado por Irene Alves Pereira, 60 anos, natural de Porto Sauípe,/Entre Rios-BA. Porto do Sauipe Entre Rios-BA 02.06.1994

<sup>19</sup> Xica: Usado no lugar de xícara.

– Boa, boa noite!

– Nós queremos uma dormida.

Disse:

– Pode entrar.

Disse:

– Não, nós fica aqui fora mesmo, aqui no varandado.

– Aí ela veio com o candeeiro, alumiou...

– Esse esse senhor parece que que é esse que passou aqui tá com uns tempo!

Ele disse:

– Não senhora, nunca passemos aqui.

Ela disse:

– Ah, Mas parecia, que aqui passou... passou dois senhor, eu tava prantando um feijão, e quando foi agora, eu ranquei o feijão, já bati, já cessei e deu um saco, eu disse que tinha fé em Deus de dar um saco de feijão e deu um saco de feijão... o marido dela mediu o feijão e deu um saco de feijão.

– Tá certo!

Aí viajou, quando foi, ele dormiu, quando foi no outro dia viajou foi-se embora, disse:

– Vamo pela casa da outa mulé, que tava prantando pedra.

Viajou, quando chegou lá:

– Boa... bom dia!

Bom dia!

– Mas parece que o senhor é aquele que eu tava plantando o feijão que eu disse que tava plantando pedra, parece que foi uma boca de azar que o senhor disse disso comigo, que eu disse ao senhor que eu tava plantando pedra e o feijão nunca nasceu, virou pedra mesmo.

Aí ele viajou, foi-se embora, quando chegou na estrada disse:

– Tu ta ouvindo Pedro? O da mulé ela chamou por a gente, tinha fé na gente, deu um saco, e aquele, plantou , nunca nasceu, apodreceu debaixo da terra que... porque ela não tem fé na gente.

## SÃO PEDRO E JESUS EM VIAGEM: O fígado do carneiro – EBR 480.1<sup>20</sup>

São Pedro andava no mundo mais Nosso Senhor. E andava, andou, andou, andou, quando chegou mais na frente, aí Nosso Senhor disse assim:

– Pedro, pega aquele carneirinho ali.

Ele:

– Pra quê, Senhor?

– Mata ali aquele carneirinho; eu só quero do carneiro, só o fígado<sup>21</sup>.

Aí São Pedro, *pam!* matou o carneiro, quando matou o carneiro, aí Nosso Senhor pegou, São Pedro pegou, comeu o fígado. Nosso Senhor saiu caçando no [...] pau, sentou e ficou esperando o fígado. Aí que quando deu fé, ele comeu o fígado. Aí Nosso Senhor disse:

– Cadê, Pedro, o fígado do carneiro?

Disse:

– Ó Senhor, eu matei o carneiro quando eu...Não tinha mais fígado não; eu comi.

Desapareceu o fígado, não tinha não.

– Quem já viu, Pedro Tô dizendo tem fígado!

– Não, mas ele não tinha não!

Aí, Nosso Senhor:

– Não, tá certo!

Terminou... Comeu o fígado e negou que não tinha comido o fígado!

Aí São Pedro, Nosso Senhor:

– Peraí, vou fazer um pedido:

Aí pegou doze apóstolos, pegou doze montinho de dinheiro, aí disse assim:

– Esses doze monte aqui!

Aí São Pedro disse assim:

– Um mais pequeno, outro mais limpo, outro mais pequeno.

Jesus disse:

– Quem, quem comeu o fígado do carneiro, vai aparecer agora!

Aí São Pedro, aí avoou, São Pedro pegou avoou naquele montão bem grandão das pratas, né? Aí Nosso Senhor disse:

– Eu não disse, eu não disse, São Pedro, que o carneiro tinha fígado e você me negou!

<sup>20</sup> Contado por Francisca Ferreira da Silva (D. Chica), 50 anos, natural de Lagadiço/Jacobina. Jacobina 04.01.92.

<sup>21</sup> Fígado: usado no lugar de fígado.

## O MESTRE DOS MESTRES – EBR 227.2<sup>22</sup>

PESQ.: – Seu Janinho vai falar:

Eu, eu Cleógene, Janinho vou contar /RISOS/ uma história... Pedro e Jesus andava pelo mundo, né, fazendo cura, curas e dando força para o povo, ensinando como era que vivia não é? Então, quando foi passando lá no deserto estava uma casa, num lugarejinho, escrito: “Eu sou mestre dos mestre”. Aí Pedro, muito curioso, disse:

– Ó Senhor, ó Senhor, escuta: “Eu sou mestre dos mestres”. Vamos entra aí, vamo?

E bateu palmas. Aí saiu um velho, era o ferreiro, com um negócio de couro velho marrado pela cintura, aí pediram água, o ferreiro mandou entrar, eles entraram. Quando está conversando, Jesus e Pedro conversando com o mestre dos mestre chega uma velha, disse:

– Senhor, me dê uma esmola pelo amor de Deus.

Aí Jesus disse:

– Pois não, eu vou lhe fazer uma esmola.

Disse:

– Seu mestre dos mestre, o senhor pode me emprestar o seu fole aí com o seu material pra eu fazer um trabalho?

O mestre dos mestre:

– Pois não, pode fazer:

Aí ele botou a velha lá no fogo, no fole, cobriu de carvão e... Pedro puxou jogou lá na, né, na, na safia<sup>23</sup> pra bater, desmanchou a veia toda, mandou juntar novamente e botou, cobriu, juntou, levou na safia, bateu. Pulou, saltou lá uma menina de quatorze anos. Aí o mestre dos mestre era grande ferreira, já tinha o nome de mestre dos mestre, que devia ser o melhor, aí Jesus despediu e saiu, né, mais Pedro.

Quando chegou na beira do rio... descansando lá, o mestre dos mestre:

– Agora a mãe de lá ele também está na idade, eu vou fazer, aquele homem fez a veia ficar nova, eu também vou fazer a mãe, a minha mãe ficar nova, né?

Pegou a velha botou lá no fole e tocou fogo *te-té-té* a véia, quando ele botou ela na safia pra bater, a véia desfarelou toda. E ele pelejou, não arrumou nada. Veio correndo atrás de Jesus:

– Senhor, senhor, pera aí!

Até Pedro disse:

---

<sup>22</sup> Contado por Cleógenes Souza Santos (Janinho) 70 anos, natural de João Gonçalves/Vitória da Conquista-BA. Barra do Choça-BA, 18.01.1991.

<sup>23</sup> Safia: O mesmo que bigorna.

– Ô Senhor, o homem tá gritando.

Aí pararam:

– Que é lá?

– Ô moço, volta lá em casa pra o senhor fazer o serviço pra mim, que eu vi o senhor fazer aquele trabalho com aquela velha, eu quis fazer também e desmanchou tudo e não quer acertar nada. Aí:

– Vamo lá Pedro!

Pedro disse:

– Quá Senhor, deixa isso pra lá!

– Não Pedro, vamos lá ver, olhar.

Aí quando chegaram, mandou Pedro juntar o resto da veia, os farelo, botou lá, botou no fole, e jeitou, botou na sáfia de polir, saltou uma macaca. Aí Jesus disse:

– Bom, a única coisa que eu pude conseguir para você é isso aí, /RISOS/ fazer uma macaca /RISOS/ que ocê deixou desperdiçar muito. /RISOS/

## O PECADOR QUE NÃO ENTROU NO INFERNO POR FALTA DE PAGAMENTO – EBR 522.5<sup>24</sup>

Era pobre, né? Morreu, claro! Todo mundo que morre diz que o caminho é o céu! Mesmo que não tenha direito, mas é o primeiro lugar. Chegou lá, bateu na porta. Pedro foi, abriu, atendeu ele:

– Senta aí!

Pegou o livro e olhou. Disse:

– É, meu amigo, sua vida aqui, desde o nascimento até agora, num tem nada que lhe deixe você ficar aqui não, ó!

Aí ele saiu... foi lá prontá<sup>25</sup> compadre Lucifer, né? Chegou lá, bateu na porta, ele abriu:

– Sente aí!

Sentou, ele disse:

– Cê veio fazer o quê?

– Eu vim pra aqui porque Pedro mandou, disse que meu lugar era aqui.

– Tá bom! É o seguinte, cê vai olhar como é o sistema daqui!

Aí abriu uma portinhazinha. Disse:

– Olhe pra dentro como é que tá!

Aí, a primeira coisa que ele viu foi uma coisa que ele viu na terra: trio elétrico, carnaval, festa, muler, ganzarra, pinga, dinheiro. Tudo tava rolando à vontade! Disse:

– É! Aqui que é o meu lugar!

E partiu pra isso aí.

– Peraí, meu amigo! Aqui, tem tudo isso, mas cê paga quinhentos!

Aí disse:

– È rapaz! Dá um tempinho aí!

Ele saiu... saiu novamente. Chegou lá, Pedro abriu a porta:

– Mas, rapaz, eu não já disse que aqui não é seu lugar?! O que é que você tá teimando aqui?!

– Peraí, Pedro! Calma, calma, porque eu fui onde você mandou!

– Então conta!

– O negócio é o seguinte, o homem lá me recebeu muito bem. Eu já deixei tudo certo. gora eu voltei aqui pra você me emprestar quinhentos, que tem que pagar.

– Ah, seu trouxa! Se eu tivesse quinhentos, tava aqui contando alma?! /RISOS/ Quem tava lá era eu!

<sup>24</sup> Contado por José de Jesus, 48 anos, natural de Manaus-AM. Jacobina-BA, 05.01.92.

<sup>25</sup> *Prontá* – corresponde a *para onde está*.

## SÃO PEDRO E JESUS: a recuperação do preguiçoso – EBR 479.2<sup>26</sup>

São Pedro e Jesus iam caminhando. E lá evai, evai, evai. Quando chegaram em um rio, tava um homem sentado em riba<sup>1</sup> de uma pedra. Aí, Nosso Senhor disse:

– Ô Pedro, vai dar água àquele homem, que ele tá pra morrer de sede!

Aí Pedro disse:

– Mas, Senhor não tem juízo não? O homem, dentro d'água, Senhor, sentado em cima da pedra e tá com sede ?

Nosso Senhor disse:

– Não converse e vá dar água ao homem, senão ele morre de sede!

– Mas Senhor sai com umas coisas, que misericórdia!

Aí disse:

– É. Eu vou.

Chegou lá, deu água ao homem, que o homem quase bebe o rio todinho!

Aí Nosso Senhor disse:

– Você viu, Pedro, o que foi que eu lhe disse?

– Tá certo!

Aí viajaram, viajaram, viajaram, viajaram... Quando tava muito distante, chegaram numa roça. Homem! Mas tinha uma moça que tava fazendo cada uma lapada de terra, que a poeira subia! Aí Nosso Senhor disse:

– Ô Pedro, eu vou perguntar àquela moça se ela quer se casar, porque se ela quiser se casar, eu vou fazer o casamento com aquele homem que você deu água lá no rio.

Aí São Pedro disse:

– Mas eu tou dizendo que Nosso Senhor só faz as coisas tudo à toa! O Senhor, fazer o casamento daquela moça com aquele preguiçoso que quase morre de sede, que quase bebe o rio todo?

Nosso Senhor disse:

– Não se preocupe, deixe comigo.

E voltando-se para a mulher:

– Ei, ei, tá trabalhando, né?

– Tô, tô, que eu não tenho quem me dê. Trabalhar pra Deus me dar uma esmola pra eu comer um bocado.

<sup>26</sup> Contado por Valdivino Moreira da Silva, 75 anos, natural de Jacobina - Ba. Jenipapo/Jacobina-BA, 06.01. 92.

<sup>1</sup>Em riba de – o mesmo que em cima de.

Jesus disse:

– Você quer se casar?

Aí ela pensou, pensou, pensou. Disse:

– É, se eu achasse um casamento, eu queria pro mode me tirar dessa labuta.

Aí Jesus disse:

– Pois eu vou fazer um casamento pra você!

Aí Pedro balançou a cabeça e disse:

– Coitada! O Senhor não faz nada que diga benza a Deus!

Aí foram correr o mundo! Aí chegaram e Nosso Senhor fez o casamento.

– Bom, eu agora vou me embora. Daqui um ano eu vou voltar, que eu quero saber a vivência de vocês como é que vai, se tão vivendo bem.

Aí viajou. O homem correu, chegou em cima da cama, deitou, não levantou mais. Aí foi que ela trabalhou pra sortir a precisão dela e dele, do preguiçoso! Quando completou um ano, ó Nosso Senhor mais Pedro!

– Cadê? Como vai? Vocês vão vivendo bem?

Ela disse:

– Ah Senhor! Se eu já vivia num tormento, num tormento eu tô, que o homem subiu pra cima da cama aquele dia que o Senhor passou aqui e nunca mais ele desceu. Dou tudo a ele deitado lá!

Aí Nosso Senhor disse:

– Ô Pedro, vai matar aquele preguiçoso ali, pro mode tirar a carne pra nós viajar!

Aí, quando Nosso Senhor virou assim, a janela fez *bungo!* Fez *bungo!* O preguiçoso tirou a janela do quarto e pulou. Chegou na roça e tampou na enxada! Tampou na enxada e a poeira voava. Aí Nosso Senhor disse:

– Ói Pedro, você vai ver!

Aí viajaram. Quando passou mais tempo, Nosso Senhor tornou a voltar!

– Cadê, cadê o homem? Melhorou?

– Ói, Nosso Senhor, daquele dia pra cá, nunca mais veio aqui dentro de casa. Vou levar o de comer pra ele lá na roça, porque ele não soltou mais a enxada!

Aí Nosso Senhor disse:

– Viu, Pedro? O que foi que eu lhe disse? Vê se ele não melhorou!

Aí acabou... Acabou a preguiça. Ele trabalhou pra suprir ela e ele!

## SÃO PEDRO E JESUS: o jogo de cartas – EBR 523.1<sup>27</sup>

Esta é de Pedro e Jesus que só andavam pelo meio do mundo, né? Aí, quando foi um dia, saíram. Aí Pedro gostava de jogo e Jesus não gostava. Aí Jesus ia passando, era Pedro na frente, Jesus atrás, né? Quando chegou assim, tinha a casa de jogo, um barzinho assim, né, a casa de jogo. Aí Pedro disse:

– Jesus, vamos ficar aqui?

Aí Jesus disse:

– Não, Pedro. Nós vamos embora!

Aí Pedro:

– Não, Jesus. Vamos ficar por aqui!

Aí Jesus sabe de tudo, né, entende tudo. Ele viu que não dava certo aquilo ali, mas disse:

– Nós vamos ficar!

Aí pegaram, botaram uma esteira assim de junto da porta, aí deitaram todos dois, ficaram deitados. Jesus não gosta dessas coisas, deitou pro lado da parede. E, Pedro deitado na esteira! Jesus não gosta dessas coisas, e Pedro gosta. Aí ficaram os dois deitadinhos. Jesus olhando pro jogo, e os caras tavam danados ganhando. Quando Jesus tava olhando, aí os caras que tavam ganhando começaram a perder. Aí disse:

– Peraí, rapaz! Foi depois que esses caras chegaram aqui que nós começamos a perder.

Aí pegou Pedro, mas deu uma surra em Pedro!... Aí Pedro ficou quietinho. Depois que apanhou, balançou Jesus:

– Jesus, ói Jesus, você passe pra frente que eu passo pra trás.

Aí Pedro passou pra trás, Jesus passou pra frente, tornou a se embrulhar. Se embrulharam. Aí os caras começaram a ganhar, depois começaram a perder. Então um disse:

– Peraí, rapaz. Nós batemos no da frente, agora nós vamos bater no de trás!

Pegou Pedro de novo, cacetou Pedro. Mas apanhou! Aí Pedro olhou assim e disse:

– Jesus, ói Jesus, vamos embora, vamos embora, que aqui não tá dando certo mais pra nós dois não, viu?

Aí se mandaram, eles dois.

---

<sup>27</sup> Contado por Maria da Conceição Lago Reis (Ceça), 30 anos, natural de Jacobina. Serrinha/Jacobina, 05.01.92.

## O HOMEM QUE PLANTAVA LEGUMES E O QUE PLANTAVA PEDRA – EBR 479.1<sup>28</sup>

Aí Nosso Senhor disse:

– São Pedro, nós vamo ali na casa daquele homem pedir um pedaço de carne pra nós viajar.

Aí São Pedro disse:

– Olha que bestage do Senhor! Tu num tá vendo que aquele homem num vai dar carne a nós pra viajar, Senhor?

– Não. Eu vou lá.

Aí chegou lá, falou na porta, aí o moço saiu. Ele disse:

– Olhe eu quero que cê me dê uma esmola aí de carne pro mode eu viajar, moço. Nós tamos passando muita fome!

– Aqui num tem carne pra dar não. Aqui tem carne é pra vender!

Aí Pedro disse:

– Viu, Senhor, o que foi que eu disse? /RISOS/

Aí nosso Senhor:

– Num tem nada não. Vumbora.

Aí viajou. Quando o homem vorta que chega nos varão de carne, tava dilido<sup>29</sup> tudo de bicho, num tinha mais nadinha do mundo. Ele foi embora. Chegou lá adiante, tinha um homem na roça que tava rancando toco e jogando por detrás das costa. Aí o Nosso Senhor:

– Ei!

Ele nem tá ligando.

– Ei!

– O que é?

– Tá trabalhando, né?

– Tô, que é pra ver se quando Deus dá uma esmola eu planto um mantimentinho.

A esmola é a água do céu.

Nosso Senhor disse:

– Ligume tem.

– Umbora, Pedro.

PESQ.: – O que é que ele ia plantar?

<sup>28</sup> Contado por Valdevino Moreira da Silva, 74 anos, natural de Jenipapo/Jacobina-BA. Jacobina-BA, 04.01.92.

<sup>29</sup> *Dilido* – Provavelmente usado em lugar de *diluido*.

INF.: – Ligume: feijão, mio, batata, quiabo, aipim, tudo. Aí eles viajaram. Quando chegou lá adiante, tinha outro que tava arracando tudo.

– Ei!

Ele nem dava bola.

– Ei!

– O que é que tá me chamando? Eu tô no meu serviço, agora tá me empatando!

– Tá trabaiano aí, num é homem?

– Tô trabaiano pra plantar pedra.

Nosso Senhor disse:

– Pedra dê.

Foi embora. Aí evai, evai, evai... Com poucos tempo, a trevoada bateu. A trevoada bateu e o outro tocou ligume no chão – o premeiro. E o outro, só nasceu pedra, só nasceu lajedo, na roça. Aí vortaram outra vez de novo. Quando chegou no premeiro, disse:

– É, sua rocinha tá boa, né?

O homem disse:

– É, Deus me favoreceu com a esmola do céu e, com fé em Deus, eu vou comer um bocado!

Nosso Senhor diz:

– Vai comer.

Viajou. Quando chegou lá no outro, que chegou, só tinha lajedo purinho, lajedo /RISOS/ do tamanho do mundo! Nosso Senhor disse:

– Tá vendo, Pedro? Tá vendo o que foi que ele fez?! Ele disse que ia plantar pedra e pedra nasceu. /RISO/ E o outro tá com fruto na roça. E cabou.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> O contador narra o seu texto representando as diferentes vozes das personagens e rindo dos episódios que ele próprio narra.

## HISTÓRIA DE SÃO PEDRO E SÃO MIGUEL – CCO 52.3<sup>31</sup>

Jesus parte daqui pra o céu, aí perguntou a São Pedro:

– É, Pedro, o quê que você... quer que eu faço com você?

Ele disse:

– Eu quero que aonde eu sentar, que ninguém faz eu levantar, Senhor.

Ele disse:

– Tá bom, Pedro.

Enquanto isso, aconteceu que num certo tempo morreu uma multidão aí e tal, e Pedro também foi no meio, foi subindo pra o céu. Chegando lá, estava Miguel, que era dono da chave. E Miguel como dono da chave, tava lá sentado e tal. Aí vai entrando todas aquelas, , aquelas almas que dizia que já tinha morrido e aí o Senhor disse:

– Não deixa Pedro entrar não!

E Pedro foi ficando. Quando entrava um, ele enviava metade do braço. Entrava outro, ele enviava mais um pouquinho. Entrava outro, enviava mais um pouquinho, já tava entrando quase todo. Enquanto isso, Miguel correu pra ir lá falar com o Senhor. Disse:

– Senhor, o quê que faz? Pedro evai entrando aí e coisa.

Quando Jesus correu lá, aí Pedro já tinha entrado, já tinha sentado na cadeira que era de Miguel, que era dono da chave. Aí o Senhor veio pra levantar ele. Quando chegou na hora de levantar, aí ele falou assim, disse:

– Levanta, Pedro!

O senhor falou:

– Levanta, Pedro!

Ele disse:

– Ô, Senhor, o quê que eu lhe pedi? Não lhe pedi nada, mas aonde eu sentar, ninguém fazer eu levantar.

Aí pronto, ficou Pedro como dono da chave.

PESQ: – Tomou o lugar de São Miguel.

INF.: – É, tomou o lugar de São Miguel.

---

<sup>31</sup> Contado por José Quirino dos Santos (Neném Coimbra), 64 anos, natural de Palmeiras/Piatã-BA. Piatã-BA, 11.02.06.

## O HOMEM QUE VIROU CAVALO – EBR 444.2<sup>32</sup>

Quando Deus andava no mundo, né, vinha Jesus e São Pedro, vinha viajando a muito tempo, quando foi um dia de lua bonita tavam numa casa, era um pobre preguiçoso que não fazia nada, um bocado de filho, aí bateu na porta, aí ela disse:

Fulano, aí tem gente!

Quando chegou, era dois home igualmente um home qualquer. Era Nosso Senhor e Pedro. Lá de dentro ele chegou olhou assim e fez assim um mal juízo. Deixou a mulé conversando com ele e pegou a espingarda, lá adiante ele foi esperar. Aí a mulher prosou, prosou, depois ele disse... aí ele disse:

– Ô dona menina, nós já vai viajando, a lua tá bonita, já descansamos. Nós tava muito cansado.

Ela disse:

– Ainda é cedo, não vá agora não!

Quando chegaram lá diante ele tava detrás do pé de moita com a espingarda armada.

Nosso Senhor disse:

– Vá ali Pedro, pegue aquele cavalo pra tu ir montado.

Aí Nosso Senhor... Pedro foi e disse:

– Mas, mas Senhor, mas... pelo amor de Deus Senhor, como é que vou pegar esses cavalo agora de noite.

Ele

– Ah! Pedro!

– Eu não vou não!

O senhor disse:

– Não, Pedro, vá pegar o animal.

Chegou lá ele pegou um cipó, rastou um cipó, tirou a folha toda e se mandou. quando chegou muito adiante, deu as doze horas, ficou debaixo do pé de moita, deixou passar as doze hora, quando deu doze e meia se mandaro, Aí viajaro, viajaro, viajaro, era pra voltar... era seis ano que eles tinha que voltar... Chegou muito adiante, encontrou um home que não chegava nem a tocar a moenda.

INF.: – Cê conheceu, seu Lucas?

CIRC.: – Conheci.

---

<sup>32</sup> Contado por Idaildes Oliveira de Almeida (Daí), 53 anos, natural de Águas Claras/Itaquara-BA. Pau Ferro/Brejões-BA.

INF.: – Moenda também conheci.

Aí o fazendeiro falou... disse:

– Ô senhor, o senhor quer... vender esse cavalo, que tá muito gordo?

E [...] aqui fica a moenda, ele disse:

– Não, eu não vendo. Eu arrendo, porque eu só volto com seis ano.

Aí o fazendeiro ficou... e Jesus e Pedro seguiram viagem. Viajou, viajou e os meninos tudo pequenininho assim, gente. Tava tudo pequeno, quando tava com seis ano, ele voltou. Evém, evém, chegou na fazenda do home, disse:

– Agora, eu vou querer a renda do animal... vou querer o animal e a renda do animal.

O fazendeiro chegou deu... o cavalo tava seco, com duas ferida dum lado que tava fazendo medo! Aí Pedro montou em cima e vumbora, vumbora, com muito tempo chegou na casa da mulé, tá bateu<sup>33</sup> na porta. Aí ela:

– Entra! Ô meu senhor, o senhor tá lembrado daquela vez que o senhor passou aqui! O marido de lá ela nunca mais voltou.

Ele disse:

– É isso mesmo!

Passado uma horinha ele disse:

– Vá ali Pedro. Chega lá pega aquele... solta o animal.

Aí Pedro chegou lá soltou o cavalo. Evinha ele assim ói<sup>34</sup>. /RISOS/ Aí os menino ficou tudo assim:

– Ô mãe, meu pai é esse? Ô mãe, meu pai é esse?

Aí:

– Ô, meu filho, é seu pai!

– Ô, bença pai!

Outro:

– Bença pai. /RISOS/

Nada de conhecer. Aí ele chegou assim... ficou todo arguiado, seco, deu ferida no lado e Nosso Senhor disse:

– Olha você sabe de hoje em diante você vai viver do suor do seu rosto e do trabalho de suas mão.

E contou o dinheiro todo e deu a ele e a mulé e deu até logo e se mandou.

<sup>33</sup> O contador faz gestos a fim de imitar o som das mãos batendo na porta.

<sup>34</sup> O contador imita o modo de andar e de se portar do marido.

## **SÃO PEDRO E JESUS PELO MUNDO: o jogo de cartas – CCO 98.6<sup>35</sup>**

Aí disse que Jesus e São Pedro viajou, viajou, e chegou de noite numa casa que tinha um bocado de gente jogando, né? Aí disse que eles pediram uma pousada, né. Aí disse que os caras nem... nem olharam pra eles, porque jogador não dá atenção mesmo pra ninguém. Aí disse que eles encostaram, botaram a esteira assim... Jesus deitou na frente e São Pedro no canto. E tinha um cara que tava perdendo tudo, depois que chegaram. Disse que esse cara perdendo todo dinheiro, falou:

– Se eu perder essa mão vou dar um cacete naquele que está deitado no canto.

Era São Pedro, né?

Aí disse que ele perdeu, pegou São Pedro, quase mata. Aí São Pedro falou:

– Ô Senhor, eu vou agora ficar na frente, né?

Aí o cara jogando, jogando, depois o cara perdeu.

Aí o cara falou:

– Pois agora eu vou bater no que está na frente, né?

São Pedro tornou entrar no cacete.

---

<sup>35</sup> Contado por Joaquim Rodrigues de Oliveira, 65 anos, natural de Poções-Ba. Inúbia/Piatã-Ba. 11/02/2006.

## QUANDO SÃO PEDRO E O SENHOR ANDAVAM PELO MUNDO – EBR 172.6<sup>36</sup>

Disse que São Pedro viajou no mundo mais o Senhor, né? Aí ele era muito estripulento. Aí que chegou adiante, deu a noite. Aí ele pediu agasai pra dormir. Aí o homem foi e deu o agasaio pra eles. Aí colocou, deu lugar pra eles fazer um fogo, Nosso Senhor e Pedro. Aí deu a eles pra dormir um agasai no poleiro da galinha.

Aí disse que de noite, São Pedro, muito estripulento, chegou, levantou e visgou a galinha, *ximbungo!*. A galinha “*kéu, kéu, kéu*”, gritando. Aí o dono levantou na carreira:

– Virge, que o ladrão tá dando na galinha ... tá dando na galinha. E é o detrás.

Chegou, visgou São Pedro e meteu o tapa em São Pedro, meteu o tapa em São Pedro. Aí São Pedro saltou. Quando o homem voltou pra trás, quando ele tava perto de casa, a galinha torna a falar o pau, gritando: “*kéu, kéu*”.

Aí São Pedro foi, botou o senhor no canto e falou assim:

– Quem vim bater em mim que eu tô no canto ... e eu vou deitar na frente.

O homem:

– Agora é o da frente, o detrás já apanhou, não vou bulir mais com esse daí não, é aquele da frente que ficou sem apanhar.

Aí quando o homem vem de lá pra cá:

– Agora quem vai apanhar é o da frente porque o detrás já apanhou.

E tornou pegar São Pedro e tornou meter o ferro outra vez, né.

---

<sup>36</sup> Contado por Iraci de Jesus Silva, 36 anos, natural de Limeira-BA. Cabeceira de Limeira /Vitória da Conquista-BA, 13.01.91.

## SÃO PEDRO E JESUS: O MESTRE DOS MESTRES – CCO 18.2<sup>37</sup>

Jesus chamou Pedro pra fazer uma viagem, quando chegaram numa cidade que ele viu aquele, a casa bonita, tava escrito na frente da casa: “Mestre dos Mestres”

Aquele letreiro, aquele edital, escrito na frente da casa “Mestre dos Mestres”. Jesus parou contemplou e disse:

– É, quem escreveu isso aí tem grande poder.

Aí prosseguiu a viagem, mas aquilo só chamando ele atenção. Ele foi no fim da rua quando vortou disse:

– Pedro! Vamo vortar naquela dita, vamo vortar naquela dita casa.

Quando eles voltaram, que chegaram cá. Era uma padaria. Ele aí pediu licença ao dono da padaria, entrou, Jesus mais Pedro. Aí tava aquela fornalha, aquela brasa bonita bem vermelha, o dono da padaria tava assim sentado. Jesus aí disse:

– Boa tarde! Você me deixa fazer um pequeno trabalho aqui na sua padaria?

O dono da padaria disse:

– Pois não!

Mas ele tá, ele tá fazendo isso tudo, tá pensando que é um velho qualquer, que num é Jesus. Num tá conhecendo Jesus sabe? Jesus aí olhou pra aquele braseiro, fez a mãe dele aparecer ali bem velhinha de cacetinho na mão, apareceu aquela dita velhinha que era a mãe de Jesus, Jesus pegou a dita velha, jogou dentro da fornalha, jogou. Quando a velha caiu dentro da fornalha se retorceu, daqui a pouco morreu, daqui a pouco virou em carvão, virou em cinza, quando ia virar em cinza. Ele disse pro dono da padaria:

– O senhor pode me arranjar aí uma toalha virgem?

Ele disse:

– Pois não.

Abriu o malote, deu aquela toalha a ele, aquela toalha virgem.

Ele aí chegou na boca do forno no chão, estendeu a toalha, quando acabou pegou uma pá meteu dentro do forno no chão, tirou aquela cinza quente da velha, fez... disse umas palavras assim e disse:

– Levanta menina de doze anos.

Quando soltou lá foi uma menina novinha. Ele fez a mãe dele aparecer uma menina de doze anos. O dono da padaria tá é prestando atenção a tudo. Ele aí se despediu do dono, disse:

---

<sup>37</sup> Contado por Nivaldo dos Anjos (Seu Fau), 62 anos, natural de Baiacu/Itaparica-BA. Baiacu-Itaparica/BA, 03.08.03

– Muito obrigado pela, pela gentileza de me deixar fazer esse pequeno trabalho.

Aí saiu mais Pedro e a menina, que quando ele ia andando uma distancia, o dono da padaria fez assim:

– Se aquele velho fez isso quanto mais eu...

Foi buscar a mãe dele, que tava velha em casa também, que tava, tava costurando.

– Mamãe umbora ali naquela padaria!

A velha fez:

– Meu filho o que você quer comigo?

– Vambora ali

Chegou lá ela não sabia de nada, chegou lá, ele pegou a mãe dele e jogou dentro da fomalha, quando a velha se retorceu, que ele aí fez, fez a imitação de Jesus. Pegou outra toalha virgem estendeu tirou a cinza e ficou dizendo aquelas palavras, quando ele disse:

– Levanta menina de doze anos.

Que nenina saiu? Que menina? Ele aí botou a mão na cabeça.

– Matei minha mãe!

Saiu correndo atrás do velho que era Jesus, Jesus ia andando devagazinho. Tá vendo ele:

– Ô meu filho venha cá!

Jesus olhou pra trás e disse:

– Aquele é o dono da pradaria que tá me chamando vamo vorta que eu já sei o que é.

Quando Jesus vortou, que chegou lá o homem fez:

– Eu fui fazer com minha mãe o que o senhor fez com a sua, e num quis sair menina não.

Aí Jesus disse assim:

– Eu não posso fazer nada. Eu só posso fazer se o senhor aceitar a sua mãe, a sua mãe a mesma velha.

Ele disse:

– Eu aceito! Eu aceito!

Jesus aí disfez a palavras e disse:

– Levanta a mesma velha!

Quando apareceu a dita mãe dele. A dita mãe dele apareceu, ele aí ficou chorando aí Jesus disse assim:

– Olhe, eu passei aqui e olhei pra essa frase de sua padaria “Mestre dos Mestres” só existe um que é Jesus. É o mestre de todos os Mestres. Portanto apague esse letreiro, porque você não tem o conhecimento como Jesus.

Ele aí abaixou a cabeça considerou calado. De manhã ele mandou apagar tudo. Queria ser “Mestre dos Mestres” só existe um que é Jesus, é o pai nosso celestial. Ele aí pronto se considerou calado.

## SÃO PEDRO E JESUS PELO MUNDO – CCO 18.1<sup>38</sup>

Existia um homem, que vivia só de matar as famílias dos negociantes. Aí um dia Jesus tava sabendo disso tudo. Quando é um dia, Jesus chamou Pedro e disse:

– Vamo ali fazer uma viagem.

Aí Pedro disse:

– Pois não.

Era o apóstolo que mais viajava com Jesus era Pedro. O dito homem tava ali atrás do pé do pau, com a arma de fogo que já tinha matado vários comerciantes. Jesus sabia de tudo, que quando se aproximou, lá do... da árvore, Jesus pegou o ele lá, Jesus abriu a mochila tirou o cabresto e disse:

– Pedro vá ali, prenda aquele burro.

Tá Pedro:

– Cadê o burro senhor?

– Tá ali atrás do pé do pau.

Quando Pedro chegou lá, era um dito burro mesmo gordo bonito, aí veio puxando o burro, passou o cabresto, veio puxando e entregou o burro a Jesus. Jesus disse assim:

Agoura vamos viajar.

Jesus montou na frente, Pedro atrás. Andaram um quilômetro grande. Quando chegou lá adiante, encontrou uma casinha que era de um roceiro, que tinha uma roça linda de tudo. Eles aí pediram um agasalho ao dono da roça, o dono da roça aí disse:

– Pois não.

Mas o dono da roça vai dar esse agasalho a ele, mas não tá sabendo que é Jesus não. Que quando eles disapiaram, ficaram em pé, quando...

– Eu vim aqui pro senhor me dar um agasalho até amanhã.

O dono da roça:

– Pois não pode entrar meu velho.

Aí eles entraram, mas o dono da roça tava fazendo aquilo com interesse no burro, pra comprar. Aí ele foi na roça, tirou o aipim, batata, mandou a mulher fazer... aquele cozido na medida pra tomar café. Quando acabou de tomar café, o dono da roça fez assim, o dono da casa fez assim:

– Eu quero que o senhor, me venda esse burro.

Aí Jesus disse:

---

<sup>38</sup> Contado por Nivaldo dos Anjos (Seu Fau), 62 anos, natural de Baiacu/Itaparica-BA. Baiacu/Itaparica-BA. 03.08.03.

– Eu não posso vender, esse burro eu não posso vender, eu não posso vender esse burro de jeito nenhum.

– Me venda esse burro, que eu tô com a cabeça que não tenho mais cabelo de carregar balaio pra cidade, pra levar verdura.

Mais adiante, o que ele tratou Jesus bem, Jesus disse:

– Tá certo, eu vou deixar esse burro aqui na sua mão, quando completar um ano eu venho cá, agora tome aqui essa cabaça, toda vez que você der no burro, o burro, tira uma porcentagem e bota dentro dessa cabaça feito um migalheiro sabe?

E acertou e deixou o burro lá. Eles vieram a pé, vieram embora mais Pedro. Ele levava carga de verdura, pra chegar na cidade, chegar lá vendia. Vendia tudo. Quando ele vinha, tirava uma mensalidade, colocava na cabaça e dizia:

– Aqui, é o quinhão do burro.

É vai, e vai tempo, e vai tempo passando. Quando chegou na época de Jesus ir lá... sim, que teve um dia que ele viajou, se esqueceu de tirar o dinheiro do burro. O burro deu um coice pra cima quase que mata ele. Ele aí chegou em casa disse:

– Mulé! Esse burro é tão mansinho, ele fez uma comigo quase que me mata, será que foi o dinheiro que eu não tirei do burro:

Ela disse:

– Então tire logo.

Ele aí, tirou a porcentagem, botou lá, nisso já vinha se aproximando o tempo de Jesus ir lá. Jesus chamou Pedro disse:

– Vamo na casa daquele roceiro, o lugar que o burro tá lá.

Pedro aí foi, quando chegou lá, quando ele viu Jesus aquela mesma alegria ele disse:

– Eu vim aqui hoje que o senhor me deu o prazo eu vim buscar o burro.

– Ah! num venda não, num venda não, que esse burro tem quebrado o galho.

Mas não posso deixar mais.

Aí acertou tudo ele aí pegou a dita cabaça cheia de dinheiro, que era a viagem do burro, a porcentagem que ele botava, aí Jesus pegou o burro, agradeceu muito ao homem, ele aí ficou chorando Jesus disse assim:

– Ôi não chore não! Pode viajar com o balaio, assim que o senhor chegar na rampa a primeira coisa que você vai achar é um cidadão vendendo um burro.

Dito é certo. Palavra de Jesus, ele aí viajou com o balaio, chegou lá, a primeira coisa que viu na rampa foi um sujeito vendendo um burro, ele aí comprou esse burro, o dono da roça, o burro bonitinho. Jesus vem com Pedro, no dito burro, que quando foi chegando no dito

local que ele gostava de ficar escondido pra matar o pessoal, Jesus aí desafiou mais Pedro.

Disse:

– Pedro vá puxando esse burro, chegue ai atrás daquele pé de pau, puxe o cabresto da cara e traga.

Quando Pedro foi puxando o burro chegou lá, que puxou o cabresto, o homem caiu lá que nem morto todo acabado, todo desengonçado. Jesus chegou pra ele e fez assim:

– Já viu o que é trabalho, você sobreviver de matar os pobres? Pais de família que vem, ver o pão pra comer. Agora toma essa cabaça de dinheiro que é todo seu, que veio do seu lombo, do seu trabalho.

Ele aí entregou aquela cabaça de dinheiro a ele, este homem nunca mais matou ninguém.

Aí terminou o caso.

## SÃO PEDRO LOGRA O REIS – EBR 521.9<sup>39</sup>

Tinha três homem caçando trabaio era Pedro, João e Paulo. Pedro disse assim:

– Eu vim aqui procurar trabaio

O homem disse assim:

–Tem trabaio, agora aí tem um brejo que quem entrar não sai

Pedro disse assim:

– Que nada todo lugar que a gente entra tem saída pra sair de dentro, se for uma coisa que for apertar a gente como é que a gente vai ficar dentro?

Aí o homem disse assim:

– Vocês têm cara de pau.

Ele disse:

– Nada de cara de pau, tenho que responder pra o senhor assim mesmo.

Disse:

– Depois, vocês vai ali naquele brejo desatolar os porco que têm lá.

Mas tinha que ele dar as ferramenta, né? Aí ele disse assim:

– Vá lá que minhas fia tá em casa.

Ele disse:

– Nós vamo carregar as fia dele tudinho que é pra ele saber arrumar serviço pra gente e responder como é que a gente vai fazer.

Ele disse:

– Mas, meu senhor, me diga uma coisa, e que ferramenta tem lá?

Disse:

– Oi, tem uma picarete, tem uma levanca e tem um cavador. Dá pra vocês desenterrar os porcos?

Mas mentira que os homem já tinha passado no mato e pegou os cabo dos porco e enterrou, né? Cortou o cabo dos porco e enterrou dentro do brejo, eles já tinha passado naquele brejo e ele pensava que eles não conheciam aquele brejo. O homem chamava seu Afonso. Disse assim:

– Vá lá diga a elas que mande uma picarete, uma levanca e um cavador.

Disse:

– Todas três ferramenta?

– Todas três

---

<sup>39</sup> Contado por Raimunda Aureliana de Jesus, 49 anos, natural de Saúde/Jacobina-BA. Jacobina-BA,05.01.92.

Aí quando ele chegou distante – o homem tá cá perto do brejo pra vê eles se afundiarem né? Que diz que o brejo era um sumidor, quem pisava ali descia. Aí Pedro disse assim:

– É todas três senhor?

– É todas três Pedro.

Aí as moça tá arrumando os trem de dentro de casa. Ele tornava dizer:

– Né todas três senhor?

– Todas três Pedro.

Aí ele disse:

– Óia, o pai de vocês disse pra vocês cuidar ligeiro que já tá passando de hora que é pro mode nós ir, pra pegar um animal pra nós ir passear na Sambambaia. – Uma fazenda por nome Sambambaia.

Elas disse:

– Oxe! É a coisa mais fácil, eu já arrumei. Oh, aqui dá pra ela levar a trouxa.

Agora as menina, uma chamava Cantina, a outra chamava Maria, a outra chamava Mariene.

Aí ela disse assim?

– E é pra ir nós três? Oh! Pai não carrega nós três de dentro de casa.

Disse:

– Não, é pra ir vocês três. Ói lá, assunto o que ele tá dizendo:

– Não é todas três senhor?

– Todas três Pedro.

O homem tá lá bem no seu na sombra, né? Os homem aqui panhou elas e tiraram no mundo, que quando ele pensou deles gritar través, eles já tavam viajando, de lá não dava pra ele ver, né? Ele tava na moita deitado. Tirou no mundo, tirou no mundo. Aí ele viu demorar, deu meio-dia, deu de tarde. Disse:

– Eu vou ver o que aqueles malandro tão fazendo com minhas fia.

Quando chegou lá não tinha ninguém. Aí ele panhou os rastro por onde elas foram, nè? Daí chegou adiante tinha uma lavadeira de roupa. Não, primeiro São Pedro chegou, pegou matou um carneiro e pegou o fato do carneiro, marrou na barriga dele, assim vamos supor: botou a lã pra dentro, pra dizer que era o couro da barriga dele, nè? E marrou assim o fato na barriga dele. E daí passou e disse as lavadeira de roupa:

– Óia, vem um homem aí atrás de nós e a senhora diga pra ele que pra ele arcançar nós é preciso ele fazer como eu fiz.

Disse:

– E o senhor vai fazer o quê?

Disse:

– Oh aí, como eu vou fazer.

Meteu o canivete na barriga e caiu o fato lá, e ele estirou no mundo mais as moça né?

Aí o homem evai atrás dele.

– Dona, aqui passou três homem com três moça?

Disse:

– Passou meu senhor, mas eu tô achando, que eu não achava que o senhor fosse atrás daqueles homem porque aqueles homem não é gente aqueles homem ali é o cão.

Daí ele disse assim?

– E a senhora acha que eles são o cão por quê?

Disse:

– Aqui, eles disse que pra o senhor acompanhar ele é obrigado o senhor fazer como ele fez.

Disse:

– Oxe! È a coisa mais fácil, e eu vou fazer, que eu tenho que acompanhar pra tomar minhas fia.

Pegou, tirou a peixeira da cintura e meteu na barriga dele e o fato dele caiu lá e ele caiu por cima /RISOS/ e acabou história.

## SÃO PEDRO, JESUS E O PREGUIÇOSO – EBR 592.2<sup>40</sup>

**Quando Deus andava pelo mundo, andava com São Pedro. Aí chegaro ni uma certa casa, batero na porta, aí respondero dentro:**

– Pode entrar.

Aí, quando abriro a porta, só tinha um rapaz bem gordão deitado ni uma rede, preguiçoso, fazendo medo! Aí ele:

– Rapaz, cadê sua mãe?

– Ah, minha mãe tá lá pra roça.

– E seu pai?

– Também tá pra roça.

– E você?

– Ah, eu tou aqui. Eu não trabalho não.

Aí foro chegando pra o rapaz:

– E que ainda tem aqui na panela?

– Tá aí. Tem uma cozinha, vocês vão, procure a panela, não é?

Aí nosso Senhor mais São Pedro procuraro a panela, a comida dele, comero e se despediro do preguiçoso. Na frente, cinco hora da manhã, encontraro uma moça trabalhando na enxada, na roça. Cinco hora da manhã, o dia rompendo! Aí nosso Senhor disse:

– Olhe, Pedro. Essa moça vai casar com aquele preguiçoso.

– Mas, Senhor, não faça uma coisa dessa, rapaz! Um cara que não se levanta nem pra beber água, e o Senhor bota pra casar com uma moça?!

– Não! Mas aí é o destino, não tem jeito não.

– Ah! O Senhor tá é brincando!

– Tou brincando não, vai casar sim.

Aí foro embora. Passado um ano, eles vão retornando pelo mesmo lugar, que batero na porta, tá o rapaz na rede. Aí disse:

– Bom dia!

– Bom dia!

– Tá só, rapaz?

– Não, eu casei.

---

<sup>40</sup> José Lúcio Cavalcante, 48 anos, Natural de Tucano-BA. Canudos-BA, 16.07.92.

– E cadê a muié?

– Tá na roça, trabalhando.

Aí São Pedro já ficou com a cara ruim:

– Mas, Senhor, cê deixar esse cara... e a mulé trabalhando! Esse home nessa rede aí...

– Pedro, isso aí é o destino. Ninguém pode mudar o destino. Onde é que tem um fogão aqui?

Pegou três pedras e formou uma trempe<sup>41</sup>. Aí colocou uma panela grande, cendeu o fogo – ele tá deitado na rede, né, a portinha de madeira fechada de vara. Aí Nosso Senhor meteu a mão ni um saco e tirou a caveira de uma pessoa. Aí o preguiçoso já olhou assim meio desconfiado. Aí Nosso Senhor pegou, botou a cabeça da pessoa na panela, cozinhou, aí comeu mais São Pedro. Comero bastante. Aí Nosso Senhor, quando terminou, disse:

– É, Pedro, hoje nós achamos a cabeça desse preguiçoso pra comer, e amanhã?

Ah, minha irmã, o preguiçoso, quando ouviu essa, levantou da rede, meteu os peito nas corda, rancou<sup>42</sup> pro lado da roça, e Nosso Senhor atrás dele, correndo. Na frente, ele pulou a cancela da roça – a mulher tava na roça – derrubou a mulé na carreira que vinha, tomou a enxada e começou a trabalhar. E Nosso Senhor subiu na porteira, disse:

– Ei, moço! Você não viu passar um preguiçoso por aí não?

Ele nem suspendeu a cabeça.

– Não, eu cheguei aqui foi cinco da manhã. Não vi passar preguiçoso nenhum aqui não!

Essa foi a primeira e derradeira vez que ele dormiu nessa rede. Nunca mais! Todo dia de manhãzinha ele ia pra roça dele trabalhar, e a mulher ficava em casa – que lugar de mulher é em casa, né?

---

<sup>41</sup> *Trempe* - s.f. conjunto de três pedras sobre o qual se assenta, ao fogo, a panela.

<sup>42</sup> *Rancou* - variante de *arrancou* (v. *arrancar*): partir ou sair com ímpeto.

## **JESUS NO MUNDO COM SÃO PEDRO: o rico ingrato – EBR 462.9<sup>43</sup>**

Aí Jesus andava no mundo, né? E passava num lugar e tinha um home, um cara pobre tinha um ranchinho! chegava, pedia um arrancho. Ele chagava:

– Venha, Venha, venha pra cá! Entre pra cá!

Não fartava nada! São Pedro e Jesus, ele dava tudo ali! São Pedro ali, dormia ali, aí, no outro dia se ia embora. Quando chegava lá adiante, São Pedro dizia:

– Mas Senhor, um homem daquele tão bom! Coração daquele homem tão bom, né? Toda vez que nós passa aqui, ele dá arrancho a nós! Cê dá um recurso aquele homem, pra aquele homem sair de dend’aquele rancho! Oh! Senhor, com a gente! O Senhor dá um recurso aquele homem!

Aí Jesus foi e disse:

– Óia, o dele é aquele mesmo! O dele é aquele rancho mesmo! Eu não posso fazer nada!

– Mas Senhor, um homem daquele! Outras pessoa ruim você tem dado a mão! Um home daquele tão bom, você não dá a mão!

Aí:

– Óia, tu quer que dar a mão? Deixe.

Passou, passou, passou; quando tava com dois ano, evém Jesus de novo mais São Pedro no mesmo lugar! Ele não tava no rancho mais.

Ele tava no palácio. Uma fazenda, gado, empregado, aí eles chegaro boca da noite batero parma na porta; não saiu ele não! Ele mandou a empregada!

– Vai, quem é que chama aí!

Aí, já falou grosso, né?

– Vai, vai aí ver quem tá aí!

Aí a empregada saiu, olhou assim, disse:

– Aquilo é um velho e um rapazinho!

– Pergunta o que é que ele quer?

– Que é que o senhor quer?

– Mocinha, eu quero pedir um arrancho aqui. Cadê o dono da fazenda, o dono daqui! Eu quero um arrancho, pra ele passar a noite!

Disse:

---

<sup>43</sup> Contado por Edvaldo Pinheiro Santos, + ou – 45 anos, natural de Fazenda Conceição/Brejões-BA. Brejões-BA 17.11.91.

– Eles teve aqui caçando um arrancho!

– Diga a ele que não tem arrancho aqui não! Diga a ele, óia, pra eles ir lá pro poleiro da galinha! Pra ele arrancar lá! Ah! E tem uma coisa! Oh! Não, né assim não! Ele tem que arrancar lá no poleiro da galinha e pisar uma saca de café à noite! E pisar uma saca de café, pra poder dormir ali no poleiro da galinha.

Aí lá vai, quando foi de noite, ele foi lá no poleiro da galinha, ficou lá, quando foi à noite, os cara chegou, disse:

– Olha, aqui uma saca de café. Você vai pisar uma saca de café, pra você poder dormir aqui tem que trabaiá.

Aí São Pedro chegou, pisou. Pegou o pilão, pisando o café, né?

E Jesus não pisou nada. Ficou quieto. Manheceu o dia, Jesus quieto lá; São Pedro pisou uma saca de café, Jesus não! A mão de São Pedro no outro dia manheceu toda cheia de calo! Toda pocada de calo. Jesus tá quieto! Tava uma saca de café, mas já ensacado, lá dando naquele tempo tinha né, o café pegado com a casa dele lá. Aí ele:

– Mas você é preguiçoso, né? Seu companheiro pisou uma saca de café. Nem uma esse véio aí não pisou! O rapazinho mais moderno pisou uma saca de café e esse mais véio aí não pisou, né?

Aí Jesus disse:

– Eu não! Eu tenho uma idéia aqui que no momento pisa mais de que isso!

– E que idéia você sabe?

Pegou o fosco, pegou em cima do café riscou o fosco, tocou no café e o fogo saiu caminhando em cima: *pá, pá, pá, pá!* O café ficou tudo lá apurado. Ele:

– Já é assim que eu vou fazer! Ah! Agora sim! Agora eu sei que eu ...

Aí despediu e foi embora, né? E come Jesus saiu e foi embora, ele já é ... com a casa dele. Ele disse:

– Agora, eu vou ..., não vou pisar café não, eu vou tocar é fogo!

Riscou o fosco e tocou. O fogo garrou. O fogo garrou com tudo e levou casa e levou café, queimou tudo, não ficou nada! Até a casa onde morava, foi tudo embora! Ele ficou na mesma coisa que era. Passou, passou, passou; quando tava com quatro ano, evém Jesus de novo. No mesmo local. Chegou mais São Pedro e tava no mesmo ranchinho que era! Chegou, pediu arrancho ... Não conheceu mais! Jesus chegou lá mudado. Deferente, né? Ele não conheceu mais! Chegou, pediu arrancho.

– Entre pra cá!

Deu arrancho, alegre a tudo, não passou mais nada. No outro dia, Jesus foi embora mais São Pedro. Chegou adiante, disse:

– O que foi que eu disse Pedro, que aquele home tem que morar naquele rancho mesmo! Ele não pode... e... que dê a mão, aquela vez que nós deu a mão a ele... eu dei a mão a ele, sabe o que ele fez com a gente? Botou a gente pra dormir dendo poleiro da galinha! O dele é aquele mesmo!

Aí terminou.

### SÃO PEDRO, JESUS E O BÊBADO – CCO 30.1<sup>44</sup>

Naquela época, Nosso Senhor andou no mundo, ia num jipe, mas não foi porque o jipe atolou né? Ele colocou o jipe pra ver a intenção do bêbado e dos trabalhador, né? Aí quando evém, umas sete horas, vem um grupo de gente /RISOS/ caminhando.

Aí São Pedro disse:

– Ó Senhor agora nós vai desatolar o carro.

Nosso Senhor disse:

– Óia, Pedro! Esse povo não vai querer perder o tempo pra tirar esse jipe porque eles são trabaiaador e que dizer eles que o tempo já passou. Aí falou, um olhou pro relógio, outro olhou, disse:

– Não, aqui agora não dá mais certo porque o horário já tá vencido e eu vou vender o dia pra fulano, e não posso, né?

Aí, foram embora, o jipe ficou dentro da lagoa. Aí foi onde Nosso Senhor olhou pra São Pedro e disse:

– Eu não lhe disse, amardiçoado o homem que vende o dia pra outro porque não sobra tempo pra nada, né?

Aí quando pensou que não, evém um zoando, vinha da festa, *ê lá lá lá* e cantando.

Jesus disse:

– Ó Pedro, nós agora vai tirar o jipe da lagoa porque aqueles bebo sobra o tempo pra tudo.

Pedro respondeu a Nosso Senhor:

– Ó, Senhor, os homem que já era trabalhador não, não nos deu assistência pra tirar o carro, aqueles bebo vai querer fazer isso?

– Cala-te Pedro que tu não sabe o que é que tá dizendo. Aqueles tem um bom coração e tem tempo pra sobrar. Quando chegou:

– Ó! Os senhores pode me dar uma mãozinha aqui pra tirar esse jipe de dentro dessa lama?

– Agora mesmo senhor! Agora, agora mesmo.

E aí só foi arregaçar a calça e cair dentro da lagoa e empurrou o jipe e Nosso Senhor foi a viagem dele. Aí Nosso Senhor vortou pra Pedro e disse:

– Tá vendo Pedro? Aí sobra o tempo e tem o bom coração.

Não é porque o cara é bebo que ele vai ter o mau coração.

---

<sup>44</sup> Contado por Felipe Neri Oliveira Santos, 52 anos, natural da fazenda Lagoa do Xaré, zona rural de Ipirá-BA. Fazenda Roça da Fazenda, Zona rural de Ipirá-BA, 25/06/2006.

## O CASO DAS LAVADEIRAS DE ROUPA – CCO 30.2<sup>45</sup>

Aí Nosso Senhor evém um dia, entrou dentro dum poço, ficou botando as mão pra fora e aí vem uma zoada, era as mulher que ia lavar roupa uma sete hora. Aí disse:

– Oia Pedro, você que ver que essas mulher não tem coração bom também?

Aí Pedro:

– Não, elas vai nos salvar, daqui de dentro.

– Não vai não.

Aí quando pensou que não as mulher chegou.

– Ô, socorro! Que o lá Ele tá aqui sem poder sair desse buraco.

O poço era fundo mesmo né? Aí elas disse:

– É, nós não pode porque nós vai lavar roupa e já tá atrasado e pode chover ou o sol esquentar também, e pra gente lavar roupa com...

– Tá vendo Pedro, que não sobra tempo pra lavadeira de roupa.

Aí de lá pra cá evém um cara conversando sozinho no caminho:

– Ê, *pá, pá*, hoje eu vou trabalhar ainda, mas ainda tá cedo.

E lá vai.

– Ó Pedro, aquele vai nos salvar de dentro do buraco.

Quando chegou de junto:

– Oh! O senhor pode dar uma mãozinha aqui?

Era um bêbado, né?

– Agora mesmo.

Jesus disse:

– Agora nós sai daqui de dentro.

Chegou. Mas Nosso Senhor tava ali porque ele queria não é? Não era... Aí ele, mais tava tão bêbado, mas pegou e teve aquela boa vontade e acabou saindo.

– Tá vendo Pedro que esse homem tem um bom coração, que ainda ia, tava lembrando de trabalhar, mas porque, queria fazer o favor de tirar...

Então foi isso que aconteceu com a história do bêbado. O bêbado, ninguém diga que o bêbado não tem salvação pra ele, que tem, não é?

PESQ: – O senhor acha que contava essas histórias por quê?

---

<sup>45</sup> Contado por Felipe Neri Oliveira Santos, 52 anos, natural da fazenda Lagoa do Xaré, zona rural de Ipirá-BA. Fazenda Roça da Fazenda, Zona rural de Ipirá-BA, 25/06/2006.

INF.: – Porque muitas vezes o povo também não quer defender o bêbado de nada não é? Aí aparece essas histórias que é pra defender um pouquinho o bêbado né? Na verdade é que o bêbado dá muita sorte né? Você vê o bêbado cair, não morrer, você vê o bêbado, se um são muitas vezes dá uma passada errada, cai quebra o braço, quebra a perna e o bebo nos vê deitar, tombar, cair em cima de toco nós diz: “Morreu”. Quando chega lá não aconteceu nada, é Deus que libra também.

PESQ. : – Agora, venha cá, o senhor acha que, porque é que as histórias é sempre de São Pedro? Não tem história dessa com São João... /RISOS/ Não, fala a verdade.

INF.: – São Pedro o povo já tem essa tradição que São Pedro andava muito mais Nosso Senhor, quando foram fazer o mundo não é? Então eu acho que toda carga cai pra cima de São Pedro /RISOS/ é por causa disso.

## JESUS PELO MUNDO – EBR 315.2<sup>46</sup>

Jesus era... passou. Jesus era vinho. Aí passou na casa da mulé – a mulé era pobrezinha, não tinha nada, mas o homem era muito rebelde, era um homem assim metido muito. Aí ele chegou, falou assim:

Ô Pedro, vai na casa daquela mulher ali, fala com ela se tem um pratinho de comida pra nós. Aí chegou lá, falou assim:

– Ô dona, o senhor ali mandou a senhora arranjar um pratinho de comida pra nós. Nós tamos com fome. Ela falou assim:

– Meu senhor, hoje nós não temos nada aqui em casa, eu só tenho a galinha do meu filho aí, mas eu vou matar pra ele comer. Ocês come sem gordura mesmo?

– Nós come. Do jeito que tiver nós come.

Aí diz que ela foi lá, pegou essa galinhazinha, matou essa galinha, fez aquela galinha sem gordura, comeram.

Tinha um punhadinho de farinha, ela falou:

– Ô moço, pode vir.

Ele disse:

– Eu vou ali chamar o senhor pra vim.

Chegou e disse:

– Ô senhor, a mulé disse pra ocê ir comer. A derradeira galinha que ela tinha, ela matou, coitadinha!

Ele disse:

– É isso mesmo.

Aí diz que um cachorro. Um cachorro branco veio e pulou em cima da mesa. Aí diz que ela falou assim:

– Ô meu Deus, o cachorrinho tá com fome!

Aí fez o pratinho do cachorro, o cachorro comeu. Botou outro pratinho com água, o cachorro bebeu.

E Pedro tá:

– Senhor, vem jantar.

– Pedro, não precisa não, já jantei.

– Mas o senhor não chegou lá. Senhor, vá jantar.

– Não, Pedro, já jantei. Vai, vai jantar.

---

<sup>46</sup> Contado por Maria José Verônica da Silva, 56 anos, natural do Espírito Santo-Vitória. Itarantirn-BA, 2304.91.

Ele veio:

– Ô dona, ele não quer vim não.

– Ele não quer Vim, o cachorrinho já comeu. Então ocê come.

Aí ele comeu aquela comidinha. Agradeceu e saiu. Aí foi dormir. Aí o home falou assim:

– Mas essa mulé é burra. Mulé burra e ignorante. Tu matou a derradeira galinha que tinha no terreiro pra aqueles preguiçosos, malandros comer, mulé?

– Mas, meu velho, não faz isso não, meu velho. Não faz isso não. Diz que quando Jesus veio pelo mundo, ele veio um veinho; ninguém não sabe que Deus, heim!

– Que Deus coisa nenhuma! Você é muito tola.

Aí ele saiu. Essa muler foi dormir. Dormiu. Ai diz que quando foi no outro dia que a muler abriu a porta... Mas diz que tinha uma galinha no terreiro, galinha, galinha, mas diz que gorda, mas diz que uma casa muito bonita, mas diz que só vendo como é que tava aqueles trem bonito. Aí diz que veio a comadre dela e falou assim:

– Ô comadre, mas o que é isso? A senhora era tão pobrezinha, peigrina e tá desse jeito hoje?!

– Mas minha senhora, foi um véio que passou aqui. Um véio e um home novo, pediu uma comida e não tinha, matei a derradeira galinha do quintal, depois quando eu acordei, tava assim.

Ela disse:

– Pois, quando ele passar ocê manda passar lá em casa.

Aí quando foi no outro dia, évém Jesus outra vez. Vai passando nessa casa. Ai diz que o homem tava lá jogando sinuque. Aí São Pedro falou assim:

– Ô meu senhor, o moço ali mandou o senhor ranjar uma dormida pra ele.

O homem falou:

– Ô, fala que aqui não tem dormida pra malandro não. Ocês entra no galinheiro das galinha ali e fica lá. Daqui a pouco eu vou lá.

Aí diz que eles entrou no galinheiro da galinha e ficou. Aí depois, quando esse home tenninou lá, chegou, falou:

– Ói, quando eu tiver jogando minha sinuca, não gosto que ninguém me amole. Ói, ocês deita aqui nessa cama, aí nesse galinheiro. Aí forra com um saco de estopa e deita aí.

Aí diz que Nosso Senhor falou assim:

– Ó Pedro, ocê deita aí no meio, na beirinha, que eu deito aqui no canto.

Aí diz que esse home chegou lá, panhou uma chibata e chegou ni Pedro, mas deu uma surra em Pedro! Bateu em Pedro, bateu, bateu. Aí Pedro:

– Ô senhor, olha o que a gente veio arranjar aqui!

– Agora passa pro canto, filho.

Aí Jesus foi, deitou na beirada. Aí diz que quando passou uma hora veio outra vez no do canto diz que baixou, bateu, bateu, bateu, bateu muito mesmo. Aí diz que Pedro falou assim:

– Mas senhor, o que é que nós veio ranjar aqui?

Senhor:

– É isso mesmo, Pedro. Todo mundo pra você é bom!

Quando foi no outro dia, ele disse:

– Vai lá perguntar ao homem quanto foi a dormida, Pedro.

Pedro falou assim:

– Ô moço, o senhor ali disse quanto é a dormida.

– A dormida de vocês vai custar cara. É pra vocês encher mil sacos de anoz. Enquanto vocês não encher, ocês não vai embora. E toma a sacaria e leva.

Aí Pedro veio chorando:

– Mas ói, senhor, enquanto nós não encher mil sacos de arroz nós não vai embora.

– Ah, Pedro! Isso não é nada não. Abre esse saco tudo aí no chão Abre o saco.

Aí Pedro abriu o saco.

Agora ocê risca um palito de fosco<sup>47</sup> e joga no meio do arroz.

Ai, senhor! Não faço isso não.

– Joga, Pedro.

– Não faço isso não. Aquele homem vai matar nós.

Aí o Senhor pegou riscou o fosco, *pem!* Encheu os saco tudo de arroz.

– Agora risca outro e joga em cima do saco.

Aí São Pedro riscou, jogou em cima do saco. Costurou tudo.

– Vai lá e diz a ele que venha receber o arroz.

Aí, quando chegou lá, o home:

– Mas ocês Já encheu aquele saco de arroz? Não acredito. Chegar lá, eu vou dar outra surra em vocês se ocês não ensacou aquele saco de arroz tudo.

Quando chegou tava tudo ensacado.

---

<sup>47</sup> Fosco - Variante de fósforo.

– Tá muito bom. Pode ir embora.

Aí diz que ainda deu uma porreada nele. Aí diz que foram embora, foram embora. Aí diz que quando foi de tarde, já começou a morrer vaca do home, começou a morrer vaca, morrer vaca começou a morrer porco, começou a morrer galinha... Daqui a pouco a muié doeceu, o filho doeceu, ele também doeceu... Aí diz que daqui a pouco ele ficou nas esmola. Já não tinha nada mais pra comer. Diz que ficou pedindo esmola a um e a outro e ficou nessa luta até que morreu.

## SÃO PEDRO TROCA FEZES POR UMA BOIADA – EBR 172.7<sup>48</sup>

Diz que São Pedro evai andando, né, na estrada, andando pra muito longe. E ele, diz que fraco, não tinha condição né? Aí disse que ele:

– Ô, meu Deus, como é que vai fazer, ele não alcança, não tem condição? Mas ele agora pensou o que ele vai fazer.

Aí se abaixou né? Fez o trabaio ali, ele muito estripulento, cobriu com o chapéu. Aí evém uma boiada de gado. E ele tá:

– Fique aqui barrigudo, fica queto passo bicudo!

Aí os home da vaca:

– O que é Pedro que você tá fazendo aí, chamando o chapéu e dizendo “fica queto aí barrigudo?”

Ele:

– Ah moço! É um passarim caro, caro, que eu peguei. Você precisa de ver como esse passarinho é caro.

Aí ele:

– Você não quer um boi nele não?

– Que! Se você me dê uma boiada toda eu não quero, que será um boi.

Aí ele:

– Não moço. Toma então, toma a boiada toda. Eu lhe dou a boiada e fico com o passo bicudo.

Ele fez:

– Mas tem uma, você só pode arribar o chapéu depois que eu tiver com a boiada bem longe.

Aí ele foi embora. Aí quando o homem cá atrás arribou o chapéu o que tinha era um cocô debaixo, né? Aí era uma feia, aí os homem:

– Ah, eu vou atrás de Pedro, no lugar que Pedro tiver eu vou buscar ele.

Aí lá diante ele vendeu a boiada né? Vendeu e tirou uma varona bem afinada, né? Diz que limpou assim tudo e diz que ficou em pé na estrada com a vara pra cima, bem longe.

Aí pensou que não, evém um cavaleiro lá, correndo, correndo aí conheceu que era ele:

– Pedro, que trabaio foi aquele que você fez comigo?

E contou o causo pra ele, o que ele tinha fazido, né? Aí disse a São Pedro:

---

<sup>48</sup> Contado por Iraci de Jesus Silva, 36 anos, natural de Limeira-BA. Cabeceira de Limeira /Vitória da Conquista-BA, 13.01.91.

– Cadê? Eu vim atrás de minha boiada que eu troquei no passo bicudo e cadê?

– Suas boiada avoou tudo aqui pra cima eu tô com a vara aqui esperando mode eu aparar tudo na ponta da vara.

Aí os homem voltou pra trás sem graça.

PESQ: – Como vocês chamam essa história?

INF: – Nós chama ... a história de Pedro quando andava no mundo, né? Que fazia muita estripulia.

## JESUS E O HOMEM BOM – EBR 174.2<sup>49</sup>

Quando Deus andava no mundo mais São Pedro, ele todo feridim, todo cheio de lepra. Aí chegou numa casa e pediu ao homem um agasaio. Aí o homem deu o agasaio e a muié não quis:

– Aqui mesmo não, que eu não boto ele. Não bote ele aqui não, que eu não quero.

Aí virou:

– Bote naquele poleiro de galinha.

Aí o marido dela fez um rolo e botou Deus Nosso Senhor no poleiro de galinha com uma esteira veia. Aí ela veio ... ela cozinhou uns peixe. Quando ela tava comendo os peixe, engasgou, engasgou com a espinha de peixe:

– Acode, fulano, acode, acode, acode!

Ela virou:

– Vai lá no poleiro da galinha, às vez aquele véi sabe rezar.

Aí o marido foi. Aí Deus Nosso Senhor falou:

*home bom, muié má.*

*Casa véia, esteira rota pra o Senhor São Brás deitar.*

*Ou sobe ou desce esse engasgo*

*com os poderes de Deus e a Virgem Maria.*

Foi que sarou, que ela desengasgou.

INF.: – Foi se valer, porque eu não faço pouco de ninguém, pode ser ferida, pode feder, e eu limpo aquilo tudo lá, meu estômago não embruia, né, Nadia? Não faço pouco de ninguém.

---

<sup>49</sup> Contado por Maria Vitória de Jesus, 88 anos, natural de Caetité-BA. Cabeceira de Limeira/Vitória da Conquista-BA, 13.01.91.

## A MULTIPLICAÇÃO DOS ALIMENTOS – EBR 80.6<sup>50</sup>

Olhe que Jesus andava no mundo, né, mais os doze apóstolos. E ele andava pregoando os sermão dele, ensinando os concílios<sup>51</sup>: o que fazia, o que não fazia. Terminou, ele parou numa parte, dentro de umas mata tremenda! E acontece que vinha formando uma trovoadá, nuvem grande. Aí Jesus disse:

– Pedro, vai chover muito! Vai cair uma tromba de água aí. Vai chover muito. Como é que nós pode passar essa chuva?

Aí São Pedro, muito inteligente, São Pedro chegou, pegou um pé de itapicuru<sup>52</sup>, que tinha mais ou meno uns três quilômetros de artura, aí subiu no itapicuru. Chegou, olhou no fim do mundo, lá viu, como daqui no quatorze<sup>53</sup>, viu, uma fumacinha. Aí Pedro desceu. Ele disse:

– Vambora, Jesus, vambora que nós vamo aqui no caminho.

Seguiram, seguiram, seguiram, seguiram... Chegou lá na casa de um velhinho. Casinha de palha, casinha de palha, um ranchinho mesmo do velho. Aí:

– Seu véio, você me dá um arrancho aqui pra passar a noite?

Disse:

– Eu dou, mas minha casinha é pequenininha, aqui só cabe um ou dois ou três ou quatro.

– Não, meu véio, onde cabe quatro, cinco, seis, cabe todo mundo.

Aí Jesus chegou com aqueles doze apóstolo.

– Ah, vocês vieram invadir minha casa?! Ei, que é isso assim?! Minha casa não dá... não cabe... pra ninguém.

Jesus, acomodado, aí disse:

– Ei, aqui cabe todo mundo, véio.

O véio foi pro lado de fora, zangado. Aí Jesus foi acomodando o véio.

– Entre pra cá, véio, entre pra cá e tal...

O véio entrou. Quando o véio cabou de entrar pra dentro de casa, Jesus se acomodou, e tal e coisa, passaram a noite. No outro dia de manhã cedo, Jesus:

<sup>50</sup> Contado por Alfredo Alexandre do Carmo, 65 anos, natural de Feira de Santana-BA. Pedra da Canoa/Feira de Santana-BA, 02.12.89.

<sup>51</sup> *Concílio* - usado na acepção de conselho.

<sup>52</sup> *Itapicuru* - s.m. árvore de grande porte da família das leguminosas, natural das florestas da Bahia e do Espírito Santo.

<sup>53</sup> *Quatorze* - localidade situada no quilômetro quatorze da estrada.

– Ô véio, que é que tem de se comer?

– O que é que eu tenho de comer?! Nada. Deram um punhado de farinha à gente, acabou, não sei se tem meio litro de farinha no saco.

– Vá buscar, véio.

– Vá buscar?! Vão panhar. Cês invadiram minha casa, vão panhar! Não, Senhor.

Aí acomodou o véio, o velho panhou. Aí Jesus meteu a mão no saco. Quando suspendeu a mão, o saquinho tava cheio até em cima de farinha.

– O que é que tem mais, véio? – o véio ficou mais alegre. – O que é que tem mais, véio?

– Eu tenho um cachinho de uva que me deram aí.

– Vá buscar.

O véio buscou. Jesus suspendeu a mão, caiu um canto<sup>54</sup> de uva, até em cima cheio de uva.

– E que é que tem mais, véio?

– Ah, tem um restinho de água aí.

Aí Jesus meteu a mão no pote. Quando chega, o potinho, tá cheio até em cima.

– Que é que cê quer mais, véio?

– Eu?! Não quero mais nada. Ói: farinha eu tenho pra perder; uva eu tenho pra perder; água eu tenho pra passar mais de trinta dia. Não quero nada do Senhor mais não.

– Peça uma coisa, véio!

– Ah, eu só quero uma coisa: que toda parada<sup>55</sup> que eu jogar, eu ganhar.

– Ah véio! Não, isso não ensino não. Isso não, peça outra coisa.

– Não, Senhor. Só quero é isso.

– Não, véio.

– Só quero essa parada, só quero isso.

Aí insistiu, até que Jesus:

– Tá bom. Ói véio, vou lhe dar, mas é o seguinte: você só ganha um vintém. Toda parada que você jogar, só ganha um vintém.

– Tá certo.

---

<sup>54</sup> *Canto* - variante de *cântaro*.

<sup>55</sup> *Parada* - s.f. partida relativa a jogo.

Aí ficou o véio. Todo jogo, o véio aí matava a feira. Tinha um jogador de fama, o véio matava a feira; um vintém, matava a feira. Vem mais outro, lá vai, matava a feira; e lá vai, lá vai, ficou o velho número um. Aí, quando o véio doeceu, o véio pediu os amigo:

– Ói, quando ele<sup>56</sup> morrer, quero que vocês bote o baralho dele dentro do caixão.

Aí o véio doente. E lá vai, lá vai, o véio morreu. Quando o véio morreu, os amigo, uns queria que botasse, outros não queria.

– Não, mas o velho pediu, bota o baralho dentro do caixão.

Aí botou o baralho no caixão. Aí enterrou o véio. Aí o véio subiu. Quando chegou lá em cima, aí o véio... Evinha Satanás com as arma<sup>57</sup> que foi pro céu – que não passou – vortando. Aí, aí o véio disse:

– Ó, vamo jogar uma arma dessa com a dele?

Aí Satanás gritou:

– Vambora! Vambora!

Aí meteu mão no baralho, *pá, pá!*... o velho nove, uma pra trás; nove, outra pra trás. Assim ganhou as arma tudo. Quando ganhou as arma tudo, aí o Satanás ficou com o olho comprido. Ele subiu pro céu. Quando chegou na porta do céu: *tum-tum-tum-tum!*

Aí São Pedro veio atender. Quando veio:

– Ó véio, você tá por aqui?!

– É eu mesmo.

– Entre pra cá, véio.

Aí as arma veio atrás.

– Não, véio, essas arma não vão entrar aqui não!

– Por quê?! Essas arma não entra aqui? Por quê? Quando você chegou ni minha casa, o que foi que você disse? O lugar que cabia um, cabia dois, cabia três, cabia doze. E como coube em minha casa e agora não pode caber?!

É a única que eu trouxe pra vocês, é, foi essa!

---

<sup>56</sup> *Ele* - usado em lugar de *eu* como recurso que pretende afastar do enunciador algo que ele não deseja assumir.

<sup>57</sup> *Arma* - variante de *alma*.

## **JESUS, SÃO PEDRO E O JOGADOR – CCO49.6<sup>58</sup>**

É de Jesus. Jesus andava no mundo com seis discípulos mais ele. Seis... Aí diz que Jesus disse assim:

– Pedro! Hoje nós vamo pousar na casa de Antônio.

Aí diz que Jesus disse assim:

– Mas ói, Pedro, pra ele receber nós, é de dois em dois. Se nós ir duma vez, ele num recebe não porque ele só tá numa banca de jogo e num dá assunto a ninguém.

Jesus mandou dois.

– Ô, Seu Antônio, dá um pouso pra nós essa noite.

Diz que ele disse:

– Tudo bem. Vai entrando e vai sentando.

Depois evém mais dois, tornou falar o mesmo. Depois evém mais dois, tornou falar o mesmo. Depois veio Jesus. Quando Jesus chegou:

– Ê, Seu Antônio, dá um pouso pra nós.

– Entra e vai sentando.

E esse home garrado no jogo. Quando terminou o jogo, ele entrou pra dentro, disse assim:

– Ê, mulher! O que tem aí pra janta, põe aí pra nós.

Disse que a mulher respondeu:

– Ô, moço, aqui só tem dois pão e dois cacho de uva. Pra comer quantas pessoa?

Ele disse:

– Mas tá bom, põe aí que todo mundo belisca.

– Quando Jesus sentou na mesa mais ele, diz que esses dois pão foi, foi rendendo pão, foi rendendo pão, foi rendendo pão e foi rendendo uva, uva, e não acabava mais. Todo mundo comeu que ficou farto. E quando acabava, diz que Jesus disse:

– Agora, ricolhe e guarda pra amanhã.

Diz que ainda sobrou dois cestos cheio.

INF.: – Num foi bonita?

PESQ.: – Bonita. Quer dizer: multiplicou.

INF.: – Multiplicou. Sim. Aí agora quando saiu, diz que olhou pra, pra ele e disse assim:

– Ô, meu amigo, quanto você vai cobrar de nós?

– Eu num cobro nada, minha vida é essa. É ajudar também quem precisa.

---

<sup>58</sup> Contado por Otilia Ferreira de Souza, 62 anos, natural de Velame/Seabra-BA. Velame/Seabra-BA, 10.02.06.

Aí diz que diz que andaram, e aí lá diante, aí Jesus:

– Ê, Pedro, volta lá e procura ele, o que é que ele quer, o que ele deseja na vida dele?

Diz que Pedro chegou:

– Ê, seu Antônio, o que é que você deseja mais na sua vida?

– Olha, você diga a esse home que tá com você que o que eu desejo na minha vida é na banca de jogo que eu sentar, eu num perder nada, só sair ganhando e ninguém não me tirar do lugar. Toda hora que eu sentar pra jogar, eu ganhar.

Aí diz que, que Pedro.

– Olha, Jesus, diz que só quer que na banca de jogo que ele sentar, diz que ele num perdesse, só ganhar.

E aí, diz que Jesus disse assim:

– Foi isso, Pedro?

– Foi.

– Pois tá bom.

Aí diz que toda hora que jogava, ganhava. Toda hora que jogava, ganhava. Toda hora que jogava, ganhava. Aí agora logo, logo esse home foi e morreu. Quando esse home subiu, que chegou lá, que viu que São Pedro abriu a porta:

– Ah! Você num entra aqui não que você era o jogador.

Disse que ele respondeu:

– Que isso, Pedro! Aquela, aquele negócio que eu pedi foi de onde sentar, ninguém me tirar.

Diz que Jesus disse:

– Manda entrar, Pedro.

Diz que ele foi e sentou na cadeira de São Pedro. Quando sentou na cadeira de São Pedro, diz que São Pedro disse:

– Sai daí, que essa daí é minha!

Diz que Jesus respondeu:

– Pedro, tu não lembra do pedido dele que aonde ele sentasse, ninguém tirasse? Então procura outro pra você, deixa ele no seu lugar.

PESQ.: – A senhora aprendeu como essa?

INF.: – Com os pais da gente, aqueles velho. E outas pessoas velha assim, vizinho também. Naquele tempo num tinha televisão, num tinha nada, quando dava uma boca de noite sentava assim na fresca, era só pra contar história.

PESQ.: – A senhora ia ouvindo e foi aprendendo.

INF.: – Ouvindo e aprendendo

## SÃO PEDRO E JESUS – CCO 70.5<sup>59</sup>

São Pedro quando andava no mundo mais Jesus, ele viajava mais Jesus, quando chegou numa casa, disse que tinha uma mulher que tinha matado uma galinha, (tá compreendendo?), tinha matado uma galinha. Ele chegou, mas a mulher também não sabia nem que era Deus e nem que era São Pedro. O marido dela era bom, porque da galinha que ela matou, ele disse:

– Ô, mulher, dá ao menos um oiozinho a eles.

– Dou não, você fica sem comer?

– Não.

– Não dou não.

Mas São Pedro e Deus tava sabendo disso. São Pedro e Deus tava sabendo de tudo que tava... daí, ele disse:

– Sabe de uma coisa? Não vai me dar não.

Pegou e viajou. São Pedro e Deus. A mulher cá foi comer a galinha.

O véio já tinha viajado um quilômetro a mais, ele correu atrás do véio.

– Ei, ei,ei veio! É a mulher que engasgou lá.

– Mas eu não vou. Eu sei que ela engasgou, que eu vi a hora que ela engasgou, mas eu não vou. (Que era Deus, ele sabia de tudo, né?).

Daí, ele diz:

– Eu não vou! Eu vou lhe ensinar um remédio, a reza, pra você rezar ela. Eu não vou não.

– Apois, me ensina.

– Você fala assim:

*“Homem bom, mulher má.*

*Esteira rota, pra São Brás deitar.*

*Ou sobe ou desce, tem que desengasgar.”*

– Você fala essa três palavras, na última o osso pula lá.

Ele disse:

– Eu não vou saber não.

Diz:

---

<sup>59</sup> Contado por Sinfrônio Gonçalves de Araújo, 95 anos, natural de Baraúna/Boninal-BA. Boninal-BA. 10.02.06.

– Óia, (porque a mulher era ruim, né? Porque negou o ói da galinha), falou e disse assim:

– Mulher ruim, não.

*“Homem bom e mulher má.  
Esteira rota, pra São Brás deitar.”*

Que ela deu a Deus uma esteira rota pra ele deitar, toda cheia de buraco e tudo.

*Ou sobe ou desce, tem que desengasgar!*

Quando ele chegou lá que rezou, disse:

– Ele não veio não, mas me ensinou a reza, eu vou lhe rezar.

Quando tava na última reza, palavra, o osso saiu. Disse:

– Tá bom. Desengasgou.

Aí, agora ficou essa reza. A reza de desengasgar é essa:

*“Homem bom, mulher má.  
Esteira rota, pra São Brás deitar.  
Ou sobe ou desce, tem que desengasgar.”*

A reza de desengasgação é essa que ele deixou. Fazendo assim, desengasga...

Daí, Deus foi embora. Quando chegou num rio, o rio tava cheio e Pedro querendo, querendo passar. Jesus Disse:

– Ó, Pedro, o rio tá cheio.

– Não, Senhor, vamos entrar.

– Não entra não Pedro que ocê morre.

Ele tinha uns pau assim, que era cana. Ele disse:

– Você pega aquele pau ali, você torce e bebe, bebe a cana apurada, a cachaça.

Ele bebeu:

– Vambora Deus. Vambora descer o rio...

– Não vai não que você morre.

Deus fez assim, o rio parou, fez um salão, né? Que nem uma ponte de cimento, fez assim, todo mundo passou, ele e Deus passou. Quando ele passou o rio tornou a panhar marcha *bêeeeeee!* encheu outra vez. Bom, quando chegou do outro lado, Deus falou:

– Ô, Pedro, eu tô com vontade de comer um moio de peixe, e nós podia pegar um peixinho pra fazer um moio. Uai, eu vou inventar um anzol pra ocê pescar. Fez um anzol e deu a Pedro, disse:

– Leva essas seis isca, mas acho que não precisa das seis isca, chegando lá abasta uma, eu sei que dá.

Mas os peixinho era pequeno, pegou três, todas três isca, pegou três peixe. Bom, o que tinha ele pegou, fez o molho dos dois, ficou um, ele diz:

– É, Pedro, nós vamos botar esse peixe aqui, debaixo dessa laje, com um ano que nós passar aqui, ele tá grande, dá um moio pra nós.

– Ô, Senhor, mas esse peixe morre, ele fica no seco.

– Não morre não, Pedro.

– Quando nós chegar aqui ele tá grande.

Bom, aí, ele fez. Botou o peixe aí debaixo e rompeu. Rompeu pra adiante. Quando chegou lá adiante tinha um povo carregando mandioca na cabeça de três léguas pra fazer farinha, ele disse:

– Moço, você está fazendo... carregando mandioca assim de longe.

Ele disse:

– Tô, eu não tenho animal.

Disse, mas o homem da primeira casa que eles passaram ia atirar neles que coisa, era um ladrão, mas o homem virou um cavalo e ele puxou mais São Pedro esse cavalo, até lá. Quando chegou lá, diz:

– Eu vou levando aqui um cavalo, que é muito bom pra carga.

– Ah, meu Senhor, meu amigo, mas não tem cangaia, não tem nada.

– Não, eu vou procurar uma cangaia pra ocê trabalhar e castigar o cavalo.

Ele pegou o cavalo e diz:

– Daqui um ano eu passo aqui. Toda viagem que der no cavalo é dois vintém, você vai botando, não faia. Com um ano, eu passo aqui, conto o dinheiro. Todo dia ocês trabaia e bota dois vintém.

Bom, botava dois vintém, trabaia. E botava carga no cavalo, botava mandioca no meio que era aquele cargão, tinha hora que batia no cavalo, o cavalo dava pra dar coice. E

tudo, pra romper, viajava. No outro dia, o povo tornava a fazer, carregava mandioca e foi indo assim, foi indo assim. Quando eles chegaram nesse rio que tava o peixe, diz:

– Ói, Pedro, esse peixe aí assim já tá grande, dá um moio pra nós.

– Mas, Senhor, cadê... a laje tá subindo pra dá cabo dele, ficou grande que subiu.

Chegou, pegou o bicho, cortou fez o moio e tudo, e comeu. Quando chegou nessa casa de farinha, que passou que fez um ano, ele disse:

– Cadê?

Disse:

– Tá tudo aí, mas o cavalo tá pisado.

– Não tem problema.

Contou o dinheiro, tava certo. Disse:

– Olhe, São Pedro... ói, Pedro, você tem que levar essa cumbuca de dinheiro, vamos fazer um jeito de levar esse dinheiro que tá pesado.

Botou tudo no cavalo e puxou, quando chegou na casa dessa mulher, da galinha disse:

– Cadê seu marido?

Diz:

– Ah, daquele tempo que o Senhor passou aqui, nunca mais ele apareceu.

Quando o homem chegou lá, tava mais novo ainda do que quando saiu. Jesus falou assim:

– Você vendo ele conhece?

– Conheço.

– A pôs vai, vai lá ver sua mulher, vai.

Chegou lá viu a mulher, abraçou.

– Onde é que você andava?

– Por aí, trabalhando e tal.

Deus disse:

– Ó, meu filho, você não faz aquilo mais não, aquilo é muito feio. Aqui é seu, foi você que ganhou, hein? Aqui, você pode comer, mas não vai fazer aquilo não, botar gente pra atirar, aquilo é muito feio.

O homem falou:

– Ói, de agora em diante, nem a paia do cigarro dos outro eu quero aqui em casa.

Porque eu sofri demais. E eu sofri, mas agora coisa dos outro não quero de jeito nenhum.

O homem foi trabalhar, o homem ficou muito trabalhador. Trabalhou, a casa encheu de coisa e tudo, que era preguiçoso, só vivia roubando, mas ele caprichou, mas não roubava de

ninguém, mais nada, nem uma paia de cigarro ele não tirava nem apanhava dos outro. O homem ficou bem de vida e tudo, porque não queria nada dos outro e trabaiava muito. Aí, ele dizia:

– É, tá certo. Coisa dos outro não presta não.

Bom, aí, ele vortou, foi embora. E foi trabaiar a vida toda e aí enriqueceu porque trabalhava muito, deu pra comprar casa e tudo.

## QUANDO JESUS ANDAVA PELO MUNDO MAIS SÃO PEDRO – EBR 288.1<sup>60</sup>

Então Jesus, é quando ele veio a sua vida né? E que ele foi fazer visitas aos enfermos. Ele andava. Ele e Pedro no mundo. Aí todos os cantos, aquelas casas pobres que cristo passava Pedro não gostava.

– Mas Senhor, porque você não passa em casa rica, só passa em casa pobre?

O Senhor dizia pra ele:

– Pedro, Pedro, não é assim. Nós temos que acolher os pobres que precisa de nós. Os ricos não precisa de nós.

Aí ele dizia:

– Ah, Senhor, aí a gente só fica nessa vida de não ter assim uma boa dormida. Não tem uma boa comida porque o Senhor só procura gente pobre, Senhor.

O Senhor dizia, reclamava ele:

– Pedro não pode ser assim.

– Passaram na casa de uma pobre viúva, com doze filhos. Aí Pedro chegou, disse:

– Mas, Senhor, que tanto menino!

O Senhor disse:

– É Pedro, aqui é muita criança.

Aí perguntou a ela:

– A senhora tem marido?

Ela disse:

– Sou viúva, senhor. Eu sou viúva.

O Senhor disse:

– E como é que você cria tanto filho?

Ela disse:

– Com os poder de Cristo. Amando Cristo, em presença dele, né? Com os poder de cristo.

Aí o senhor disse assim. Disse:

– É, os milagres ajuda, os milagres ajuda.

Continuou a conversar com ela. Quando foi lá tarde da noite. Aí tarde da noite o Senhor sentou, disse:

– Pedro, eu vou matar essa mulher.

---

<sup>60</sup> Contado por Narcisa Ricarda dos santos, 49 anos, natural de Jordânia-MG. Itapetinga-BA, 22.03.93.

Ele disse:

– Mas Senhor. O Senhor daria a morte pra essa mulher e os filhos dela, quem cria?

Ele disse:

– Vão todos criado.

A mulher sentiu uma dor, né, e morreu. Pedro ficou contrariado com o Senhor.

– Senhor, mas Senhor tu mataste essa mulher, Senhor, e essas crianças?

Amanheceu o dia o Senhor deixou ela, e os filhinhos tudo chorando, né, e seguiu viagem mais Pedro. Quando chegou a diante tinha uma pedra.

Aí Pedro disse:

– Senhor, esta pedra é tão pesada!

Ele disse:

– Vire esta pedra, Pedro. Tô mandando.

Pedro virou a pedra, né, debaixo da pedra tava cheio de sapinho, sapinho tudo com as barriguinhas cheias, lumiando.

Ele disse:

– Senhor que o que é que isso come que está com a barriga tão cheia?

O Senhor disse:

– Milagre Pedro. Ocê não está vendo como está esses bichinhos com as barrigas cheia?

Então assim vai ser os filhos daquela viúva. Vão criar todos assim.

Pedro:

– Senhor, mas ali é pobre demais.

O senhor disse:

– Pedro, cale a boca e vamos.

Quando chegou adiante viajaram, viajaram, tá uma mulher com uma boca bem grande xingando, xingando aqueles nomes horríveis, né, aqueles escândalos. Aí Pedro olhou assim para o Senhor.

– Senhor, vamos passar ali na casa daquela mulher?

O Senhor abençoou ela né? Aí ribou a mão e disse:

– Deus te abençoe!

A í Pedro disse:

– Como é que o senhor abençoa uma pessoa daquela? A mulher com uma boca daquelas. Xingando tanto!

Cristo olhou pra ele e disse:

– Pedro, ela só fala na boca, mas o coração é bom. Eu abençoei ela. Ela não vai xingar mais.

Foram. Quando chegou na frente encontraram um pessoal. O Senhor deu boa tarde, pediu água né. Aí o pessoal saiu é receberam o Cristo. Aí o Senhor excomungou aquela casa. Pedro disse:

– Mas Senhor. O Senhor está errado. Aquela mulher que taba xingando tanto o senhor não excomungou. Esse pessoal tão bom, senhor. Nos ofereceu comida, água, nos deu água. Pessoal tudo calado. E ocê excomungou esse pessoal? Por que o Senhor fez isso?

Ele disse:

– Pedro, você vê cara, mas não vê coração. Vamos em frente.

Aí o Senhor disse:

– Hoje eu vou satisfazer a vontade de Pedro.

Foram. Quando chegaram na frente, uma sede bem bonita, né? O pessoal tudo rico. Aí ele chegou bateu palma. O pessoal saíram. Aí o Senhor pediu uma dormida. A mulher disse:

– Marido, o velho quer uma dormida mais o rapaz.

Ele disse:

– Manda dormir lá, tem canto aí, dá uma dormida a ele.

A mulher disse:

– Ó, meu senhor, só tem aquele cantinho lá. Se aquela casinha lhe servir. O senhor e o seu colega, seu amigo, tá lá.

O Senhor disse:

– Serve minha filha. nós vai pra lá.

Aí foram pra aquela casinha.

Era um poleiro velho de galinha, deixado. Aí quando foi de noite o frio acochou, né, o frio acochou. Aí Pedro ficou todo desenhado.

– Mas Senhor, essa mulher com uma casa daquela, com tanta coisa, senhor e nos botou no poleiro de galinha.

O Senhor disse:

– Pedro, ainda tem mais coisa, Pedro. Cale tua boca Pedro.

Aí Pedro olhou assim, disse:

– É Senhor tudo que o Senhor quer que eu faça eu faço.

Aí continuaram, passaram a noite. Quando foi no outro dia cedo. Aí:

– Vombora, Senhor.

– Não, nós vai depois de meio-dia. Nós vai esperar o almoço.

Foi meio-dia veio assim aquele resto de comida, sem mistura. Aí Cristo comeu. Pedro disse assim:

– Não como não.

Cristo disse:

– Coma Pedro. É pão, coma.

Ele comeu aquela comida todo mal satisfeito, né? Aí o senhor deu os pratinhos a ela, agradeceu.

– Deus te abençoe! Vambora Pedro?

– Ah! Senhor, agora?

Foram. Aí quando Jesus já vai um pedaço bom, né? Evai alguém atrás chama Cristo. Que a mulher foi comer um peixe e a espinha travessou na garganta. Aí ele disse assim:

– Ó, velho, tu não sabe rezar não?

O senhor disse:

– Sei. A sua mulher tá engasgada?

Ele disse.

– É.

Disse:

– Olhe, volte pra trás. Quando você chegar lá, ela já está desengasgada.

Aí rezou pra ele. Disse:

– Óia, isto:

*Poleiro de galinha, caroço de feijão sem sal,  
amargura e mágoa ninguém se guarda.*

*Assim pelo mal passar*

*a espinha na garganta de tua mulher haverá de arretirar.*

– Vai-te embora.

Aí o homem veio embora, né? Quando chegou cá a mulher tava desingasgada. Aí ela disse:

– Marido, vá atrás daquele homem. Que nós não pode ficar sem aquele homem.

O homem foi atrás de Cristo, né? Quando chegou o Senhor disse:

– Eu, se o senhor fosse pobre eu ficaria com o senhorr, mas como o senhor é rico eu não quero o senhor.

Aí Pedro azoou:

– Senhor, ele tomou fé na tua reza senhor. Vumbora voltar.

O senhor disse:

– Não Pedro. Eu não volto lá. Vumbora.

Foram em frente, né? Quando chegou uma viúva só tinha uma vaquinha, né? Pegou aquela vaquinha, matou aquela vaquinha. Fez um jantar bom para o Senhor, pra Pedro. E tirou o colchão da cama dela, forrou fez uma cama pra o senhor dormir com Pedro. Aí Pedro disse:

– Senhor, hoje de quando nós anda, hoje é que topamos a vida.

O Senhor disse:

– Ah! Pedro. Coração bom é assim.

Cabou, mandou ela juntar aquela ossaiadinha da vaca e mandou jogar no curral e quando foi meia-noite o senhor caiu fora mais Pedro.

– Pedro, Vumbora.

– Mas Senhor, o que o Senhor fizeste de mal com esse pessoal?

O Senhor disse:

– Não faço mal a ninguém. Vumbora.

Aí partiu a noite, né? Foram embora. Aí quando a mulher manheceu o dia, né, manheceu aquela riqueza. A mulher disse:

– Mas eu só tinha uma vaca. Essa só eu matei. Meu filho tava com fome, três dias sem comer. Aquele velho chegou na minha casa não tinha nada que dá pra comer e hoje eu manheço numa riqueza desta.

Aí ela tinha um filho, né, criança com três anos de idade. Disse:

– Mãe, aquele homem é o Salvador. Foi ele que nos deu essa riqueza.

Ela pensou, disse:

– É, vumbora zelar do que tem porque só tem nós aqui. No dia que ele aparecer nós pergunta a ele porque essa riqueza. E aí ficou essa viúva rica e aí agora o Senhor só foi castigar Pedro, né? Deu tudo que essa senhora merecia e foi. Quando chegaram adiante e... Pedro quando via uma banca de jogo ficava ansioso, né?

– Não senhor, vumbora pra ali senhor.

Ali tem tudo é... o senhor tá vendo ali tanta gente.

– Vumbora, Pedro.

Chegava é... aquelas bancadas de jogo, né, e Pedro só queria dormir ali e perto daquele jogo. Aí o senhor:

– Pedro, você vai sofrer Pedro.

– Vou não senhor. O senhor vê, Senhor, esses homens tá ganhando dinheiro e nós aqui sem nenhum tostão.

Senhor:

– Pedro esse dinheiro nos faz mal. Esse dinheiro não é o certo.

– Mas Senhor, com tanto dinheiro, Senhor.

– Tá bom, Pedro.

Passaram a primeira casa, Pedro não apanhou. Na segunda ficava a sala de jogo e fizeram a cama de Pedro e do senhor aí, já era em outra casa. Aí os homens continua jogando. E um só tava ganhando bastante dinheiro. Disse:

– Olha esse homem aí tá me dando bastante sorte. O outro que tava perdendo o jogo, e Pedro de olho duro no jogo, né. O Senhor disse:

– Pedro, passe pra cá Pedro:

– Não Senhor, eu quero ficar aqui que eu quero aprender.

O Senhor:

– Então tu fique.

Quando o homem perdeu tudo que tinha disse:

– Olha, foi o seu olho que você tava me olhando demais que eu perdi todo o meu dinheiro.

Pegou Pedro e deu uma surra nim Pedro. Aí Pedro:

– Ô Senhor, deixa eu passar pro canto da cama.

O Senhor:

– Passa Pedro:

O homem passou arrecadar o dinheiro de novo que tinha perdido. Aí quando o outro perdeu todo o dinheiro, disse:

– Foi aquele do canto da cama que fez eu perder todo o meu dinheiro.

Pegou Pedro, tome reio. Aí Pedro:

– É Senhor, vumbora que eu já não agüento mais.

O Senhor disse:

– Guenta Pedro. Vumbora manhecer o dia.

Aí nesse meio tempo os homens deram tudo para dormir, foram dormir. Pedro já tinha tomado uma surra aí quietaram. Aí ele disse:

– É Senhor o dia já está manhecendo, vumbora.

Ele disse:

– Deixa os homens acordar pra agradecer os homens.

– Agradecer, Senhor?

Ele disse:

– É, a dormida.

Aí o pessoal levantou, o Senhor virou pra o que bateu nim Pedro primeiro, disse:

– Meu filho, Deus que te abençoe e seja tudo de bom na tua vida.

Aí Pedro:

– Mas Senhor, como o Senhor tá agradecendo esse excomungado que me bateu, Senhor?

– Ele é abençoado.

Aí o outro levantou mais tarde. Disse:

– Vumbora, Senhor.

– Não. Ainda tem o outro, não agradecei a ele.

Aí o outro levantou, aí o Senhor Disse:

– Deus te abençoa.

Aí o homem olhou assim pra cristo, né pesou um pouco. Jesus disse:

– Eu quero lhe agradecer por tudo que você me fez e tu tá abençoado da minha parte.

E agora até logo a todos vocês. Vumbora Pedro.

Ah, mas aí Pedro foi brigando, brigando com o Senhor e levai, levai. Quando chegou na frente aí tinha uma casa de jogo aí o Senhor ribou o chapéu e gritou:

– É Pedro, só pedindo agasalho aí.

– Não Senhor. Eu durmo cá fora, se ocê quiser dormir lá dentro ocê dorme, mas eu não entro mais lá.

Aí ele já aprendeu, né? O Senhor disse:

– Olha, todas as passagens no mundo tem que sofrer pra aprender.

Aí ele veio saber que o jogo era endemoniado que não pertencia a Deus, né? Aí ele não quis mais saber de jogo. Jesus foi a frente mais ele, quando chegou no alto mar, ele disse:

– É Senhor, todos os poderes seus eu fico muito alegre de ver tudo de bom que tu fez neste mundo, mas como tu pôde fazer terra, pedra, cisco virar em água é que eu acho mais difícil.

O Senhor disse:

– Cale a boca Pedro. Vumbora em frente. Aí chegou na frente tá aquele barulheiro, aquela sentinela né, o pessoal chorando. Ele disse:

– Mas Senhor, o Senhor viu aquela mulher da boca grande, uma cara feia gritando:

– Minha mãe morreu, minha mãe morreu. O Senhor tá vendo aí, quanto sentimento?

O Senhor disse:

– Tô vendo, Pedro.

Foram em frente. Tinha que passar um rio, né, antes de passar o rio Cristo comprou duas laranjas.

Disse:

– Aqui Pedro, quando nos for atravessar esse rio você olha pra trás e joga essas duas laranjas. Se todas duas ficar por cima d'água você tá feliz, mas se uma afundar você não é feliz no que vai se dá.

Disse:

– Não, a laranja eu chupo. Eu joga as pedras.

Jesus disse:

– Pedro, se você jogar as pedras você perde tudo.

Ele disse:

Não, eu não vou perder nada porque as pedras eu não me alimento com as pedras e com as laranjas eu me alimento. Me dê as laranjas Senhor. Senhor pegou as laranjas e deu a Pedro. O Pedro chupou as duas laranjas. Quando chegou perto do rio ele pegou uma pedra e jogou a pedra *tibum*. A pedra não voltou tornou pegar outra e jogou. Ele disse:

– É, a pedra não voltou.

– Nós vamos chegar hoje na tua casa, de hoje a três dias, nós temos que caminhar.

Ele disse assim:

– Nem tô ligando pra casa, só tô com saudade de minha mãe e de meu pai.

O Senhor disse:

– Tá bom Pedro, vumbora.

Seguiram, quando chegou na beira da estrada viram crianças brincando, outros brigando, aquela ruma de criança, o Senhor tirou um centavo.

– Toma Pedro, vai lá e dá aquela criança.

Aí ele olhou pro menino, olhou pro Senhor. O Senhor já ia numa distância boa, aí ele botou o dinheiro no bolso. Não deu a criança. O Senhor calou a boca. Ele disse:

– Mas Senhor, ainda três dias pra ir em casa?

O Senhor disse:

– É, Pedro, conforme seja a tua saudade nós chegaremos lá até hoje. Tu deu o dinheiro o menino, Pedro?

Ele disse:

– Dei Senhor. A criança, mas Senhor, a criança ficou numa alegria.

– E ele fez mais o quê, Pedro?

– Não Senhor, só disse “Deus te ajude”

O Senhor disse:

– Tá Pedro.

Ele caminhou, caminhou, caminhou. O Senhor de vez em quando lembrava a ele:

– Pedro, ocê deu o dinheiro a criança?

– Dei, Senhor. A criança te deu Deus te ajude. Não foi bom pra nós não?

O Senhor:

– Foi Pedro?

Mas o Senhor sabia que ele não tinha dado o dinheiro à criança. Foram em frente. quando chegou em frente tinha umas crianças, o Senhor tirou outro centavo.

– Tome Pedro, vai lá dá aquela criança. Ele deu. A criança correu, botou o dinheiro na boca, né? Aí o Senhor perguntou, disse:

– Pedro, ocê deu o dinheiro a criança?

– Dei.

– Ele fez o quê quando você deu o dinheiro?

– Botou na boca.

– O Senhor disse:

– Esse você deu, esse você deu e hoje chegou a nossa estância de um para o outro, você vai sofrer seis anos pra você aprender a ser um apóstolo pra servir o meu reino porque você errou muito Pedro.

Ele disse:

– Eu vou fazer o quê Senhor?

O senhor disse:

– Te darei o teu lugar que tu mandar. Mas tu tem que sofrer.

Quando ele chegou na casa dele tinha morrido o pai e a mãe. Foi as duas Pedras que ele jogou dentro d’água.

– Ah! Senhor, meu pai e minha mãe morreu o que é que eu faço Senhor?

Ele disse:

– Foi você que matou, Pedro. Eu te dei as duas laranjas pra tu jogar dentro d’água, se tu jogasse a laranja ela descia e subia pra cima d’água. Ela não afundava. Você jogava outra, era o mesmo caso, ela descia e subia, e não Pedro, você jogou as pedras, as pedras foi e não voltou mais, a vida de seu pai e de sua mãe.

Aí não pode mexer. Pedro deu aquele calundu e Pedro chorou. O senhor disse:

– Olhe Pedro, o filho não pode ser desobediente aos pais, nem o carro pode andar adiante dos bois.

Ele disse:

– Mas como é que é isso?

Aí o senhor baixou no chão, panhou duas pedrinhas, botou lá na frente, né, e botou uma pedrinha atrás, né? E disse:

– Lá está os bois aqui atrás está o carro do boi. É assim Pedro que nós andamos, o que eu lhe falar você vai ter que escutar não é você atravessar na minha frente. Só quer fazer o que sua boa vontade dá não pode ser assim.

Pedro disse:

– Ah, Senhor hoje é que tu veio me ensinar o benefício da vida.

E aí a história entra por uma sai por outra e terminou. /RISOS/